



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

**SOBRE MORTE E GÊNERO:
UMA ANÁLISE DOS PAPÉIS DE GÊNERO NO CONTEXTO
FUNERÁRIO DOS SÍTIOS JUSTINO-SE E FURNA DO ESTRAGO-PE**

DANÚBIA VALÉRIA RODRIGUES DE LIMA

RECIFE/PERNAMBUCO

2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

DANÚBIA VALÉRIA RODRIGUES DE LIMA

SOBRE MORTE E GÊNERO:
UMA ANÁLISE DOS PAPÉIS DE GÊNERO NO CONTEXTO FUNERÁRIO DOS
SÍTIOS JUSTINO-SE E FURNA DO ESTRAGO-PE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para obtenção do título de Mestre em Arqueologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Viviane Maria Cavalcanti de Castro

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Olívia Alexandre Carvalho

Recife/Pernambuco
2012

L732s Lima, Danúbia Valéria Rodrigues de

Sobre morte e gênero: uma análise dos papéis de gênero no contexto funerário dos sítios Justino-SE e Furna do Estrago-PE. / Danúbia Valéria Rodrigues de Lima. – Recife: O autor, 2012.

194 f. : il., 30 cm.

Orientador: Profa. Dra. Viviane Maria Cavalcanti de Castro

Co-orientador: Profa. Dra. Olívia Alexandre Carvalho

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, 2012.

Inclui bibliografia e apêndices.

1. . Arqueologia. 2. Sítios Arqueológicos. 3. Práticas funerárias. I. Castro, Viviane Maria Cavalcanti. (Orientadora). II. Carvalho, Olívia Alexandre. (Co-orientadora). III. Título.



Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Filosofia e ciências Humanas
Departamento de Arqueologia
Programa de Pós-graduação em Arqueologia

ATA DE DEFESA DA DISSERTAÇÃO DA ALUNA DANÚBIA VALÉRIA RODRIGUES DE LIMA

Às 9 horas do dia 02 (dois) de maio de 2012 (dois mil e doze), no Curso de Mestrado em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco. A Comissão Examinadora da Dissertação para obtenção do grau de Mestre apresentada pela aluna **Danúbia Valéria Rodrigues de Lima** intitulada “*Sobre Morte e Gênero. Uma análise dos papéis de gênero no contexto funerário dos sítios Justino-SE e Furna do Estrago-PE*”, sob a orientação da Profa. **Viviane Maria Cavalcanti de Castro**, em ato público, após arguição feita de acordo com o regimento do referido Curso, decidiu conceder a mesma o conceito “**Aprovada**”, em resultado à **Cláudia Alves de Oliveira, Sérgio Francisco Serafim Monteiro da Silva e Olívia Alexandre de Carvalho**. Assinam também a presente ata, o coordenador, Prof. Ricardo Pinto de Medeiros e a secretária Luciane Costa Borba para os devidos efeitos legais.

Recife, 02 de maio de 2012

Profa. Dra. Cláudia Alves de Oliveira

Prof. Dr. Sérgio Francisco Serafim Monteiro da Silva

Profa. Dra. Olívia Alexandre de Carvalho

Prof. Dr. Ricardo Pinto de Medeiros

Luciane Costa Borba

Aos meus avós, “dona Gilú” e “seu Lucas”.

Qualquer discussão acerca da posição da mulher, do seu caráter e do temperamento, da sua escravização ou emancipação, obscurece a questão básica; o reconhecimento de que a trama cultural por trás das relações humanas é o modo como os papéis dos dois sexos são concebidos e de que o menino em crescimento é formado para uma ênfase local e especial tão inexoravelmente como o é a menina em crescimento (MEAD, 2009, p. 23).

AGRADECIMENTOS

À orientadora desta pesquisa, Profa. Dra. Viviane Castro, pela atenção e amizade. Sua disponibilidade para discutir, corrigir e sugerir são um exemplo a seguir. Sou-lhe muito grata.

Ao meu marido, Flávio Moraes, pelo auxílio na análise, pelas fotografias, sugestões e discussões. Também pela sua compreensão nos meus momentos de ausência, por revezar comigo nos afazeres domésticos e com Rudá, nosso filho. Viu? Igualdade de gênero começa em casa!

Ao professor Dr. Albérico Nogueira e a Dra. Olívia Carvalho, sou grata por viabilizar a pesquisa no acervo do Museu de Arqueologia de Xingó/MAX e no Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe/UFS, Campus Laranjeiras.

Agradeço também ao Prof. Dr. Scott Allen, pelas sugestões, pela carga de leitura na disciplina Teoria Arqueológica I, que foi de extrema importância para o desenvolvimento teórico nesta dissertação.

Não poderia deixar de agradecer ao Prof. Dr. Sérgio Monteiro, que me auxiliou imensamente nas sugestões bibliográficas e metodológicas, pelas críticas e pelo incentivo aos estudos de gênero.

A Profa. Dra. Cláudia Oliveira, que durante a disciplina “Seminário de Dissertação”, me fez passar horas pensando: “qual o problema da minha dissertação?”, e justamente por este motivo foi importante para a elaboração do nosso problema, objetivos e hipóteses.

A Onésimo Santos, um muito obrigada pela confecção do mapa referente ao sítio Furna do Estrago.

Aos colegas de turma: Cecília, Gena, Pétrius, Luciano, Rômulo, Emília e Rute: “a equipe caveira”, que fizeram das aulas mais divertidas e o trabalho de campo, apesar de cansativo, feliz, porque “missão dada, é missão cumprida”.

Um agradecimento especial gostaria de dedicar a querida amiga Rute Barbosa, por compartilhar comigo as angústias e choros nesse período, além dos bons momentos e até mesmo os quilos a mais, isso é que é ser amiga!

A minha família pelo apoio incondicional de sempre, em especial a minha mãe, minha avó e minha sogra, que tanto me auxiliaram nos cuidados com Rudá. Sem a ajuda delas, seria realmente impossível a realização deste trabalho.

A amiga, Rafaela Souza, pelas discussões e sugestões sobre gênero, além do ombro amigo sempre disponível para minhas lamentações.

Por fim, agradecer ao CNPQ pelo auxílio financeiro durante o mestrado, aos professores do programa de pós-graduação em arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco/UFPE, em especial aos que tive o prazer de cursar as disciplinas, pois todo o conhecimento adquirido durante as aulas influenciou de maneira positiva no desenvolvimento desta dissertação.

A secretaria do programa, em especial a Luciane Borba, pela disponibilidade e prontidão em nos auxiliar quando preciso. Meus sinceros agradecimentos a todos.

RESUMO

O estudo das relações de gênero tem sido cada vez mais, incorporados à pesquisa arqueológica, em especial na Europa e América do Norte e mais recentemente na América do Sul. No Brasil, apesar de mais de uma década ter se passado após a publicação do primeiro artigo sobre esta abordagem, observa-se que a literatura sobre arqueologia de gênero se desenvolvido lentamente. Este estudo teve como principal objetivo a análise dos papéis de gênero atribuídos a mulheres e homens, no contexto funerário dos sítios Justino e Furna do Estrago, tendo como base os dados mortuários culturais biológicos, presentes nas deposições funerárias. Assim, foi possível encontrar elementos indicadores de diferenciações de gênero, conforme sugere nossa hipótese, de que as relações e os papéis de gênero, como parte componencial da vida social, podem ser observados no contexto arqueológico funerário, por meio da materialidade funerária, das doenças e lesões dentárias. Foram utilizados nesta análise apenas indivíduos adultos do sexo feminino e masculino, sob a perspectiva de gênero e variáveis relacionadas aos aspectos culturais do contexto funerário e dados mortuários biológicos relativas às patologias dentárias. Os resultados sugerem a percepção de alguns elementos indicadores de recorrências e diferenças que podem ser atribuídos a papéis de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia de gênero – Práticas Funerárias – Bioarqueologia.

ABSTRACT

The study of gender relations have been increasingly incorporated into archaeological research, especially in Europe and North America. In Brazil, even though a decade after the first paper on this approach had been published, it can be noticed that there are still few studies on Gender Archeology. So, this dissertation aimed to analyze the gender roles assigned to both men and women in the context of 'Justino' and 'Furna do Estrago' burial sites, based on cultural and biological morgue data, present in funerary structures. As we hypothesized, it was possible to find differential elements of gender and relations and gender roles, as part of componential social life, pointed out in archaeological funeral context through its materiality, diseases and dental bone lesions. Only adult female and male were used in this analysis, under the gender perspective and variables related to cultural aspects of funerary context and biological variables related to dental diseases. The results suggested the identification of recurrent elements and differences which can be attributed to gender roles.

KEYWORDS: Gender Archaeology - Funerary Practices – Bioarchaeology.

ÍNDICE DE FIGURAS

CAPÍTULO II.

Figura 1. Cárie proximal, com exposição do canal pulpar. A parede óssea proximal situada entre ambos os dentes foi perdida por meio do processo de reabsorção alveolar, afetando a superfície óssea bucal e lingual. Fonte: Allende, 2008..... 57

Figura 2. Incisivos central e lateral, superiores e inferiores sofreram alterações devido o hábito de fumar cachimbo. Fonte: Goyenecha, 2001..... 62

CAPÍTULO III.

Figura 1. Mapa da área arqueológica de Xingó. Fonte: Fagundes, 2010, p. 66

Figura 2. Vista do sítio Justino durante os trabalhos arqueológicos. Fonte: Acervo do MAX..... 67

Figura 3. Vista aérea do terraço fluvial no qual foi localizado o sítio Justino. Fonte: Acervo do MAX..... 73

Figura 4. Evidenciação de um enterramento. Fonte: Acervo do MAX..... 75

Figura 5. Vista da entrada do sítio Furna do Estrago..... 79

Figura 6. Assinalado com uma seta, observamos o sítio Furna do Estrago, que está localizado na encosta norte da Serra da Boa Vista. Foto: Viviane Castro (2011)..... 81

CAPÍTULO IV.

Figura 1. Indivíduo 70, sexo feminino, decúbito lateral esquerdo, fletido. Fonte: Acervo do Max..... 90

Figuras 2 e 3. Exemplo de machados polidos. Fonte: Acervo do MAX..... 94

Figuras 4 e 5 Exemplos de instrumentos líticos lascados. Fonte: Acervo do MAX..... 95

Figura 6. Tipo de Vasilhame associado ao enterramento nº 32. Foto: Flávio Moraes (2011)..... 97

Figura 7. Tipo de vasilhame encontrado no do sítio Justino. Fonte: Acervo do MAX..... 98

Figura 8. Indivíduo 34, sexo masculino. Fonte: Acervo do MAX.....	98
Figura 9. Indivíduo 118, sexo masculino Fonte: Carvalho, 2006.....	99
Figura 10. Exemplo de cachimbo encontrado no sítio Justino. Fonte: Acervo do MAX.....	99
Figuras 11. Contas de colar associadas ao indivíduo 116, sexo feminino. Foto: Flávio Moraes (2011).....	100
Figuras 12. Contas de colar associadas ao indivíduo 116, sexo feminino. Foto: Flávio Moraes (2011).....	100
Figura 13. Tembetá. Fonte: Acervo do MAX.....	100
Figura 14. Indivíduo 105, sexo masculino. Neste enterramento, os ossos longos tiveram suas epífises polidas, conforme indicam as setas. Fonte: Carvalho, 2006.....	102
Figuras 15 e 16. Indivíduos 15 e 18, sexo masculino. Sepultura estruturada por blocos de rocha. Fonte: Acervo do Laboratório e Museu de Arqueologia de UNICAP.....	104
Figura 17. Indivíduo 87.18, sexo masculino. Enterramento secundário. Fonte: Acervo do Laboratório e Museu de Arqueologia de UNICAP.....	105
Figura 18. Indivíduo FE8, sexo masculino, em decúbito dorsal. Fonte: Acervo do Laboratório e Museu de Arqueologia de UNICAP.....	106
Figura 19. Visão geral dos indivíduos sepultados em decúbito lateral. Fonte: Acervo do Laboratório e Museu de Arqueologia de UNICAP.....	106
Figura 20. Indivíduos 06 e 07, sexo feminino. Membros fortemente fletidos. Fonte: Acervo do Laboratório e Museu de Arqueologia de UNICAP.....	107
Figura 21. Contas de colar cilíndricas, confeccionadas em ossos de ave, pertencentes ao indivíduo FE32, sexo feminino. Fonte: Acervo do Laboratório e Museu de Arqueologia de UNICAP.....	110
Figura 22. Contas de colar, confeccionadas em conchas, indivíduo FE7, sexo feminino. Fonte: Acervo do Laboratório e Museu de Arqueologia de UNICAP.....	110
Figura 23. Dentes de felino utilizados como contas de colar, indivíduo FE2, sexo feminino. Fonte: Acervo do Laboratório e Museu de Arqueologia de UNICAP.....	111

Figura 24. Colar de contas de sementes de gindiroba (<i>Fivellea trilobata</i> L.). Indivíduo FE8, sexo masculino. Fonte: Acervo do Laboratório e Museu de Arqueologia de UNICAP.....	111
Figura 25. Pingente confeccionado a partir de uma calota craniana de pequeno primata. Indivíduo FE14, sexo masculino. Fonte: Acervo do Laboratório e Museu de Arqueologia de UNICAP.....	112
Figura 26. Pingente confeccionado a partir de osso longo de mamífero. Indivíduo FE51, sexo masculino. Fonte: Acervo do Laboratório e Museu de Arqueologia de UNICAP.....	112
Figura 27. Indivíduo FE45, sexo masculino. Fonte: Acervo do Laboratório e Museu de Arqueologia de UNICAP.....	114
Figura 28. Secção de um tronco de palmeira, utilizado como apoio para o crânio. Indivíduo FE 45, sexo masculino. Fonte: Acervo do Laboratório e Museu de Arqueologia de UNICAP.....	114
Figura 29. Desenho representando o indivíduo FE45, a seta azul indica o instrumento confeccionado de madeira (tacape), que fazia parte do enxoval funerário. Fonte: Acervo do Laboratório e Museu de Arqueologia de UNICAP.....	114
Figura 30. Indivíduo FE11, sexo masculino: “o flautista”. Fonte: Acervo do Laboratório e Museu de Arqueologia de UNICAP.....	115
Figura 31. Flauta confeccionada em osso. Foto: Viviane Castro (2009).....	115
Figuras 32e 33. Diversidade de técnicas de trançado. Foto: Viviane Castro (2009).....	117
Figuras 34 e 35. Diversidade de técnicas de trançado. Foto: Viviane Castro (2009).....	117

CAPÍTULO V.

Figura 1. Indivíduo proveniente da sepultura 33, sexo masculino. Em certos casos, os indivíduos possuíam mais de um caso de lesão dentária. Como neste exemplo, em que pode-se identificar o abscesso dentário, indicado pela seta vermelha, atingindo o canino inferior direito, que também sofreu perda dentária pós-morte. A seta amarela aponta reabsorção alveolar, ou seja, este indivíduo perdeu os dois dentes pré-molares e o 1º molar em vida. E abrasão dentária severa. Foto: Danúbia Moraes (2011).....	126
--	-----

Figura 2. Indivíduo proveniente de sepultura 15, sexo masculino. Lado direito da mandíbula. Foto: Danúbia Moraes (2011).....	126
Figura 3. Indivíduo 134, sexo feminino. Casos de hipoplasia nos incisivos centrais, que também pode ser percebida nos incisivos laterais (superior e inferior), caninos (superior e inferior), 1º e 2º molar (superior e inferior, lado direito). Foto: Danúbia Moraes (2011).....	134
Figura 4. Indivíduo 49, sexo feminino. Presença de hipoplasia nos incisivos central e lateral superior esquerdo e no canino do mesmo lado. Foto: Danúbia Moraes (2011).....	134
Figura 5. Indivíduo 123, sexo feminino. Mandíbula lado esquerdo, apresentando casos de abscessos dentários no 2º pré-molar e 1º molar. Além disso, apresenta abrasão severa da face oclusal dos dentes. Foto: Flávio Moraes (2011).....	135

ÍNDICE DE TABELAS

CAPÍTULO III.

Tabela 1. Datações radiocarbônicas obtidas para o sítio Justino.....	75
Tabela 2. Datações radiocarbônicas obtidas para o sítio Furna do Estrago....	81

CAPÍTULO IV.

Tabela 1: Frequências absolutas e relativas da posição de enterramento de 61 indivíduos de três ocupações do sítio Justino.....	91
Tabela 2: Frequências absolutas de posições de flexão do corpo, dos membros superior esquerdo e direito, e dos membros inferiores dos indivíduos das três ocupações do sítio Justino	92
Tabela 3: Frequências relativas (em %) de posições de flexão do corpo, dos membros superior esquerdo e direito, e dos membros inferiores dos indivíduos das três ocupações do sítio Justino.....	92
Tabela 04: Frequências absolutas e relativas da posição do crânio de 48 indivíduos das três ocupações do sítio Justino.....	93
Tabela 5: Variáveis não quantificáveis relacionadas aos materiais e tratamentos associados aos enterramentos em três ocupações do sítio Justino.....	94
Tabela 06 Frequências absolutas e relativas dos tipos de materiais líticos associados às sepulturas de indivíduos femininos e masculinos nas três ocupações do sítio Justino (N = 70).....	95
Tabela 7 Frequências absolutas e relativas da quantidade de artefatos líticos entre indivíduos femininos e masculinos sepultados nas três ocupações do sítio Justino (N = 71).....	96
Tabela 8: Frequências absolutas da posição de seis indivíduos femininos e 17 masculinos nas sepulturas do sítio Furna do Estrago.....	107
Tabela 9: Frequências absolutas de posições de flexão do corpo, dos membros superior esquerdo e direito, e dos membros inferiores dos indivíduos sepultados no sítio Furna do Estrago.....	108
Tabela 10: Posição do crânio em 19 indivíduos encontrados nos enterramentos do sítio Furna do Estrago.....	109

Tabela 11: Frequências absolutas dos tipos de combinações de adornos encontrados nas sepulturas de 28 indivíduos no sítio Furna do Estrago.....	112
Tabela 12: Quantidade de adornos encontrados em associação a 26 indivíduos sepultados no sítio Furna do Estrago.....	113
Tabela 13: Envoltórios encontrados nas sepulturas de 24 indivíduos sepultados no sítio Furna do Estrago.....	116

CAPÍTULO V.

Tabela 1: Frequências absolutas e relativas das patologias dentárias de 57 indivíduos encontrados em enterramentos no sítio Justino; alguns indivíduos apresentavam duas ou três patologias (N=88).....	127
Tabela 2: Frequências absolutas e relativas dos tipos de patologias dentárias em indivíduos femininos e masculinos sepultados no Sítio Justino.....	129
Tabela 3: Frequências absolutas e relativas do número de tipos de patologias dentárias por indivíduo nas três ocupações do Sítio Justino (N = 57).....	131
Tabela 4: Frequências absolutas e relativas de 88 patologias dentárias nos 57 indivíduos das três ocupações do Sítio Justino.....	132

ÍNDICE DE GRÁFICOS

CAPÍTULO IV.

Gráfico 1. Frequências relativas (%) da quantidade de artefatos líticos em indivíduos femininos e masculinos das três ocupações do sítio Justino (N = 71).....	96
--	----

CAPÍTULO V.

Gráfico 1: Frequências relativas (%) de ocorrência do número de tipos de patologias dentárias por indivíduo em 57 sepulturas encontrados no Sítio Justino (N=57).....	127
Gráfico 2: Frequências relativas (%) de 88 patologias dentárias encontradas em 57 indivíduos sepultados no Sítio Justino.....	128
Gráfico 3: Frequências relativas (em %) da ocorrência de um, dois ou três tipos de patologias dentárias em indivíduos femininos (N=13) e indivíduos masculinos (N=44) sepultados nas três ocupações do Sítio Justino.....	129
Gráfico 4. Frequências relativas de patologias dentárias em indivíduos femininos (N=13) e indivíduos masculinos (N=44) das três ocupações do Sítio Justino.....	130
Gráfico 5: Frequências relativas do número de tipos de patologias dentárias por indivíduo nas três ocupações do Sítio Justino (N = 57).....	131
Gráfico 6: Frequências relativas da ocorrência de patologias dentárias nos indivíduos das três ocupações do Sítio Justino (N = 88).....	132

SUMÁRIO

Introdução.....	19
Capítulo I. Em busca das origens da arqueologia de gênero: considerações teóricas.....	26
1.1. Do feminismo aos estudos de gênero.....	26
1.2. O gênero como categoria de análise arqueológica.....	34
1.3. Breve histórico dos estudos de gênero na arqueologia brasileira.....	40
1.4. Gênero e Arqueologia das Práticas Funerárias.....	43
Capítulo II. Bioarqueologia e Paleopatologia como indicadores de papéis de gênero.....	49
2.1. Descrição das doenças dentárias frequentemente encontradas em sítios pré-históricos.....	53
Capítulo III. Contextualização Paleoambiental, Histórica e Pesquisas Arqueológicas nos sítios Justino e Furna do Estrago.....	64
3.1. A área arqueológica de Xingó.....	64
3.1.1. Contexto ambiental e paleoambiental de Xingó.....	68
3.1.2. O sítio Justino.....	72
3.2. Contextualizando: a área arqueológica do Vale do Ipojuca e o sítio Furna do Estrago.....	78
Capítulo IV. Metodologia de análise e Resultado dos Dados Mortuários Culturais.....	86
4.1. Análise dos dados mortuários culturais: indicadores de gênero nas	

estruturas funerárias.....	86
4.2. Resultados: sítio Justino.....	90
4.2.1. Posição dos Indivíduos na Sepultura.....	90
4.2.2. Flexão do Corpo e Membros.....	91
4.2.3. Posição do Crânio.....	93
4.2.4. Acompanhamentos Funerários e Materiais associados aos Enterramentos.....	93
4.3. Síntese dos Resultados.....	97
4.4. Resultados: Sítio Furna do Estrago.....	104
4.4.1. Tipo de Enterramento, Estrutura dos Enterramentos e Posição dos Indivíduos.....	104
4.4.2. Acompanhamentos Funerários e Materiais associados aos Enterramentos.....	110
4.5. Síntese dos Resultados.....	117
Capítulo V. Metodologia e Análise dos dados Mortuários Biológicos.....	119
5.1. Análise dos dados mortuários biológicos: paleopatologias dentárias e os indicadores de gênero.....	120
5.1.1. Análise estatística descritiva.....	124
5.2. Resultados: Sítio Justino.....	125
5.2.1. Síntese dos resultados.....	133
Capítulo VI. Discussão dos resultados.....	136

6.1 Considerações finais.....	149
Referência Bibliográfica.....	153
Apêndices.....	160
Apêndice I. Indivíduos com sexo determinado sepultados no sítio Justino.....	170
Apêndice II. Indivíduos com sexo determinado sepultados no sítio Furna do Estrago.....	188

INTRODUÇÃO

Mais uma vez, o caminho da morte deve levar-nos mais fundo na vida, como o caminho da vida nos deve levar mais fundo na morte (MORIN, 1970, p. 11).

Os estudos sobre práticas mortuárias têm sido desenvolvidos sob diversos vieses, desde abordagens descritivas até as mais recentes abordagens cognitivas, simbólicas e também sob a perspectiva da arqueologia de gênero. Os conceitos de prática funerária, gênero e papéis de gênero são o ponto de partida deste trabalho.

É importante esclarecer que no campo de estudo desta temática (gênero), de uma forma geral e também na arqueologia, existe uma distinção entre sexo e gênero. O gênero é uma construção extrassomática e socialmente aceita sobre os papéis próprios a homens e mulheres. Scott (1990, p. 15) afirma que “gênero não remete apenas a ideias, mas também a instituições, a estruturas, a práticas quotidianas e a rituais, ou seja, a tudo que constitui as relações sociais.” E desta forma, pode ser percebido no registro arqueológico.

O gênero também é mutável, pois as interações concretas entre indivíduos proporcionam sua ressignificação (GROSSI, 1998), e em cada sociedade ele atua de modo diferente. Contudo, apesar da carga cultural exercida sobre a construção da identidade de gênero, “a matriz heterossexual, a partir da inteligibilidade da identidade de gênero, segue o sexo biológico” (BUTLER, 1990, p. 151). Esta frase teoriza o exemplo da nossa sociedade ocidental, na qual o sistema sexual está estruturado de forma binária, ou seja, homem e mulher. Neste caso, os papéis de gênero estão atrelados ao sexo dos indivíduos. De acordo com Elizabeth Brumfiel (2006, p. 37), o gênero é definido como “(...) um sistema de diferenças culturalmente definidas, atribuídas aos indivíduos com base no sexo biológico (...)”. O desempenho exercido por homens e mulheres é parte das imposições sociais. Contudo, Scott (1990) assinala que o gênero pode fazer parte do sistema de relações que incluem o sexo, mas que não é diretamente determinado por ele e nem determina diretamente a sexualidade.

Destarte, nos contextos arqueológicos, principalmente pré-históricos, nos quais não há outra fonte de pesquisa além do registro fragmentado, os gêneros

são estudados com base no sexo do indivíduo. E foi desta maneira que desenvolvemos nossa análise, buscando os diferentes “papéis de gênero” entre os grupos humanos exumados nos sítios Furna do Estrago e Justino.

Pesquisas arqueológicas realizadas sob a perspectiva de gênero podem viabilizar a compreensão das variadas dinâmicas sociais em grupos pré-históricos. Os papéis de gênero são múltiplos e desiguais mesmo em grupos caçadores-coletores, sobre os quais Leopoldi (2004) sugere que:

(...) a mulher sempre desempenha tarefas que a sociedade reconhece e valoriza. Mas é preciso distinguir entre as atividades e o trabalho que cabem à mulher e o status que ela ostenta no contexto considerado, coisas que geralmente não se dimensionam nas mesmas proporções. De qualquer maneira, ela estará sempre desempenhando um papel socialmente importante, exercendo algum tipo de influência sobre a família e a comunidade, mesmo que seja “simplesmente” mãe e, como tal, “apenas” responsável pelos cuidados da casa e das crianças. Mesmo nesse caso, só o fato de aparecer como o principal agente socializador dos infantes mostra como ela ajuda a moldar os futuros adultos e líderes do seu grupo. E, se o trabalho feminino resulta em contribuição bastante destacada no setor de alimentação – seguramente o mais valorizado entre os caçadores-coletores –, é natural que sua importância seja reconhecida pelos seus pares e, conseqüentemente, desempenhe um papel também valorizado pela comunidade. (LEOPOLDI, 2004, p. 64).

Gostaríamos de ressaltar que as diferenças pontuadas nas relações de gênero não significam submissão ou opressão do elemento feminino, mas apenas indicam que cada sociedade tem sua forma de exercer os diferentes papéis de gênero.

Diversos pesquisadores têm utilizado a abordagem de gênero na arqueologia. Desde os anos 1980, nos Estados Unidos e na Europa, principalmente. No Brasil, de forma mais modesta, os estudos de gênero ganharam impulso nos últimos dez anos, obtendo maior ímpeto e visibilidade a partir dos trabalhos desenvolvidos por pesquisadoras como Denise Schaan (2001; 2003), Glaucia Sene (2007), Eliana Escórcio (2008) e Eliana Escórcio e Maria Dulce Gaspar (2005; 2010).

A arqueologia de gênero é multifacetada, sendo possíveis estudos que vão desde análises do cotidiano, como no caso das atividades de subsistência, até as práticas funerárias, compreendidas como um conceito mais amplo neste trabalho, envolvendo tanto as práticas realizadas em torno da morte e que podem ser apreendidas na sepultura, quanto às informações biológicas que tais

enterramentos nos fornecem. É no estudo de gênero com base no estudo dos estágios das práticas relacionadas ao sistema funerário, nos remanescentes ósseos e dentários, que está o lugar por excelência da arqueologia de gênero, a julgar pela quantidade de pesquisas que tem enveredado por esta temática (ARNOLD E WICKER, 2001; ALLENDE, 2008; SOFAER, 2006; PERAILE, 2007; HOLLIMON, 1998; 2001), e seus resultados positivos. Esta prática interdisciplinar, abordando o gênero, práticas funerárias e paleopatologias, tanto ósseas quanto dentárias, representa uma nova perspectiva para obtenção e processamento de informações sobre as populações pretéritas, questionando e debatendo problemas do passado ainda não pensados, em parte, na ciência arqueológica.

Na arqueologia, a evidência mais direta para tratar sobre sexo e gênero vem do estudo dos enterramentos. Estes podem nos prover informações sobre sexo em termos biológicos e gênero em termos de diferenciação social através dos acompanhamentos funerários (RENFREW E BAHN, 1993). Acrescentamos como evidência, por exemplo, as doenças dentárias.

Neste trabalho, em consonância com o exposto nos parágrafos anteriores, o termo gênero é entendido como referência a qualquer construção cultural extrasomática que represente o papel exercido por homens e mulheres no contato social. Assim, dando início aos estudos relações de gênero na pré-história do Nordeste do Brasil, este trabalho objetiva evidenciar os indicadores e os papéis de gênero presentes nos vestígios funerários dos sítios cemitérios Furna do Estrago e Justino.

Tais sítios arqueológicos foram escolhidos por apresentarem um número expressivo de indivíduos sepultados com sexo identificado e por possuírem um acervo osteológico significativo, importante para o estudo da pré-história do nordeste.

O sítio Justino é um cemitério pré-histórico, situado em um terraço fluvial, às margens do rio São Francisco, no município de Canindé do São Francisco, no sertão sergipano. Foram exumados 177 esqueletos humanos, distribuídos em quatro ocupações (A, B, C e D), com cronologia estabelecida entre 1280 ± 45 A.P. e 8950 ± 70 A.P. O cemitério de ocupação mais antiga, o D, não será incluído na

análise por três fatores interligados: baixa quantidade de indivíduos sepultados (apenas seis); apenas quatro indivíduos possuem diagnose sexual (sendo dois indivíduos do sexo masculino, dois do sexo feminino e dois indeterminados); péssimo estado de conservação. Portanto, do montante de esqueletos resgatados, fizeram parte desta pesquisa apenas oitenta e sete (87) indivíduos adultos, entre masculinos e femininos.

O sítio cemitério Furna do Estrago, localizado no município do Brejo da Madre de Deus, região Agreste do estado de Pernambuco, é um abrigo sob rocha. Foram oitenta e sete indivíduos exumados, no entanto os que se encontravam localizados em níveis mais profundos ou na área de gotejamento próxima à entrada da Furna estavam mal conservados, com impregnação de fungos ou pulverizados. Por esse motivo foram desprezados. Porém, setenta e quatro (74) esqueletos articulados e bem preservados foram considerados expressivos dessa ocupação e proporcionaram material para os estudos de Antropologia Biológica. Não obstante, o total da amostra utilizada para esta dissertação será de trinta e cinco (35) indivíduos, haja vista ser este o número de indivíduos adultos com sexo determinado.

Este estudo parte do pressuposto que o contexto funerário é resultante, em parte, do ritual realizado.

O ritual funerário é uma dessas ações sociais, pois ao preparar o corpo de uma determinada maneira, ao escolher o local do enterramento, ao definir a forma da cova, ao colocar ou não objetos junto ao morto, o grupo está comunicando suas escolhas, suas preferências. Está transmitindo uma parte de sua memória, por meio do ente falecido. Assim, as estruturas funerárias, que são os vestígios do ritual realizado, se transformam em elementos de comunicação (CASTRO, 2009, p.63).

Sendo assim, o espaço funerário pode ser utilizado para o estudo e interpretação das relações sociais, dentre as quais podemos destacar as relações de gênero. Assim como Bettina Arnold, defendemos que as evidências “(...) mortuárias se constituem numa das mais reveladoras fontes de informação no que concerne às configurações de gênero de uma dada sociedade (...)” (ARNOLD, 2006, p.140), e que a idade, o sexo e o status social do indivíduo sepultado estão expressos na cultura material (BINFORD, 1971; SAXE, 1970; TAINTER, 1978).

Todas as variáveis que compõe os enterramentos, como tratamento e preparação do corpo, acompanhamentos funerários e análises biológicas, constituem as variáveis passíveis de análise no contexto funerário.

A partir do exposto, elaboramos os questionamentos que nortearam nossa pesquisa: “Porque existem diferenças entre os enterramentos masculinos e femininos nos sítios cemitérios Furna do Estrago e Justino?”.

A morte e, sobretudo, o destino que se dá a um cadáver são capazes de gerar dinâmicas e representações socioculturais diversas sobre as quais se apoiam e regulam grupos e atividades humanas (MOTTA, 2008). Tais representações socioculturais, ainda que de forma bastante sutil no contexto funerário, podem ser percebidas por meio de uma minuciosa análise que inclui as variáveis utilizadas nesta pesquisa – os maxilares e mandíbulas provenientes dos enterramentos de indivíduos femininos e masculinos, adultos, dos sítios Furna do Estrago e Justino, além de seu acompanhamento funerário e toda a ritualidade materializada na sepultura, ou seja, posição do corpo, flexão, tipo de enterramento, de cova, etc. Tanto os objetos que fazem parte do acompanhamento funerário quanto o estudo paleopatológico podem nos fornecer informações a respeito do estilo de vida desses grupos.

É com este embasamento teórico que afirmamos como hipótese que as diferenças observadas nos enterramentos masculinos e femininos correspondem às distinções nos papéis de gênero. Estas podem estar presentes no registro arqueológico por meio de indicadores de gênero nos sítios Furna do Estrago e Justino, representados nos elementos culturais presentes na materialidade do contexto funerário, em especial nos acompanhamentos funerários.

Além disso, os papéis distintos de cada gênero são passíveis de serem percebidos nas doenças e lesões dentárias. Tais papéis de gênero apontam diferenças entre indivíduos masculinos e femininos, especialmente nas atividades de subsistência e alimentação. Esta diferenciação provém de um *status* diferenciado para ambos os gêneros dentro do grupo. E assim como as demais categorias sociais e de *status*, é refletido na ritualidade funerária dispensada e nas patologias dentárias identificadas.

A análise e a interpretação desses indicadores em associação às informações arqueológicas constituem tentativas de visão mais refinada sobre os papéis atribuídos a homens e mulheres, que nada mais é do que o comportamento cotidiano diretamente relacionado às escolhas quanto ao estilo de vida do grupo.

Utilizando como variáveis os indicadores biológicos e culturais, nosso principal objetivo foi recuperar informações das atividades emblematicamente sexualizadas, ou de gênero, por meio de análise do registro arqueológico funerário nos sítios cemitérios Justino e Furna do Estrago.

Para alcançar tal objetivo foram formulados os seguintes objetivos específicos:

- identificar os indicadores de gênero, por meio de um detalhado estudo das sepulturas;
- caracterizar as práticas funerárias dos sítios em estudo, definindo que elementos culturais, presentes nas sepulturas, nos fornecem dados suficientes para que possamos observar tratamento diferenciado entre gêneros;
- identificar quais patologias dentárias podem estar relacionadas às diferenças na alimentação e nas atividades de subsistência entre homens e mulheres.

Devido à baixa quantidade de indivíduos do sexo feminino em todas as ocupações de ambos os sítios, optamos por não realizar uma análise intrassítio, pois, desta forma, o viés masculino seria muito grande. Optamos, então, por estudar os sítios arqueológicos como um todo.

Para a realização deste estudo, utilizamos a cultura material associada aos enterramentos e o material dentário humano de indivíduos adultos com sexo identificado, além de dados etnográficos e etnohistóricos, para nos auxiliar a pensar nas relações de gênero na pré-história. Em relação ao estudo das mandíbulas e maxilares, foram utilizados os princípios metodológicos desenvolvidos pela Paleopatologia, ciência que faz parte do palimpsesto metodológico que compreende a Bioarqueologia e a Antropologia Biológica.

Os estudos bioarqueológicos têm por objetivo enriquecer o conhecimento sobre a origem biológica humana, no qual, a partir do estudo dos remanescentes

ósseos e dentários das populações, visa contribuir para a reconstrução e interpretação dos agentes não apenas biológicos, mas também culturais que permeiam as sociedades humanas.

A Paleopatologia, quando compreendida no contexto epidemiológico e populacional, passa a dialogar com a mortalidade, os sinais de doenças, as variações dentro dos grupos de sexo, idade, posição social e assim por diante (MENDONÇA DE SOUZA, 2009). Desta forma, resulta em estudos sobre as práticas mortuárias, que integram os dados mortuários tanto biológicos quanto culturais.

Esta dissertação foi dividida em seis capítulos. No capítulo primeiro, foram apresentados, de maneira geral, os antecedentes da utilização do conceito de gênero, além do trato da Arqueologia de gênero no Brasil e sua abordagem em conjunto com as práticas funerárias.

O segundo capítulo introduz a temática da Bioarqueologia, descrevendo as paleopatologias e traçando um histórico das principais pesquisas.

O terceiro capítulo apresenta os sítios arqueológicos em estudo na sua compleição ambiental, e, posteriormente, traça um breve histórico das pesquisas arqueológicas realizadas nestes locais.

Nos capítulos quatro e cinco, expõe a metodologia para a análise e a interpretação dos dados mortuários culturais e biológicos, tendo seus dados descritos e discutidos no sexto capítulo. Apresentamos uma síntese dos resultados e explicamos as limitações identificadas nos estudos com arqueologia de gênero e vestígios funerários na pré-história. Além disso, recomendamos algumas questões passíveis de pesquisas posteriores.

CAPÍTULO I.

EM BUSCA DAS ORIGENS DA ARQUEOLOGIA DE GÊNERO: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

1.1. Do feminismo aos estudos de gênero

A partir dos anos oitenta do século XX, sob os auspícios da teoria feminista, surgem duas novas linhas de interpretação arqueológica: a arqueologia feminista e a arqueologia de gênero, que, teoricamente, trouxeram para a arqueologia, novas formas de pensar e interpretar o passado, outrora impossível.

As pioneiras dessas correntes de pensamento arqueológico são M. W. Conkey, J. F. Spector e J. Gero (CONKEY E SPECTOR, 1984; CONKEY E GERO, 1991). Seus trabalhos buscavam demonstrar que a reconstrução do nosso passado foi pautada em torno dos homens, em moldes patriarcais, ignorando-se o papel exercido pelas mulheres e sua importância. Estereótipos de gênero foram criados e reafirmados pela arqueologia tradicional. Portanto, a arqueologia feminista e a arqueologia de gênero tomaram para si o compromisso político feminista, e assim desenvolveram todo o seu corpo teórico.

O feminismo é uma doutrina social que busca combater a condição de subordinação a que as mulheres são vítimas, concedendo-lhes oportunidades e direitos até então reservados aos homens. Portanto, tal conceito se aplica a todas as questões concernentes exclusivamente às mulheres.

A semente do pensamento feminista surge na Europa entre os séculos XIV e XV, com Christine de Pizán (1364-1430), considerada a primeira escritora profissional de nossa história. Utilizava seus escritos para transmitir mensagens de que as mulheres poderiam desempenhar um papel importante dentro da sociedade.

Em contrapartida, alguns autores como Mollina (1994), Miguel (1995) e Guimarães (2005) apontam o marco teórico inicial do movimento feminista na obra do filósofo Ponlain de La Barre. Esse filósofo, entre os anos de 1673 e 1675, publicou vários artigos nos quais expunha a ideia de que a desigualdade entre homens e mulheres não é biológica, mas social e política. Afirmava que “tudo o

que os homens escreveram sobre as mulheres deve ser suspeito, pois eles são, a um tempo, juiz e parte” (*apud* BEAUVOIR, 1967).

Outras (os) estudiosas (os) apontam que o feminismo, como um movimento, surge no final do século XVIII, pois, segundo Martí (2003, p. 23), é o “momento em que as mulheres, como um grupo coletivo humano, tomam consciência da dominação e exploração aos quais eram objetos na sociedade patriarcal.”

Várias tendências femininas, propagadas ainda no século XX, seguem vivas e atuantes. De acordo com Martí (2003), muitas tarefas já foram cumpridas pelas tendências feministas, que se propuseram para tal, mas há ainda outras tantas por realizar, como a busca pelo reconhecimento acadêmico dos aportes feministas e a tentativa de reformular a História, incorporando a mulher (ou as mulheres) nos estudos.

A partir da união de todas essas influências é que o feminismo adentrou em muitas ciências sociais, como a Antropologia, História e Arqueologia. O desenvolvimento do feminismo em disciplinas acadêmicas aconteceu seguindo três fases.

Segundo Alberti (2001), a primeira fase é quando as pesquisadoras (es) passam a reconhecer e identificar os vieses patriarcais na teoria e na prática das ciências. Na segunda etapa, que esse autor chama de “pesquisa remediadora”, ou seja, a inserção de uma análise onde a mulher passa a ser o centro da pesquisa. Por sua vez, Martí (2003) chama tal fase de “feminismo oficial”, devido, segundo a autora, haver o intuito meramente de equilibrar a investigação, incluindo elementos femininos e masculinos. Por fim, a terceira etapa trata do resultado que a maioria das cientistas almeja: o desenvolvimento de modelos e marcos teóricos para as pesquisas de gênero.

Não obstante, Alberti (2001) deixa claro que as fases acima descritas não ocorreram numa ordem cronológica, e que ainda hoje há pesquisas passíveis de serem enquadradas em qualquer uma das etapas descritas.

Gênero e feminismo na Arqueologia, de um modo geral, são tratados como sinônimos ou complementares por grande parte dos arqueólogos e arqueólogas. Como exemplo, podemos citar Martí (2003, p. 48), ao afirmar que “(...) arqueologia feminista também pode ser chamada de arqueologia de gênero ou das mulheres”.

Neste trabalho, consideramos a arqueologia feminista e a arqueologia de gênero em separado por entendermos que entre ambas existem diferenças cruciais, tanto em seus objetivos quanto em relação ao objeto de estudo, impossibilitando que esses dois termos sejam agrupados num mesmo rol.

No entanto, vale salientar que a arqueologia de gênero é derivada da Arqueologia feminista, pois foi o movimento feminista que introduziu o conceito de gênero nas Ciências Sociais. Apesar dessa origem, a Arqueologia de gênero distancia-se um pouco da arqueologia feminista na medida em que não assume todos os paradigmas que esta última incorpora.

A Arqueologia de gênero é alvo de fortes críticas por parte das arqueólogas e arqueólogos feministas. Como Berrocal (2009, p. 26) afirma, a arqueologia de gênero é o “produto da falta de compromisso político com o feminismo.” Ou ainda, conforme Joan Scott, “o gênero tem se transformado em sinônimo de mulheres, talvez por sua conotação mais objetiva e menos política. O gênero inclui as mulheres sem as nomear, e parece assim não se constituir numa ameaça crítica” (SCOTT, 1990, p. 03).

Entretanto, tais críticas não são contundentes, uma vez que o estudo de gênero considera o passado como um produto social tanto das mulheres quanto dos homens e de outros gêneros que possam existir. Por esse motivo, o gênero enquanto categoria de análise não é apolítico ou ateórico, como as feministas corriqueiramente afirmam. As pesquisas de gênero admitem que as mulheres não vivem isoladas no mundo, não havendo, assim, uma memória especificamente feminina ou mesmo especificamente masculina (RAGO, 1998).

O aporte teórico feminista na Arqueologia, seja qual for sua inspiração, tem sido muito útil para incentivar uma reflexão crítica acerca do desenvolvimento da Arqueologia ao longo do tempo. O feminismo gerou questionamentos a respeito da melhor metodologia a ser empregada no resgate da mulher no passado. Todavia, quando Margareth Rago (1998), ao citar Michelle Perrot, afirma que “havia dúvidas sobre se existiria uma maneira feminina de fazer ou escrever a história que seria radicalmente diferente da masculina”, lança uma crítica sobre os estudos sobre mulheres e, no mesmo parágrafo questiona se “existiria uma memória especificamente feminina”.

Com isso, quer demonstrar que a diferença crucial entre feminismo e gênero, e mais, esclarecer o motivo pelo qual uma abordagem de gênero é necessária para a compreensão da dinâmica social. Sendo consciente destas limitações metodológicas, as feministas têm reivindicado que o feminismo na Arqueologia não deve consistir unicamente em estabelecer correlações entre artefatos arqueológicos e o sexo feminino, mas também em formular novos questionamentos no estudo dos dados arqueológicos (MARTÍ, 2003).

Diferentemente do que se pensa com frequência, não foi uma pesquisadora feminista a primeira a estabelecer o conceito de gênero (GROSSI, 1998). Os primeiros estudos surgiram por volta da década de 1950, a partir das pesquisas realizadas por John Money e sua equipe do *Johns Hopkins Medical Center de Baltimore*, nos Estados Unidos. Money, especialista em defeitos genitais congênitos, foi o pioneiro a estudar os problemas de identidade e orientação sexual, a transexualidade e o tratamento de crianças hermafroditas. Percebendo as dificuldades terminológicas e conceituais para definir os transexuais, intersexuais e homossexuais, Money e sua equipe desenvolveram uma teoria do tratamento psicomédico dos interssexos que prioriza o condicionamento sociocultural da identidade de gênero. Esta identidade de gênero seria a convicção que o indivíduo e a sociedade têm a respeito da sexualidade e que determina completamente o que o indivíduo é muito mais que as características genéticas ou biológicas com as quais houvera nascido (STOLKE, 2004; GONZALO, 2006; GROSSI, 1998).

Segundo Money, a criança é neutra no momento do nascimento em termos psicosssexuais. O desenvolvimento de sua orientação sexual psicosssexual depende do aspecto dos seus genitais. Qualquer criança pode transformar-se em menina ou menino, basta que seus genitais tenham a aparência adequada, independentemente do que indiquem seus cromossomos, hormônios ou genes (STOLKE, 2004). A posição do referido pesquisador reflete uma ideia ainda profundamente arraigada na cultura ocidental – da existência de apenas dois sexos. Profissionais da área, como médicos e biomédicos, por exemplo, acreditam não haver alternativa para um interssexo, mas tão somente uma identidade feminina ou masculina. Stolke (2004) afirma que até mesmo o termo utilizado

para designá-los – interssexo –, revela esta concepção cultural dualista e heteronormativa. Esse debate sobre os antecedentes bioculturais do conceito de gênero, iniciado na década de 1950, dá espaço aos debates sobre gênero dentro do movimento feminista, questionando a dualidade dos gêneros femininos e masculinos e a homossexualidade.

John Money foi o primeiro a estudar a identidade de gênero, porém o primeiro pesquisador a elaborar e definir o termo gênero foi Robert Stoller (1968), um psicanalista norte americano, em cujo livro “*Sex and Gender*”, busca definir gênero como sendo “um termo de conotações psicológicas e culturais” (MILLET, 1977, p. 30). Afirma ainda que “se pode falar de sexo masculino e sexo feminino, mas também se pode falar de masculinidade e feminilidade sem estar supondo qualquer coisa acerca da anatomia ou da fisiologia” (MILLET, 1977, p. 29). Todavia, o conceito não vingou. Apenas alguns anos mais tarde, estudiosas como Kate Millet (1977), Germaine Greer (1971) e Gayle Rubin (1975) foram determinantes para que os estudos de gênero se desenvolvessem.

Os estudos anteriormente citados foram pioneiros no desenvolvimento das teorias de gênero. Contudo, eles foram o resultado da soma de conhecimentos e ideias que já estavam pungentes nos meios acadêmicos, tanto europeus quanto norte-americanos. Desta feita, para que possamos compreender todo o alcance teórico do termo gênero, retrocedamos até os anos 1920, visto ser este o período em que a ideia sobre um “sexo social” foi lançada por algumas pesquisadoras, em geral feministas.

Antes dos estudos biomédicos revelarem a existência do “sexo social”, duas pesquisadoras já haviam lançado a ideia do conceito de gênero, como nós o entendemos hoje. Entre os anos de 1920 e 1930, a antropóloga norte-americana Margaret Mead (2009) fez diversas objeções e críticas à visão sexista¹ e biológica, ainda predominante no Ocidente e em outros diversos países contemporaneamente. Segundo tal pensamento, a divisão sexual do trabalho na família moderna é uma consequência da diferença inata entre o comportamento

¹ Segundo Martí (2003, p. 22), “o sexismo é uma teoria baseada na inferioridade do sexo feminino, determinado pelas diferenças biológicas entre homens e mulheres”.

instrumental (público, produtivo) dos homens e o comportamento expressivo (privado) das mulheres, inspirada na ideia dualista dos sexos sugerida por Lévi-Strauss (1976), na qual o homem corresponde a tudo que está ligado à cultura e a mulher à natureza. As críticas proferidas por Margaret Mead (2009), em 1935, foram construídas a partir de investigações etnográficas nas ilhas Samoa e Nova Guiné, onde pôde observar que cada uma das tribos, bem como em toda sociedade humana, possui o elemento da diferença sexual e tem desenvolvido esta diferença de maneira diversa (MEAD, 2009). Em seu livro “Sexo e Temperamento em três Sociedades Primitivas”, um estudo comparativo entre essas sociedades sugere que a espécie humana é altamente maleável, e por tal motivo os papéis e as condutas sexuais variam segundo os contextos socioculturais.

No ano de 1949, Simone de Beauvoir publica seu conhecido livro “O segundo sexo”. Nesta obra, ela é uma das pioneiras a afirmar que a mulher é uma construção social:

(...) ninguém nasce mulher, torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a mulher assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto que qualificam de feminino. (BEAUVOIR, 1967, p. 22).

Na década de 1970, o biológico foi assumido como a base sobre a qual os significados culturais e as identidades de gênero são constituídos. Assim, no momento mesmo em que a influência do biológico está sendo minada, também é invocada. Exemplos deste modelo biológico são as propostas realizadas por feministas como Kate Millet e Germaine Greer. Elas empregaram, pela primeira vez, a noção psicanalítica do “gênero social” em suas críticas políticas às doutrinas bio-ideológicas ocidentais, as quais pregavam a subordinação das mulheres aos homens (STOLKE, 2004).

Germaine Greer (1971) empregou o termo gênero em seu livro “A mulher eunuco”. Outro exemplo é a socióloga inglesa Ann Oakley (1977), que empregou o conceito de gênero para comparar as distintas maneiras que homens e mulheres são moldados pela vida em sociedade e conclui que todas as sociedades utilizam o sexo biológico para a atribuição de gênero. E este é o único ponto em que todos os grupos humanos convergem, pois a forma de atribuição de gênero em todas as sociedades é bastante diversa.

Stolke (2004) afirma que apesar de Oakley (1977) discursar sobre a variabilidade cultural dos significados de gênero, ela acaba por afirmar a existência de dois gêneros, voltando ao dualismo biológico e heterossexual de Money e Stoller (1968), marcantes para os estudos de “Gênero” durante a década de 1970.

Em 1975, foi publicado o polêmico artigo “The Traffic in Women”, da feminista Gayle Rubin. Nele, Rubin afirma que a divisão entre os sexos, a dependência entre eles e a subordinação das mulheres são fenômenos político-sociais. Ela lança a expressão “sistema sexo/gênero”, que consiste em um conjunto de dispositivos socioculturais, em particular os sistemas de parentesco, forjados pelas regras matrimoniais, em que transformam mulheres e homens em duas categorias sociais incompletas, uma sem a outra (STOLKE, 2004). Também define gênero como “o conjunto de acordos sobre os quais a sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e nos quais essas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas” (RUBIN, 1975 *apud* NICHOLSON, 1999, p. 55).

Nesse momento, meados da década de 1970, um grande número de pesquisadoras e pesquisadores feministas já havia aderido ao uso do termo gênero, mas ainda havia, por parte da academia e até mesmo de muitas feministas, como as francesas, por exemplo, oposição quanto à utilização do termo “gênero”. Apesar de terem sido as feministas quem propuseram a utilização do termo gênero, claramente não havia um consenso entre elas. As pesquisadoras a favor da incorporação do gênero defendiam que a pesquisa sobre as mulheres transformaria fundamentalmente os paradigmas no seio de cada disciplina. Essas assinalaram muito cedo que o estudo das mulheres acrescentaria não só novos temas, como também iriam impor uma reavaliação crítica das premissas e critérios do trabalho científico existente (SCOTT, 1990).

De fato, dentro das ciências sociais, principalmente nas que buscam reinterpretar o passado, como a História e a Arqueologia, os estudos de gênero tiveram a função de reavaliar a história escrita até o momento e buscar não apenas as mulheres em contextos pretéritos, que é o papel da História das

Mulheres e da Arqueologia Feminista, mas trazer à tona as relações entre os gêneros, a importância de cada um em sua cultura.

A maneira como os estudos de gênero eram vistos começou a se transformar quando, por volta fins da década de 1980, a historiadora norte-americana Joan Scott (1990) publicou seu conhecido artigo “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. De acordo com Margareth Rago (1998, p. 91), “Joan Scott já era conhecida e respeitada nos meios acadêmicos masculinos, devido a suas pesquisas anteriores na área de trabalho e movimentos sociais”. É neste momento também, início da década de 1990, que o conceito de gênero vai desenvolver-se no Brasil.

A partir desse artigo deu-se indubitavelmente um passo importante, chamando-se a atenção para as relações homem/mulher, que nem sempre pareciam (pre)ocupar as cientistas. Esta nova percepção através do gênero foi crucial para diferenciar os estudos de gênero dos estudos feministas, apesar de esses ainda estarem bastante imbricados. Assim, o gênero se detém na análise relacional entre os gêneros masculino, feminino e outros mais que possa haver, dependendo da cultura em estudo.

Contudo, Scott (1990) afirma que “no seu uso mais recente, gênero é sinônimo de mulheres”. Como exemplo, a autora observa que, nos últimos anos, livros e artigos cujo tema foi a história das mulheres substituíram em seus títulos o termo “mulheres” pelo termo “gênero”. Ainda segundo a autora, o uso do termo gênero visa indicar a erudição e a seriedade de um trabalho, pois gênero tem uma conotação mais objetiva e neutra do que mulheres. O gênero distancia-se mais da política feminista. Enquanto o termo “História das mulheres”, ou mesmo “Arqueologia feminista”, revela sua posição política ao afirmar que as mulheres são sujeitos históricos válidos, o gênero inclui as mulheres sem as nomear. Scott afirma que a substituição do termo “mulheres” pelo termo “gênero” é um aspecto da procura pela legitimidade acadêmica nos estudos feministas durante a década de 1980.

Ainda nos anos oitenta, conforme Margareth Rago (1998), a historiadora Michelle Perrot (1984) questionava se seria possível uma história das mulheres, pois essa historiografia não pensava nas relações sexuais e sociais de maneira

dinâmica. Foi apenas com a introdução dos estudos de gênero que se passou a problematizar as relações entre os sexos. Desta mesma forma, assinalam Soihet e Pedro (2007):

O gênero caracteriza o aspecto relacional entre as mulheres e os homens, ou seja, indica que nenhuma compreensão de qualquer um dos dois pode existir através de um estudo que os considere totalmente em separado, aspecto essencial para “descobrir a amplitude dos papéis sexuais e do simbolismo sexual nas várias sociedades e épocas, achar qual o seu sentido e como funcionavam para manter a ordem social e para mudá-la”. Estas foram algumas de suas contribuições (SOIHET E PEDRO, 2007, p. 288).

Caso contrário, o gênero passava a ser um conceito associado ao estudo das coisas relativas às mulheres, sem força de análise suficiente para mudar os paradigmas existentes.

Neste trabalho, buscamos perceber as relações hierárquicas entre homens e mulheres, pensando de maneira dinâmica as relações sexuais e sociais. Por isso, adotamos o conceito de gênero desenvolvido por Joan Scott (1990), que considera gênero como uma criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e as mulheres. Assim, compreendemos que cada sociedade possui uma maneira de entender e exercer os papéis de gênero e um dos objetivos deste tipo de abordagem na Arqueologia é conhecer como o gênero funciona nas relações sociais humanas.

1.2. O gênero como categoria de análise arqueológica²

A Arqueologia de gênero, uma inovadora linha de abordagem da Arqueologia, pretende reencontrar as funções de mulheres e homens, assim como seus espaços em nosso passado através do estudo da cultura material³ produzida pelos grupos humanos. Segundo Hodder (1988), na Arqueologia,

(...) toda dedução ou inferência se realiza através da cultura material e quanto maior a competitividade entre grupos, mais marcados serão os limites da cultura material entre eles (HODDER, 1988, p. 16).

² Tomamos emprestado – e adaptamos – o título do artigo “Gênero: uma categoria útil de análise histórica” (SCOTT, 1990).

³ Pesez (2001) afirma que a cultura material faz parte da estrutura das relações sociais, mas ela só se exprime no concreto, nos e pelos objetos (sendo o próprio homem, em seu corpo físico, um objeto material).

Neste caso, podemos compreender também que não apenas a competitividade entre grupos, mas as diferenças dentro de cada grupo social, como *status*, idade e gênero, ficarão marcadas no registro arqueológico, quanto mais acentuada for a diferenciação entre essas categorias.

O estudo das relações de gênero não deve limitar-se a buscar a atribuição material dos rôis de gênero. Seu principal objetivo é compreender como funciona o gênero em todas as suas dimensões, pois o gênero é o princípio estruturador no registro arqueológico, de modo que se deve estudar todo o conjunto de ações sociais realizadas tanto por homens quanto por mulheres (MARTÍ, 2003).

Como mencionado anteriormente, os estudos de gênero se desenvolveram no seio do movimento feminista. Assim como na História e na Antropologia, a Arqueologia, já na década de 1970 e principalmente na de 1980, já produzia análises e interpretações com enfoque feminista. Isso se deve, em parte, pelo fato de muitas mulheres estarem se integrando profissionalmente a arqueologia, como uma das consequências da segunda onda feminista, ocorrida nos Estados Unidos. Por este motivo, os países onde a Arqueologia feminista se desenvolveu com maior ímpeto foram nos Estados Unidos, em decorrência da explosão do movimento feminista, e na Escandinávia. As análises realizadas sob essa perspectiva buscavam recuperar a importância da mulher, que ficara esquecida no contexto arqueológico e nas interpretações androcêntricas que permeiam a Arqueologia.

Porém, devemos levar em consideração que, em alguns casos, os trabalhos feministas radicais têm descontextualizado as relações sociais e se preocupado exclusivamente com as áreas de atividade sociais das mulheres. E desta feita, a Arqueologia feminista, que pretendia acabar com as vantagens concedidas ao sujeito masculino, acabou por contradizer-se. Privilegiando as mulheres, tal enfoque repetia o tipo de pesquisa acadêmica excludente a qual criticavam.

Partindo dessas ideias, tornam-se perceptíveis as diferenças entre a arqueologia de gênero e a arqueologia feminista. Pois a arqueologia feminista busca as mulheres no passado, com o intuito de elevar as mulheres a uma posição superior nas sociedades em estudo, sem levar em consideração que cada sociedade tem sua forma de elaborar os papéis de gênero e com isso, em dados

momentos, incorreu em visões distorcidas do passado. Em alguns casos, essas relações podem ser hierárquicas, em outras, igualitárias, e assim por diante.

Já a Arqueologia de gênero se ocupa do estudo de todos os gêneros e suas relações. Além disso, a categoria de gênero não é universal e homogênea, como se supõe ser a categoria “mulher”. O gênero é moldado segundo a experiência cultural dos grupos humanos. Os distintos grupos divergem em relação ao entendimento quanto à ideia de gênero, ou mesmo dentro de um mesmo grupo, ele se transforma ao longo do curso da história.

Contudo, a categoria “mulheres” manteve seu sentido ao longo da história, o que, segundo Díaz-Andreu (2005), resultou em falta de crítica. Isso fez com que essas pesquisadoras incorressem em erros bastante semelhantes aos que criticavam e tentavam evitar. Além disso, é necessário ter em conta a existência de muitos discursos paralelos numa sociedade, como, por exemplo, o de homens e mulheres, o de crianças, jovens, adultos e idosos.

Apesar do exposto, a Arqueologia de gênero compartilha com a Arqueologia feminista uma série de preocupações, como a crítica ao marco androcêntrico na Arqueologia. Porém, a identidade de gênero assumida depende de como a diferença sexual é percebida socialmente. “A substituição da categoria sexo por gênero teve como objetivo, sublinhar o caráter social, econômico e especialmente político das diferenças entre homens e mulheres” (CARVALHO, 2008, p. 19). E foi dessa maneira que o gênero foi empregado na Arqueologia. A gradual troca das categorias “sexo” e “mulheres” pela categoria “gênero” nas ciências sociais ocorreu de pronto, mas, na Arqueologia, esta transição se deu de forma mais lenta. Esse atraso de quase uma década em adotar o termo gênero, comparado com a Antropologia, tem a ver com a lentidão que a Arqueologia pós-processual impôs a si e ainda está se impondo na academia, que contrasta com o êxito que o pós-modernismo teve em Antropologia (GONZALO, 2006; DÍAZ-ANDREU, 2005; MARTÍ, 2003).

Esta pouca mobilidade do pensamento arqueológico pode ser explicada pela forte tendência, ainda hoje na arqueologia, de ser uma ciência positivista. Com sua busca pela objetividade, tal abordagem rechaça uma pesquisa que busque a simbologia da cultura material, o seu significante e o seu significado. De acordo

com Trigger (2004), a aplicação rigorosa de um enfoque positivista foi vista como forma de eliminar os elementos subjetivos e estabelecer uma base para a interpretação objetiva, científica, dos dados arqueológicos.

Há fortes críticas, em especial por parte das feministas, ao fato de a arqueologia de gênero enquadrar-se no pós-processualismo, no pós-modernismo. Contudo, de acordo com Díaz-Andreu:

(...) a arqueologia de gênero é pós-processual porque entende que a sociedade está formada por indivíduos que atuam como agentes sociais ativos, por indivíduos cujas atividades e negociações diárias formam uma parte essencial da dinâmica histórica (DÍAZ-ANDREU, 2005, p. 16).

Assim, nessa contínua prática social, as relações de gênero cumprem um papel essencial como um dos princípios estruturantes essenciais e básicos que organizam as relações sociais.

A identidade de gênero está baseada na diferença sexual e, por isso, num grande número de sociedades, as categorias de gênero aceitas são o feminino e masculino, muito embora isso não seja um fato universal, como trataremos mais adiante. Segundo Díaz-Andreu (2005), os conceitos de mulher e homem parecem ser estáveis e em quase todos os grupos que fazem esta distinção o fazem de maneira similar. Esse esquema dualista, aparentemente simples, se complica quando pensamos que os seres humanos podem ser divididos quanto a seu sexo. São quatro categorias de sexo e não duas, como muitos podem supor. São elas: mulheres, homens, hermafroditas e indivíduos sem sexo. Na sociedade ocidental, o hermafrodita assume a identidade de gênero produzida durante a sua educação. Outros grupos, sem dúvida, consideram os hermafroditas uma categoria de sexo diferente.

Já os indivíduos sem sexo o podem ser excepcionalmente ou pelo nascimento, caso estudado por Oakley (1977), ou por castração. Nesta segunda opção encontram-se os castrati, da idade moderna ocidental e os Eunucos, do Império Bizantino. Ou mesmo as Hirjas da Índia. Estes últimos são homens que decidem castrar-se para fazer parte da categoria de gênero das Hirjas.

A grande diversidade de gênero se apoia também, nas formas de gênero que não estão relacionadas ao sexo, como é o caso dos homossexuais. Portanto, o gênero é uma identidade diversificada, podendo ser percebida e assimilada de

maneira diferente em cada sociedade, devido ao seu caráter simbólico. Por esse motivo, o estudo do gênero em Arqueologia não é uma tarefa fácil. Tais estudos, na maioria dos casos, podem analisar as categorias de gênero mais gerais, ou seja, homens e mulheres, principalmente em contextos pré-históricos, nos quais não há auxílio de fontes etnográficas.

Por exemplo, Bárbara Crass (2001), em seu estudo sobre os grupos Inuit, percebe que, ao analisar apenas o contexto arqueológico, sem lançar mão de informações etnográficas, ela teria uma visão distorcida dos papéis de gênero daquela sociedade. Pois são divisões não rígidas, expressas pelo tipo de roupa utilizado por cada gênero. Portanto, foi constatado que existiam indivíduos, tanto masculinos quanto femininos, que se travestiam.

Na estruturação de um grupo social, o gênero é uma das identidades fundamentais, fator essencial a ser considerado no estudo da esfera sócio-econômica, dado economia e sociedade serem dois fatores intimamente ligados (DÍAZ-ANDREU, 2005). O mais importante ao estudar as relações de gênero é ter consciência de que a divisão do trabalho e a especialização sexual ou de gênero indicam uma diferença, não uma hierarquização na valorização das tarefas (efetuadas) por cada gênero.

Contudo, de acordo com a referida autora, é importante reconhecer que a análise da relação entre gênero e atividade econômica apresenta grandes dificuldades, “já que na maioria dos casos a associação entre uma categoria de gênero e uma atividade em particular se baseia em pressupostos muitas vezes difíceis de comprovar” (DÍAZ-ANDREU, 2005, p. 25).

Ainda conforme Díaz-Andreu (2005) se apresentam como exceção análises dessa questão sobre a base de dados ósseos, ajudando a comprovar as hipóteses propostas. Considere-se que muitas patologias causadas por uma má alimentação e determinadas atividades deixam marcas no esqueleto e nos dentes. Além desses registros, podemos perceber também marcas ocasionadas por estresse mecânico, ou seja, essas marcas são o resultado de longos anos de movimentos repetitivos, como, por exemplo, atividades que exijam que o indivíduo fique muito tempo agachado ou que utilizem os dentes como instrumento, entre outras. Este tema será melhor discutido nos próximos capítulos.

Em outros casos, as atividades econômicas são atribuídas seguindo a lógica da Arqueologia tradicional, na qual os homens, por serem ativos, realizam as tarefas essenciais e as mulheres, por serem passivas, exercem tarefas auxiliares. É a clássica dualidade, proposta por Lévi-Strauss (1976), na qual o homem está ligado à cultura e a mulher à natureza. Todavia, podemos afirmar que a qualidade do registro arqueológico não nos permite associar determinadas atividades exclusivamente aos homens, mas que tradicionalmente essas já são atribuídas a eles. O mesmo pode ser considerado inversamente.

A Arqueologia dos anos sessenta e setenta enfatizou grandemente a questão da produção como motor das mudanças sociais. Os estudos de gênero têm suposto uma sofisticação na análise, visto que agora se sublinha o papel que a produção tem como meio para significar, opor e mudar as relações sociais, não só do grupo em seu conjunto, mas também entre as categorias de gênero existentes neste. Isso tem admitido novas formas de entender práticas associadas à produção, como as tecnológicas, que já agora não se entendem como unicamente a soma de procedimentos para metamorfosear um objeto em outro, mas como um meio em que as dimensões materiais e simbólicas da cultura material se transformam através da prática de gênero e estratégias sociais (DOBRES, 1995 *apud* DÍAZ-ANDREU, 2005).

Os estudos de gênero na Arqueologia buscam, portanto, compreender o significado e o significado dos artefatos. Ao contrário do que supõe a Arqueologia tradicional, para a Arqueologia de gênero, a cultura material possui uma natureza ativa, englobando não apenas objetos, mas também elementos imateriais, como o espaço ou a música (DÍAZ-ANDREU, 2005). É preciso que se pontue também que as atribuições de gênero aos objetos funcionam como sentidos imanentes. Esses objetos se tornam emblematicamente sexualizados. “Tal imanência, no entanto, deve ser entendida como um resultado da prática social, cotidianamente reiterada pela prática social, momento em que se atribui o gênero aos objetos” (CARVALHO, 2008, p. 44). Nesse sentido, o registro arqueológico estará permeado por informações sociais relativas às diferenciações de gênero.

1.3. Breve histórico dos estudos de gênero na arqueologia brasileira

O movimento feminista no Brasil teve sua maior expressão na década de 1970, porém a emergência dos estudos de gênero só ocorreu nos anos 90. É também nesse período que se iniciam os estudos de gênero nas Ciências Sociais, tornando-se um campo de estudo bastante difundido na História e na Antropologia. Na Arqueologia brasileira não ocorre o mesmo.

Na literatura arqueológica brasileira, a temática de gênero ainda não é amplamente discutida. Aliás, estudos desse tipo são extremamente escassos, apesar dos incontáveis sítios arqueológicos, pré-históricos ou não, nos quais seria possível uma análise sob esta perspectiva.

De acordo com Barreto (1999-2000 *apud* ESCÓRCIO, 2008, p.18), no seio de uma arqueologia absolutamente descritiva, como a que foi praticada no Brasil em fins do século XIX e princípios do século XX, Ladislau Netto (1885), em uma abordagem pioneira, destacou os aspectos femininos e masculinos em peças arqueológicas que descreveu em seu trabalho, bem como apontou também elementos indicativos de hierarquia social. No mesmo ano, Hartt (1885), além das descrições de peças, apresentou uma série de relatos etnográficos, incluindo rituais e práticas funerárias, mitos indígenas e um relato sobre o fabrico da cerâmica pelas mulheres (ESCÓRCIO, 2008).

Dada à forte influência da Arqueologia pós-processual na formação do corpo teórico da Arqueologia de gênero, esta foi introduzida na Arqueologia brasileira com certo retardo temporal, em relação à Europa e à América do Norte. A explicação para tal fato pode ser inferida a partir da explicação de Martin (1999), de que, embora recente, a Arqueologia brasileira não escapou a influências míticas, podendo ser dividida em três fases: mitos heróicos, relatos de missionários, viajantes e aventureiros e moderna pesquisa científica. Essa autora ressalta, ainda, que a ordem em que as fases foram citadas não corresponde a uma cronologia sequenciada, visto que podem ocorrer simultaneamente ou em momentos diferentes.

O início da pesquisa arqueológica científica no Brasil ocorreu por volta das décadas de 1940 e 50, quando surge um grande interesse arqueológico pelas

regiões sul e sudeste do país, em grande medida devido ao interesse suscitado pelos sambaquis, além da região amazônica. Martin (1999, p. 37) afirma que, naquele momento, com algumas exceções (ESTEVÃO, 1943; OTT, 1958; PINTO, 1956; CLEROT, 1969), a pesquisa arqueológica na região nordeste sofre um período de letargia que dura até meados dos anos 1960. Fato esse que se reflete na quase total exclusão dessa região do país no Programa Nacional de Pesquisa Arqueológica (PRONAPA), que perdurou de 1965 a 1970.

Quase que totalmente envolvida em uma abordagem arqueológica objetiva e processual, a Arqueologia brasileira, na busca por respostas a problemas específicos, atravancou o desenvolvimento de novas abordagens teóricas e metodológicas, fazendo com que abordagens cognitivas, de cunho simbólico no estudo das culturas pretéritas, fossem repudiadas. Um exemplo claro é o fato de que, durante as décadas de 1980 e 90, abordagens como a de gênero já estavam sendo utilizadas e desenvolvidas na Europa e nos Estados Unidos. Já no Brasil, ainda eram muito comuns inventários de sítios arqueológicos e enquadramentos culturais.

O longo caminho percorrido pela arqueologia brasileira até a descoberta do gênero como uma categoria útil de análise arqueológica tem no artigo de Tânia Andrade Lima (1997) o pioneiro nessa abordagem no país. Apesar de mais de uma década ter se passado após a publicação de tal artigo, observamos que a literatura sobre arqueologia de gênero no Brasil permanece praticamente inerte, claro, com algumas boas exceções.

Tais pesquisas recentes ainda são incipientes para fazer frente à demanda do Brasil, pois estão concentradas em regiões específicas, como norte e sudeste. Por exemplo, algumas das boas investigações sobre a região sudeste brasileira são: “Chá e Simpatia: uma Estratégia de Gênero no Rio de Janeiro Oitocentista” (LIMA, 1997), que traça um estudo sobre os aparelhos de chá e sua relação com o status social feminino na sociedade do século XIX; da mesma autora, há “Estudos de Gênero na Arqueologia Brasileira: Por Que Não?”, na qual constata o baixíssimo investimento nesta área no Brasil (LIMA, 2003 *apud* ESCÓRCIO, 2008, p. 21).

Ainda na região sudeste, estudos de gênero a partir do contexto funerário de grupos sambaquieiros têm sido mais frequentes: Escórcio, Gaspar (2005), com “Indicadores de diferenciação social e de gênero dos pescadores coletores que ocuparam a Região dos Lagos – RJ”, buscam indicadores de diferenciação social e de gênero a partir de uma análise dos acompanhamentos funerários no sítio Corondó. Glaucia Sene (2007) estudou 23 estruturas funerárias do sítio arqueológico Gruta do Gentio II, localizado no município de Unaí, Minas Gerais, e analisou indicadores de gênero no contexto funerário e de diferenciação social. Escórcio (2008); Escórcio, Gaspar (2010) publicaram estudos que tratam dos indicativos de gênero em sociedades sambaquieiras a partir dos acompanhamentos funerários. Nestes, foram analisados dados referentes aos enterramentos, apresentados por diversos pesquisadores em sítios localizados ao longo do litoral do estado do Rio de Janeiro.

Na região norte do país, Denise Schaan (2001), em “Estatuetas Antropomorfas Marajoara: o simbolismo de identidades de gênero em uma sociedade complexa amazônica”, fez um estudo de caso sobre as estatuetas antropomorfas da cultura Marajoara. Nele, argumentou que as estatuetas deviam ser entendidas como objetos simbólicos ligados a discursos contextuais de identidade social e de gênero, uma vez que representariam marcadores de identidades de gênero. As figuras antropomorfas femininas são identificadas pela representação de seios, triângulos pubianos e, em alguns casos, com ventres avolumados.

No ano de 2003, uma nova publicação da referida autora, “Investigando gênero e organização social no espaço funerário Marajoara” (SCHAAN, 2003), buscou avaliar o significado das práticas funerárias para o entendimento da complexidade social na pré-história recente da Amazônia. E assim se encerra o conteúdo literário sobre Arqueologia de gênero no Brasil.

Na região nordeste, tão ampla e rica em sítios arqueológicos, ainda não foi registrado nenhuma publicação que tratasse das relações de gênero em grupos humanos, tanto de sítios pré-históricos quanto de sítios históricos. Sendo este trabalho o primeiro a abordar o tema nessa região.

1.4. Gênero e Arqueologia das práticas funerárias

A morte é um fenômeno social, inerente à natureza humana, e afeta os grupos humanos de maneira diversa. Van Gennep (2011, p. 128), afirma que “(...) nada varia tanto com os povos, a idade, o sexo, a posição social do indivíduo, quanto o rito funerário.” Os objetos “morrem” junto com os indivíduos e, a partir deles, o estudo das práticas funerárias se desenvolveu em Arqueologia.

As sepulturas foram alvo dos primeiros antiquarianistas e saqueadores em meados do século XIX. Os primeiros estavam à procura de antiguidades e objetos raros para colecioná-los, os segundos, buscavam tesouros.

No início do século XX, quando a arqueologia já merecia o estatuto de ciência, com seus objetivos e metodologias delimitados, passa a ser constante a busca por cronologias e datações. Após a década de 1940, em especial, quando o método do carbono 14 foi desenvolvido.⁴ Essa primeira abordagem histórico-culturalista primava pela descrição das sepulturas. Os artefatos encontrados em contextos funerários eram utilizados como determinantes para a observação do sexo do indivíduo. Nesses casos, a compreensão de feminilidade e masculinidade que o pesquisador possuía era reproduzida na interpretação arqueológica dos grupos pré-históricos. Um clássico exemplo é a atribuição de artefatos relacionados à caça, atividade tradicionalmente tida como masculina, tais como instrumentos líticos (machados, pontas de flecha, entre outros) foram associados a indivíduos do sexo masculino; já vasilhames cerâmicos, esqueletos infantis, e tudo que estivesse atrelado a ideia de feminilidade, foram associados a indivíduos do sexo feminino. Criou-se, assim, a ideia de objetos tipo para cada gênero.

Essa metodologia impossibilitava o estudo das relações sociais, da compreensão dos papéis de gênero e, inclusive, da observação de outros gêneros para além dos masculino e feminino, na medida em que não se utiliza, de um modo geral, de um dos principais pilares da arqueologia de gênero em contextos funerários: a análise bioarqueológica dos indivíduos, para a identificação do sexo. Além disso, cabe ressaltar que cada cultura possui especificidades na forma de

⁴ Descoberto por Willard Libby, nos anos 40. O método assenta nas propriedades físico-químicas do carbono, que é um dos elementos químicos constituintes em todos os organismos (BICHO, 2006).

construção dos gêneros feminino e masculino. Portanto, não é o objeto que nos indica o sexo do indivíduo, mas o indivíduo e seu enxoval funerário que irão nos indicar como foram exercidos os papéis de gênero naquele grupo. Os dados obtidos a partir de uma análise histórico-culturalista conduziam ao estudo tipológico e cronológico da cultura material associada às sepulturas, gerando caracterizações de grupos culturais.

Em seguida, com o advento da abordagem processualista, na mesma década de 1960, ocorreram algumas mudanças teórico-metodológicas nos estudos das práticas funerárias. Na tentativa de conferir maior rigor científico à disciplina, pesquisadores passaram a utilizar-se do método positivista, o qual afirma que a verdade dos fatos pode ser encontrada, desde que se utilize do método nomotético, baseado no teste de hipóteses, para que então possam ser criadas leis gerais sobre o comportamento humano.

Aproximando-se da Antropologia e da Ecologia, a Arqueologia passa a buscar questões antes não abordadas, tais como comportamento humano, reconstituição do paleoambiente, analogias etnográficas, economia, política e organização social, além de buscar a compreensão de vestígios no contexto cultural (RIBEIRO, 2007). Em consequência dessa nova tendência, as sepulturas passaram a ser estudadas como um elemento que possibilita maior compreensão do modo de vida dos grupos aos quais pertencem, sendo mesmo consideradas reflexo desses grupos, segundo Binford (1971).

A partir desse pensamento do supracitado pesquisador, podemos compreender a afirmação de Morin:

Os mortos são a imagem dos vivos; têm alimentos, armas, caçadas, desejos, cóleras, (...) uma vida corpórea. Mas não desvalorizemos a sepultura em relação ao utensílio; seria demasiado fácil opor a inteligência eficaz, hábil, inventiva, sempre alerta, que transforma o homem em homem, ao erro enfermo, que imagina o além (MORIN, 1980, p. 24).

Apesar das críticas posteriores, a proposta processual em relação aos estudos das práticas funerárias como um reflexo da sociedade propôs um novo olhar e inaugurou uma orientação específica da investigação da Arqueologia da morte. Desde então, diferentes correntes teóricas têm dedicado especial atenção ao tema (FONTANALS, 2007).

Conforme argumenta Sene (2007, p. 09-10), a vinculação teórica da arqueologia de gênero “quanto a sua origem, seu interesse em oposições binárias (masculino/feminino, público/privado, biologia/cultura) e na divisão do trabalho conduz a uma aproximação com a Arqueologia Processual”. Porém, esse molde da abordagem de gênero na arqueologia foi desenvolvido na Arqueologia norte-americana, como a mesma ressalta.

Contudo, a Nova Arqueologia limita a compreensão dos enterramentos à medida que busca entender a morte dentro da sua representação material, deixando de lado o contexto simbólico, que será abordado de forma mais intensa no movimento que caracterizou a Arqueologia pós-processual.

A partir da década de 1980, passou a ser desenvolvida a corrente teórica Pós-processual, conhecida também como Contextual, que surge como um conjunto de críticas à Nova Arqueologia e suas leis gerais. Segundo Hodder (1988), as sociedades não obedecem a leis, elas possuem idiosincrasias, contexto, e, portanto, devem ser estudadas a partir dessas especificidades.

Aproximando-se da História, a Arqueologia Pós-processualista passou a buscar compreender as alterações sociais, políticas e econômicas de um grupo, estudados por meio de seus vestígios materiais e em perspectiva temporal (RIBEIRO, 2007). Ao unir-se ao Marxismo e ao Estruturalismo, o Contextualismo percebeu a necessidade de compreender as representações, os rituais, os símbolos e seus significados dentro de contextos sociais. Além disso, os pesquisadores passaram a enxergar com maior clareza os conflitos entre grupos sociais, o uso da ideologia para a legitimação do poder, incluindo as representações e símbolos dessa legitimação (RENFREW E BAHN, 1991 *apud* RIBEIRO, 2007). Essa foi a sua contribuição no tocante às práticas funerárias.

Uma das proposições fundamentais da Arqueologia Contextual, segundo Trigger (2004), é a afirmação feita por Hodder de que a cultura material não é um mero reflexo da adaptação do homem ao meio ou da organização social e política. A cultura material é um elemento ativo nas relações entre os grupos, elementos que tanto podem ser usados para disfarçar relações sociais como para refleti-las. Um exemplo para essa afirmação é que, “em algumas sociedades, enterramentos simples refletem um ideal social de igualitarismo que não é efetivamente posto

em prática na vida cotidiana” (TRIGGER, 2004, p. 338). Por isso, para os Arqueólogos, as estruturas funerárias são uma fonte de informação preciosa, pois além de – geralmente – conservar a cultura material, oferece-nos elementos sepulcrais, como tipo de enterramento, posição do indivíduo na cova, entre outras informações. Além disso, existe a possibilidade de estudo dos vestígios esqueléticos (humanos e não humanos), que fornecem um panorama amplo, no qual as relações sociais, incluindo os papéis e identidades de gênero⁵, podem ser estudadas.

A abordagem Pós-processual, no estudo das práticas funerárias, contribui para que os pesquisadores voltassem seu olhar para o caráter ritual do funeral, previamente sistematizado por Hertz (1908) e Van Gennep (1908), bem como suas representações e simbologias, as possibilidades de seu uso por grupos na manutenção e reestruturação do poder (RIBEIRO, 2007).

Sene (2007) afirma que a Arqueologia de gênero desenvolvida na Europa se identifica mais com o Pós-processualismo. Isso se deve ao maior enfoque dado às manifestações culturais e simbólicas. A abordagem essencialmente pós-processual, que reforça a natureza discursiva e ativa da cultura material, é central para a investigação de gênero, e a construção, a manutenção e a transformação de gênero precisam de tal perspectiva (SORENSEN, 2000 *apud* SENE, 2007, p. 10).

O pós-modernismo, conjunto de ideias que o pós-processualismo abarca, atuou positivamente na perspectiva dos estudos de gênero, pois foi aí que se propôs a desconstrução do sujeito, o que permitiu partir para perspectivas mais amplas. Por outro lado, existe uma forte crítica, relativa aos pós-processualistas, pois, na pauta das pesquisas, temáticas como divisões étnicas, sociais e religiosas são frequentes, mas não estudos de gênero. Contudo, os trabalhos de gênero, assim como grande parte das temáticas arqueológicas, não devem ser rotuladas, pois abarcam diversas perspectivas teórico-metodológicas não exclusivamente pós processuais (LIMA, 2003). De acordo com Gilchrist:

⁵ Para Robert Stoller (1968), todo indivíduo possui um núcleo de identidade de gênero, que é um conjunto de convicções pelas quais se considera socialmente o que é masculino ou feminino. Portanto, a identidade de gênero remete a constituição do sentimento individual de identidade (GROSSI, 1998).

A arqueologia de gênero não é necessariamente um projeto feminista ou pós processualista; está igualmente interessada no processualismo e nos *masculinist studies* feito por homens ou de homens. Arqueologia de gênero provará ser não mais que uma quimera, se meramente ordenar o sujeito dominante, tanto masculino quanto feminino (GILCHRIST, 1999, p. 30).

No tocante ao estudo de gênero com base nas práticas funerárias, deve-se observar a estrutura como um todo, não apenas materiais associados, pois, de acordo com Castro (2009), as estruturas funerárias são elementos de comunicação. Ao preparar o corpo, definir a forma da cova, colocar ou não objetos junto ao morto, o grupo está comunicando suas escolhas e preferências. Por isso, tal estrutura carrega grande carga simbólica, expressando o comportamento do grupo perante a morte e transmitindo a realidade da vida, mais palpável do que a realidade da morte. “Conseqüentemente, é comum que valores da vida, da sexualidade e fertilidade possam dominar o simbolismo dos funerais” (SILVA, 2007, p. 107).

A complexidade na interpretação do contexto funerário exige uma busca da compreensão da “ideia” de morte nos grupos pré-históricos, pois mesmo os indivíduos, enquanto vivos, compartilhavam e aceitavam práticas ritualísticas que envolviam o momento de acomodação do corpo num determinado espaço, enterramento ou sepultamento⁶, após a morte.

Se tudo que possui vida biológica é passível de morte, a análise do morrer faz-se, portanto, fundamental para o entendimento da vida e de suas etapas (DE FRANCO, 2010), haja vista ser na morte que as relações exercidas em vida se manifestarão. Como exemplo, pode-se recorrer às observações realizadas por Carneiro da Cunha (1978, p. 36) entre os índios Krahó, nas quais afirma que “nem todos pareciam ter acesso ao enterro secundário, reservado provavelmente aos homens iniciados e as mulheres associadas aos ritos de iniciação ou a grupos masculinos”. Ainda segundo esta autora, todas as categorias de idade, *status* e gênero estão representadas no enterramento e tal representação será caracterizada pelo tratamento diferenciado no desenrolar das manifestações fúnebres.

⁶ Segundo Fahlander e Oestigaard (2008), o enterramento deve ser entendido como o resultado de uma série de práticas ritualizadas em relação à morte, com o corpo presente; e sepultamento, é geralmente o local ou recipiente para o corpo.

Nas sepulturas, podemos perceber a composição de diferentes elementos tanto biológicos quanto culturais, o que faz a abordagem arqueológica das “Práticas mortuárias” ser extremamente multidisciplinar. De acordo com Silva (2003), o universo funerário vem sendo estudado por ciências preocupadas com o desenvolvimento cultural humano, como História, Arqueologia, Antropologia e Etnologia. Tal interesse é justificável à medida que o contexto funerário agrega às estruturas elementos simbólicos, materiais e biológicos, possibilitando maior conhecimento sobre as sociedades passadas.

Existem formas abrangentes de estudo do registro funerário, dentre os quais, a análise dos acompanhamentos funerários, estudo tafonômico dos fatores pós-deposicionais, paleopatologias, dieta da população, tipo de atividade de subsistência e também estudos de identidade e de gênero, que, a partir do contexto funerário, evidências osteológicas, iconografias, fontes etnográficas e etnohistóricas e análise contextual e espacial de micro escala (SENE, 2007).

Como assinalam Walker e Cook (1998, p. 256 *apud* SENE, 2007, p. 14), estudos bioarqueológicos de gênero são excitantes, pois admitem fornecer informações sobre similaridades e diferenças entre sociedades na evolução dos papéis de gênero. Como afirmou Bettina Arnold (2002):

Uma compreensão das diferentes formas de ritual mortuário numa sociedade e a habilidade de identificar diferenças de status tanto quanto distinções de gênero são cruciais para entender ideologias de gênero (ARNOLD, 2002, p. 251-2).

Dessa forma, compreendemos que os estudos de gênero a partir de contextos funerários devem englobar quanto mais variáveis possíveis, para a análise cultural (acompanhamentos, características do enterramento, distribuição espacial, estrutura da cova etc) e análise bioarqueológica (óssea e dentária etc).

CAPÍTULO II.

BIOARQUEOLOGIA E PALEOPATOLOGIA COMO INDICADORES DE PAPÉIS DE GÊNERO

Estudos bioarqueológicos proporcionam informações integradas sobre o modo de vida de populações pré-históricas e suas associações bioculturais através do estudo dos enterramentos. Para Ortner (2003), a história biológica humana envolve interações diversas que abrangem inter-relações complexas, não somente entre populações, mas também entre indivíduos, e um conjunto de fatores físicos, biológicos e culturais que afetam sua vida normal. A obtenção desse conhecimento é possível devido à natureza interdisciplinar da Bioarqueologia, que agrega conhecimentos oriundos de diversas áreas em seu arcabouço teórico e metodológico: Arqueologia, Medicina, Paleopatologia, Zooarqueologia, Odontologia, Tafonomia, Arqueobotânica e Etnografia.

O trabalho, a alimentação e as doenças atuam como estímulos para o corpo e em geral deixam marcas no esqueleto do indivíduo. Tais marcas se caracterizam como indicadores osteológicos que podem ser observados durante a análise bioantropológica (LANFRANCO, 2010). Desta forma, o esqueleto humano e principalmente os dentes podem nos fornecer informações sobre dieta, organização social, constituição biológica, estado de saúde/doença e adaptações fisiológicas que afetam os indivíduos e os grupos populacionais (LAFRANCO, 2010). Segundo Mello & Alvim e Pereira (1979), os dentes, por serem de constituição mineralizada, são os componentes mais duros e resistentes do corpo humano. Por isso, apesar das alterações sofridas durante o seu desenvolvimento e do processo tafonômico *post mortem*, “os dentes mantêm um registro permanente e quase sempre não remodelável” (SILVA, 2005, p. 343). Isso torna possível a obtenção de dados confiáveis e contrastáveis por meio das análises dentárias em remanescentes arqueológicos.

Para Larsen e Sering (2000) e Buikstra e Beck (2006), a Bioarqueologia é o estudo integral dos restos humanos em contexto. Ortner (2003, p.09) afirmou que “o contexto é crucial para qualquer pesquisa sobre Paleopatologia. Isso inclui informações fiáveis sobre o contexto arqueológico e geográfico”. Essa tendência de

relacionar os remanescentes ósseos com o ambiente no qual esses foram encontrados foi desenvolvida tão somente em meados do século XX.

Isso se deve à Bioarqueologia e aos estudos Paleopatológicos, em sua fase inicial, assim como a Arqueologia, a História e outras ciências, terem passado por uma fase essencialmente descritiva. Os estudos publicados nesse período limitavam-se à descrição sumária das anomalias e patologias ósseas, em especial do crânio (SANTOS, 2003). Ortner (2003, p. 08) afirma que esses estudos eram “uma contagem anatômica das condições anormais dos ossos, com pouca ou nenhuma tentativa de explorar o significado biológico ou patológico do que estava sendo descrito”.

Esse viés descritivo pode ser observado nas pioneiras publicações de Esper (1774) e Curvier (1820), nas quais foram descritas a ocorrência de doenças em espécimes paleontológicos. Em seguida, Warren (1822) e Gosse (1855) publicaram artigos sobre deformações artificiais em crânios humanos (*apud* SANTOS, 2003). Inicialmente, segundo Armelagos (2003), esse campo científico possuía poucos fundamentos teóricos e metodológicos, concentrando-se mais no estabelecimento de modelos raciais, tomando como base, semelhanças morfológicas do crânio. Essas similaridades morfológicas foram consideradas evidências das relações culturais entre as populações.

As primeiras tentativas de utilizar vestígios arqueológicos para solucionar questões biomédicas, segundo Ortner (2003), ocorreram em meados do século XIX, quando a origem da sífilis passou a fazer parte do debate bioantropológico. Porém, as mudanças de paradigmas mais significativas só viriam ocorrer no século seguinte.

No início do século XX, os métodos e técnicas provenientes da biomedicina, como a histologia e a radiologia, passaram a ser adaptados e utilizados em análises paleopatológicas e “permitiram evidenciar dimensões ocultas e de grande interesse para o diagnóstico em paleopatologia” (MENDONÇA DE SOUZA, 2009, p. 90). São nomes como Ruffer (1910), que adotou técnicas médicas ao estudo de amostras arqueológicas de múmias egípcias; Hrdlicka (1914), que divulgou suas observações sobre paleopatologias em crânios peruvianos antigos; H. Williams (1929), autor de uma revisão geral sobre paleopatologia humana; Pales (1930),

que apresenta seu livro sobre paleopatologia e patologia comparada; e Hooton (1930), que desenvolveu uma descrição de espécimes patológicos em remanescentes esqueléticos norte-americanos. Tais estudiosos contribuíram sobremaneira para o desenvolvimento científico da Bioarqueologia e da Paleopatologia.

De acordo com Mendonça de Souza (2009), devido à contribuição do supracitado estudo de Ernest Hooton (1930), a Bioarqueologia e a Paleopatologia ganharam novas abordagens, com ênfase, sobretudo, na população e nas epidemias. Hooton descreveu com riqueza de detalhes os tipos de doenças encontradas na população examinada. Ao conceder tratamento específico para cada uma das paleopatologias, avaliou a frequência destas por período de ocupação do sítio arqueológico. Dessa feita, passou a dialogar com a mortalidade, os sinais de doenças, as variações dentro dos grupos de sexo, idade e posição social. (TURNER E MACHADO, 1983; COHEN E ARMELAGOS, 1984; SOUZA, 1988; LARSEN, 1997; SOUZA, CARVALHO E LESSA, 2003 *apud* MENDONÇA DE SOUZA, 2009). Outra importante contribuição para a bioarqueologia foi a análise realizada por Moller-Christensen (1953), que estudou e detalhou o efeito da lepra nos ossos.

Porém, os estudos bioarqueológicos e paleopatológicos eram majoritariamente desenvolvidos por pesquisadores de outras áreas científicas, como os médicos, por exemplo, que, apesar de possuírem conhecimento sobre as doenças e anatomia humana, tinham pouco ou nenhum conhecimento arqueológico (MENDONÇA DE SOUZA, 2009). Tal fato acarretou em interpretações anacrônicas e distorcidas dos remanescentes ósseos.

Percebendo esta deficiência, Jarcho (1966) organizou um simpósio sobre paleopatologia humana, cujo debate versou diversas questões teóricas e metodológicas concernentes aos estudos bioarqueológicos. Além disso, o mesmo publicou um trabalho sobre doenças no passado, citando pesquisadores pioneiros, a teoria e metodologia paleopatológica (BUIKSTRA E COOK, 1980). A partir de então, várias metodologias para a análise e diagnóstico das paleopatologias ósseas foram elaboradas. Por exemplo, Steinbock (1976) representa a primeira

tentativa integrada para estabelecer critérios diagnósticos para a análise das paleopatologias.

Para a Bioarqueologia, houve grandes avanços com o desenvolvimento das técnicas de diagnóstico e de modelos paleo-epidemiológicos (BUIKSTRA E COOK, 1980; UBELAKER, 1998; HILLSON, 1996; ORTNER, 1991; FERREIRA, ARAÚJO E CONFALONIERE, 1988).

A ampliação metodológica resultou na expansão da transdisciplinaridade e interdisciplinaridade e, em consequência, áreas como paleoparasitologia, paleobotânica, zooarqueologia, e paleogenética expandiram seu poder de investigação e explanação, constituindo campos pioneiros cada vez mais sofisticados e inovadores (FERREIRA, REINHARD, ARAÚJO, 2008; SCHEELL-YBERT *et al.*, 2003; FERNANDES *et al.*, 2008; COURI *et al.*, 2009 *apud* SOUZA, 2009).

Na Arqueologia brasileira, os sítios que contém restos humanos enfrentam o problema da conservação. Vários são os fatores que contribuem para a má preservação de restos ósseos: o tipo de solo, ações antrópicas, pisoteamento por animais, erosão, etc. Por isso, em alguns casos, praticamente não há restos ósseos, sendo os dentes os únicos remanescentes humanos. A dentição, tanto humana quanto animal, é o componente orgânico mais duradouro, geralmente se encontra bem conservada nos sítios arqueológicos.

Estudos bioarqueológicos, aproximadamente nos últimos vinte anos, têm contribuído enormemente para a reconstrução do modo de vida dos grupos pré-históricos do nordeste brasileiro, principalmente no que concerne aos grupos habitantes do interior dessa região. Pesquisadoras como Sheila Mendonça de Souza, com investigações realizadas nos sítios arqueológicos Furna do Estrago-PE e Pedra do Alexandre-RN, Cláudia Rodrigues, com pesquisas no sítio arqueológico Furna do Estrago-PE), Olívia Carvalho, pesquisas nos sítios arqueológicos Furna do estrago-PE, Sítio do Justino-SE, sítio São José II-SE, entre outros, Marília Mello e Alvim, com estudos na Furna do Estrago-PE, Pedra do Alexandre-RN, etc., M. C. Beltrão, na região de Central-Ba, entre outras (os), estão suprindo a falta de fontes históricas e etnográficas sobre os primeiros habitantes do interior do nordeste. A partir de seus resultados, auxiliam na

construção do conhecimento a respeito da Pré-história dessa área, revelando grande diversidade de culturas e povos, representados pelos variados estilos de cerâmica, indústria lítica e tradição de pintura rupestre.

A partir do desenvolvimento do viés interpretativo e paleo-epidemiológico, a Paleopatologia passou a ser utilizada como uma importante ferramenta de estudo em novos enfoques arqueológicos, como por exemplo, na arqueologia de gênero (HOLLIMON, 1992, 1998, 2011; GRAUER, STUART-MACADAM, 1998; ALLENDE, 2008; SOFAER, 2009; ESCÓRCIO, GASPAR, 2010) e na arqueologia da infância (COLINO *et al*, 2010; GIBAJA *et al*, 2010; IBÁÑEZ, 2010). A quantidade e a qualidade destes estudos vêm aumentando na última década e viabilizando a reinterpretação de antigos postulados sobre categorias sociais antes marginalizadas, como crianças e mulheres, no processo de construção do conhecimento arqueológico.

Nos estudos de gênero, o emprego da Paleopatologia, de um modo geral, objetiva estabelecer a frequência de condições patológicas, sejam ósseas ou dentárias, em homens e mulheres, comparando-a entre estas categorias. Dessa forma, podem-se obter referências ou indicadores sobre o estado de saúde, divisão do trabalho e dieta.

Apesar de considerar a presença de uma ampla gama de paleopatologias, este trabalho debruçou-se apenas sobre as paleopatologias dentárias, o que nos permitiu avaliar questões referentes às doenças dentárias, saúde bucal, hábitos de subsistência e práticas sociais, como diferenciações alimentares entre as classes de gênero, por exemplo. Destarte, as paleopatologias dentárias podem ser interpretadas como indicadores de dimensões bioculturais no contexto funerário.

2.1. Descrição das doenças dentárias frequentemente encontradas em sítios pré-históricos

Dentre os estudos paleopatológicos, um dos que tem se desenvolvido com maior vigor, inclusive no Brasil, é a paleopatologia dentária. Os sítios arqueológicos que contêm restos ósseos humanos enfrentam o problema da má conservação desse material. Vários são os fatores que contribuem para isso: as

condições do solo, que em geral, apresentam PH ácido; ação antrópica, com a implantação das roças para cultivo de vegetais; pisoteio e urina de animais, além dos efeitos da erosão. Desta forma, em diversos sítios arqueológicos, praticamente não há restos ósseos, sendo encontrados, como os remanescentes humanos mais frequentes, os dentes.

De acordo com Mello & Alvim e Pereira (1979), por serem de constituição mineralizada, os dentes são os componentes mais duros e resistentes do corpo humano. Além disso, devido a sua baixa capacidade para regenerar-se, é possível que se mantenham registrados diversos episódios que afetam os dentes desde a sua formação, como evidências de falhas no processo de amelogênese, traumas e patologias dentárias que são mantidas durante toda a vida do indivíduo, e mesmo após sua morte, como um registro quase sempre não remodelável (RODRIGUES, 1997; SILVA, 2005).

Os dentes são estruturas basicamente mineralizadas, situados na porção inicial do aparelho digestivo. Distribuídos no maxilar e na mandíbula, onde se fixam através de articulações semimóveis, desempenham, entre outras, funções concernentes a mastigação, ao crescimento crânio facial, a deglutição, a fonação, a sustentação e proteção dos tecidos moles (CANTISANO *et al*, 1987).

A identificação e diagnose dos processos patológicos que acometem os dentes, em populações pré-históricas, podem ser utilizadas para compreender a dinâmica biológica, cultural e social desses grupos. Portanto, a realização de um perfil patológico não deve ser utilizada ou pensada como um fim em si próprio, porque as paleopatologias, tanto dentárias quanto ósseas, são produtos da interação do indivíduo e do grupo com o meio ambiente, deixando entrever atividades culturais. Estes processos patológicos podem afetar de maneira diferenciada variados seguimentos sociais dentro de um grupo, como as categorias de gênero e as faixas etárias, por exemplo, e também apontam para diferenciações nas condições alimentares, de saúde e de vida de um modo geral.

Segundo Hillson (1996), a interação de fatores mecânicos, químicos e patogênicos deixam, na quase totalidade dos casos, marcas dentárias permanentes, que podem ser associadas tanto a doenças, ao tipo de alimentação ou ao emprego dos dentes para outros fins. Esse tipo de análise dos processos

patológicos dentários em populações pré-históricas vem sendo objeto de estudos no Brasil desde a década de sessenta, quando iniciados por Salles Cunha (1963).

Rodrigues (1997) afirma que estes trabalhos desenvolvidos no Brasil, em sua maioria, tiveram como objetivo descrever patologias e realizar uma tipologia morfológica. Contudo, interpretação dos resultados não era o foco destes trabalhos iniciais, diferente do que ocorre em Mello & Alvim (1978); Menezes e Andreatta (1971); Cunha e Mello & Alvim (1971) e Rodrigues (1997).

Nesse espaço, serão descritas as condições patológicas que afetam os dentes, com ênfase maior sobre aquelas mais prováveis de serem encontradas no registro arqueológico. Para um estudo sistemático dessas enfermidades, assim como Rodrigues (1997, p. 06), optamos por agrupá-las, seguindo a orientação de Lukacs (1989 *apud* RODRIGUES, 1997), que as dividiu da seguinte forma:

patologias infecciosas: abscessos, cáries, doenças periodontais, exposição da câmara pulpar (por meio de cáries) e perda dentária ante-mortem (por meio de cáries ou abscessos);

- patologias degenerativas: perda dentária ante-mortem (por meio da atrição), doença periodontal, exposição da câmara pulpar (por meio da abrasão) e acúmulo de cálculo;
- patologias de desenvolvimento: hipoplasia de esmalte.

A cavidade oral humana é composta por uma complexa flora bacteriana, que se desenvolve em uma variedade de habitats e condições nutricionais, estando exposta aos agentes bacterianos da saliva, aos elementos do sistema imunológico do hospedeiro e fatores externos, como dieta, higiene oral e flúor (BOWDEN E EDWARDSSON, 1994).

Os dentes fornecem condições ideais para a colonização e crescimento bacteriano, pois, sua superfície permanece sólida e inalterável, diferentemente dos tecidos moles, que se renovam através da queda de células epiteliais. A placa dentária pode ser identificada como uma espessa camada que recobre a superfície exposta dos dentes atingidos (WASTERLAIN, 2006).

Cárie dentária

Esta é uma das doenças dentárias mais comuns em seres humanos, sendo frequentemente relatada nos estudos sobre as populações do passado. Pindborg (1970, p. 256 *apud* ORTNER, 2003, p. 590), a define como uma “doença infecciosa e transmissível em que há destruição progressiva da estrutura do dente”. Este processo tem início na superfície dentária, desenvolvendo-se por meio de atividades de bactérias ocasionando a desmineralização progressiva do esmalte dentário, da dentina e do cemento (partes da estrutura dentária). A desmineralização é causada por ácidos orgânicos, formados durante a fermentação dos carboidratos pelas bactérias da placa dentária. Segundo Ortner (2003), o surgimento das cavidades, sinais clínicos da cárie, acontecem na fase avançada, pois, é necessário um período extenso de atuação das bactérias causadoras da cárie para que ocorra a quebra da estrutura dentária. A polpa torna-se inflamada (abaixo) e podem morrer, resultando em uma inflamação do periodonto tecidos ao redor do ápice radicular.

Sua etiologia é composta por uma gama de fatores que devem desenvolver-se em conjunto, para que esta patologia se desenvolva. Com finalidade pedagógica, os múltiplos fatores envolvidos nesta doença, são frequentemente divididos em dois grupos gerais, de acordo com Wasterlain (2006), são os fatores primários e secundários.

Os fatores primários, indispensáveis à ocorrência da doença são os dentes com superfícies suscetíveis expostas ao meio oral, placa dentária e dieta. Como fatores secundários são considerados a morfologia dentária, a higiene oral, a posição dentária, a composição química dos dentes, a dureza e textura da comida, o desgaste dentário, hipoplasias do esmalte, entre outros fatores que não cabem neste trabalho.

As lesões cariogênicas são menos frequentes em grupos de caçadores-coletores, pois taxas de cárie, mostram uma estreita ligação com a adoção de uma dieta mais rica em carboidratos. Na medida em que os costumes alimentares se alteram, com a implementação das práticas agrícolas, sua prevalência tende a se elevar. Cláudia Rodrigues (1997) afirma que: embora nem todos os fatores

influentes no processo de deflagração da lesão cariosa estejam bem definidos, a ocorrência ou ausência dessa patologia numa perspectiva populacional, é um importante subsídio na construção de modelos acerca da dinâmica dos processos patológicos que afetam o sistema dentário e suas relações com práticas alimentares e outros fatores de ordem biocultural.

As cáries também podem ser identificadas quanto a sua localização em cada uma das cinco superfícies da coroa: oclusal, este tipo de cárie está principalmente associada com os molares e pré-molares; mesial (figura 01), distal, bucal, lingual, ou de raiz .

A cárie dentária tem um efeito secundário na saúde oral dos indivíduos, pois pode levar a perda dentária *ante-mortem*, placas dentárias, abscessos e periodontites. Segundo Ortner (2003):

(...) se a destruição do dente a partir de cáries dentárias penetrar na cavidade pulpar, é quase inevitável que na infecção dos tecidos de suporte. A reação do tecido ósseo a infecção envolve inicialmente a destruição do osso em torno da base da raiz do dente e pode progredir para a criação de um dreno de pus através do processo alveolar. A infecção crônica conduz a perda óssea parcial em torno do foco infeccioso (ORTNER, 2003, p. 592)



Figura 01. Cárie proximal, com exposição da câmara pulpar. A parede óssea proximal situada entre ambos os dentes foi perdida por meio do processo de reabsorção alveolar, afetando a superfície ósseas bucal e lingual. Fonte: Allende, 2008.

Placa dentária

A placa dentária é um dos fatores de vital importância para o início e desenvolvimento da lesão cariogênica, como exposto anteriormente. O surgimento dessa patologia se dá após a erupção dos dentes, quando diversas bactérias, como *Streptococcus*, *Actinomyces*, *Lactobacillus* e *Neisseria*, entre outras, colonizam a

superfície do esmalte. A matriz e a comunidade de bactérias constituem-se em depósitos de placa dental com uma arquitetura bem organizada, baseada nas relações entre as colônias diferentes de bactérias (HILLSON, 1996).

Cálculo dentário (Tártaro)

É uma das condições patológicas mais verificadas no contexto arqueológico (ROBERTS E MARIHESTIR, 1995, p. 56). O cálculo não é uma patologia propriamente dita, mas, assim como a placa, faz parte do processo que influencia no desenvolvimento e agravamento da cárie dentária e várias outras patologias, como, por exemplo, a periodontite. Os cálculos dentários resultam da mineralização da placa bacteriana, inicialmente depositada como um material mole, endurecendo gradativamente pela “deposição de sais minerais nos interstícios orgânicos” da cavidade oral (SHAFER *et al*, 1983 *apud* RODRIGUES, 1997).

Ocorrem com maior intensidade nas superfícies dentárias próximas aos ductos salivares maiores e, dependendo de sua localização, podem ser classificados, segundo Hillson (1996, p. 128), em “cálculo supragengival (quando estão localizadas na coroa dentária) ou cálculo subgengival (quando estão localizados na raiz do dente)”. É formado pela precipitação do fosfato de cálcio durante o período de elevação do pH. Pela proximidade dos principais dutos salivares, a face vestibular dos molares superiores e a face lingual dos incisivos inferiores são os principais locais para a formação do cálculo (SILVA, 2003).

A alimentação também é um fator relevante para a formação do cálculo, estando associado ao consumo de alimentos macios e pegajosos. Dessa forma, assim como a cárie dentária, o acúmulo de cálculo é baixo em sociedades coletoras-caçadoras, e vai intensificando-se à medida que esses grupos alteram sua economia de subsistência. Apesar dessa evidência, os depósitos de cálculo já foram identificados em sociedades sambaquieiras pré-horticultoras (ARAÚJO, 1968; SOUZA E MELLO & ALVIM, 1992; SOUZA, 1995; RODRIGUES, 1997).

Abcesso dentário

Os abscessos resultam, em geral, da cárie, do desgaste e de traumas dentários. Quando há exposição do canal pulpar, seguida da infecção do periodonto, a infecção segue através do canal radicular em direção à região periapical, ocasionando inflamação e subsequente formação de pus numa área de baixa circulação que acaba por expeli-lo, formando cavidades de drenagem no osso alveolar (RODRIGUES, 1997; SILVA, 2003).

Apesar de não estarem relacionados diretamente a padrões alimentares, os abscessos são indicativos de processos intensos que afetam o sistema dentário, fornecendo informações acerca das condições de saúde e doença dos indivíduos. Em remanescentes ósseos humanos, a evidência do abscesso dá-se pela existência de cavidades, na mandíbula ou maxilar, expondo a raiz do dente.

Doença periodontal

A doença periodontal pode ser caracterizada como um processo inflamatório causado por bactérias orais que acomete o periodonto (gingiva, ligamento periodontal, pericemento, osso alveolar). Está relacionada com má higiene bucal, presença de bactérias patogênicas, fumo e idade avançada.

Esse é um termo utilizado para descrever uma condição inflamatória que afeta os tecidos que suportam os dentes, ocorrendo em dois estágios: gengivite e periodontite (SILVA, comunicação pessoal). A gengivite, de acordo com Ortner (2003, p. 593) “é uma inflamação dos tecidos moles (gingivas) que circundam imediatamente o dente, geralmente na junção entre a coroa dental e a raiz”.

Na maioria dos casos, a causa da inflamação é a placa dentária adjacente à gengiva inflamada (REGGEZI *et al.* 2000, p.142 *apud* ORTNER, 2003, p. 593). Se não tratada, a gengivite pode levar a uma periodontite e uma consequente perda dentária.

O indivíduo acometido por esta patologia, segundo afirma Hillson (1996), pode perder o ligamento periodontal, fazendo com que a raiz do dente fique exposta em uma bolsa periodontal revestida, no lado gengival, pelo epitélio e

contém a placa subgengival que tem sua própria flora bacteriana específica caracterizada por formas anaeróbicas. Essa placa subgengival pode mineralizar-se e transformar-se em uma fina camada de cálculo subgengival, só encontrado nas bolsas periodontais.

A perda de massa óssea geralmente prossegue de forma gradual, por meio de uma série de encaminhamentos e diminuições do nível de inflamação, ao longo de muitos anos. Eventualmente, o apoio dos dentes é perdido, este fica solto e cai, sendo esta uma das principais causas de perda dentária em seres humanos (HILLSON, 1996). “A relação entre periodontopatias e práticas alimentares se dá de maneira mais complexa que em outras patologias como a cárie, por exemplo” (RODRIGUES, 1997, p.14). Entretanto, o seu estudo pode possibilitar o estabelecimento de possíveis relações entre outros processos e patologias capazes de contribuir ou iniciar o desenvolvimento de periodontopatias.

Em remanescentes humanos arqueológicos, a manifestação principal da periodontite são a reabsorção alveolar e a porosidade óssea, devido ao aumento da vascularização nesta região.

Hipoplasia dentária

A hipoplasia está associada a rupturas fisiológicas ou de desenvolvimento que correspondem, na maioria dos casos, a respostas a condições limitantes no período pré e/ou pós-natal, quando do desenvolvimento do esmalte nos dentes (GOODMAN *et al*, 1984). Episódios diversos capazes de levar a descontinuidades fisiológicas durante a formação do esmalte dentário podem acarretar inatividade ameloblástica, condição que se reverte após a recuperação do evento, deixando, porém, registradas as falhas na forma de linhas ou pontos na superfície do esmalte.

Muitos autores discorrem sobre o aumento de casos de hipoplasia do esmalte durante a passagem de uma economia caçadora-coletora para uma economia horticultora, o que sugere uma elevação nos níveis de estresse infantil, decorrentes da alteração no padrão alimentar e também do aumento

populacional, das alterações sócio-organizacionais, habitação e mobilidade do grupo.

Embora possam ser estabelecidas relações entre a qualidade da oferta nutricional e a existência ou não das hipoplasias, isto não nos permite, segundo Rodrigues (1997), inferir relações diretas com práticas alimentares. Porém, é possível uma análise das condições de saúde e doença da população em estudo.

Desgaste dentário

O desgaste dentário é outro tipo de lesão muito comum em remanescentes arqueológicos. Esse processo tem diversas etiologias e se inicia quando o dente erupciona na cavidade oral, provocando perda progressiva e natural do tecido dentário ao longo da vida do indivíduo. Entretanto, o desgaste pode ser intensificado e agir de maneira mais rápida quando resulta do estresse da mastigação sobre a dentição no decurso das atividades, quer alimentares, quer tecnológicas, não se caracterizando como uma condição patológica em si (POWELL, 1985). Hillson (1996) aponta três tipos de desgastes dentários, que podem ser diferenciados entre atrição, erosão e abrasão: “A atrição é o desgaste produzido pelo contato direto dente a dente, durante a mastigação ou como resultado de condições patológicas, como o bruxismo” (ROBB *et al*, 1991, p. 595).

O atrito resultante do contato entre as superfícies de mordida dos dentes inferiores e superiores é conhecido como atrito oclusal. Já o atrito entre os dentes adjacentes no maxilar ou na mandíbula é considerado como atritos proximal, interproximal e intersticial (WOLPOFF, 1970; HINTON, 1982 *apud* WASTERLAIN, 2006).

É comum verificar a presença de casos de atrição dentária em sociedades não industrializadas, pois estas consomem alimentos não processados, e que, portanto, não requerem o emprego da força na atividade mastigatória. Suas marcas nos dentes são perceptíveis através de pequenos arranhões paralelos, nas áreas oclusais e interproximais dos dentes (POWELL, 1985).

A erosão é raramente encontrada em remanescentes dentários arqueológicos, pois é resultante de ataques químicos, o que pode acarretar perda

do esmalte e da dentina (ROBB *et al*, 1991). Consiste na dissolução química dos dentes por ácidos diferentes dos produzidos pelas bactérias orais. Wasterlain (2006) afirma que tais ácidos são originários de três fontes: dietética (ingestão exagerada de sumo de frutas cítricas, bebidas carbonatas ácidas e alguns tipos de bebidas alcoólicas); condições regurgitativas (acesso recorrente de vômitos, associados a distúrbios alimentares, alcoolismo e desordem gastrointestinal), nestes casos, o ácido gástrico atua como agente agressivo sobre os dentes. As facetas deixadas pela erosão são distintas das deixadas pelo atrito e pela abrasão, pois, a superfície erodida é mais macia (WASTERLAIN, 2006), sendo seu aspecto característico a abertura em forma de taça nas superfícies oclusal e incisal.

A abrasão dentária pode ser causada pela ingestão de alimentos abrasivos, consumidos crus pela presença de partículas abrasivas na alimentação, como grãos de areia, e mesmo por hábitos culturais, como a utilização dos dentes na preparação de peles de animais ou uso de cachimbos (figura 02). Pode também ser efetuado com propósitos ritualísticos e estéticos ou estar relacionado a distúrbios alimentares, que, de acordo com Wasterlain (2006, p.38), tem relação com o hábito de comer ou mastigar “(...) argila, areia, pedra, erva, cabelo, plástico, chumbo, etc. Apesar de ser mais frequente em indivíduos com problemas mentais, pode também afetar crianças e mulheres grávidas”.

O desgaste dentário gera desgaste de toda a superfície oclusal dentária, podendo ocasionar graves problemas, como a exposição do canal pulpar e a consequente inflamação do dente.



Figura 02. Incisivos central e lateral, superiores e inferiores sofreram alterações devido o hábito de fumar cachimbo. Fonte: Goyenechea, *et. al*. 2001.

Existe um elevado número de fatores que pode influenciar o aparecimento e a severidade do desgaste dentário, como a espessura e estrutura do esmalte, dentina e cimento; morfologia da coroa dentária; o mecanismo mastigatório; tipo de oclusão; força da oclusão; higiene oral; dieta; preparação dos alimentos; hábitos culturais; condições patológicas; sequência das erupções dentárias e idade dos indivíduos (HILLSON, 1996, p. 183; ROBB *et al*, 1991, p. 593).

Neste capítulo, as patologias dentárias foram descritas, algumas destas puderam ser identificadas nos remanescentes dentários arqueológicos dos sítios Justino e Furna do Estrago, e foram utilizadas ou não, como indicador de diferenças de gênero. No capítulo V deste trabalho, veremos as bases metodológicas utilizadas para a análise das patologias.

CAPÍTULO III.

CONTEXTUALIZAÇÃO PALEOAMBIENTAL, HISTÓRICA E PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NOS SÍTIOS JUSTINO E FURNA DO ESTRAGO

Nos últimos trinta anos, as pesquisas arqueológicas passaram a acontecer de forma mais sistemática na região nordeste do Brasil, o que permitiu o desenvolvimento de um arcabouço metodológico, ainda em construção, que vem contribuindo significativamente para o conhecimento sobre a pré-história desta região do país. Em grande parte, tal conhecimento é resultado de inúmeros estudos dos cemitérios pré-históricos e dos elementos biológicos e culturais que o compõe.

Duas importantes necrópoles se destacam no contexto regional – o sítio Justino, localizado no município de Canindé do São Francisco, estado de Sergipe, e o sítio Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, Pernambuco. Ambos são objetos de estudo nesta pesquisa. E como tal, é necessário que possamos conhecer seus aspectos ambientais, geológicos e o histórico das pesquisas desenvolvidas nestes sítios. Portanto, neste capítulo, será apresentada uma caracterização dos aspectos acima citados em ambos os sítios.

3.1. A área arqueológica de Xingó

As grandes responsáveis pelo início e desenvolvimento das pesquisas arqueológicas no curso do médio e baixo São Francisco, segundo Luna (2001), foram as obras de construção das Usinas Hidroelétricas de Sobradinho (década de 1970), Itaparica (1980) e Xingó (1990). Por meio de prospecções e salvamento arqueológico executados na área posteriormente atingida pelas águas das barragens, diversos sítios foram descobertos e escavados.

A arqueologia no nordeste passou por um período de letargia que, segundo Martin (1999, p. 37), “vai durar até os anos sessenta, com algumas exceções”. Tal paralisação se deveu ao fato de o nordeste ficar às margens da pesquisa científica, pois o interesse anterior pela pré-história do nordeste entre os eruditos e pesquisadores estrangeiros durante o século XIX e princípios do XX mudou de

foco, indo para outras regiões, como Amazônia, sul e sudeste do país (MARTIN, 1999).

Contudo, como afirmou a referida autora, existiram as exceções. Para a região nordeste, em geral, podemos citar os trabalhos desenvolvidos por Carlos Ott (1958), “Pré-história da Bahia”; e o de Clerot (1969), “30 anos na Paraíba”. Voltando nosso olhar para o rio São Francisco, podemos encontrar os trabalhos desenvolvidos por Carlos Estevão, que durante a década de 1930 percorreu o curso médio desse rio recolhendo informações arqueológicas e “descobriu e escavou o primeiro sítio escavado em Pernambuco, a Gruta do Padre, em Petrolândia” (MARTIN, 1999, p. 38). Na década de 1960, Valentín Calderón realizou novas escavações na área e obteve datações radiocarbônicas que ultrapassam 7.000 anos.

Na região que compreende o baixo rio São Francisco, as pesquisas arqueológicas foram desenvolvidas a partir do projeto elaborado por pesquisadores do departamento de Sociologia e Psicologia da UFS (Universidade Federal de Sergipe) com o objetivo de localizar e mapear sítios arqueológicos situados às margens deste rio. Nessa etapa, quatro sítios rupestres foram localizados. Posteriormente, quando se iniciaram os trabalhos de construção da hidrelétrica de Xingó, a CHESF (Companhia Hidroelétrica do São Francisco), “com base na lei nº 3924, de 21 de julho de 1961, optou pela realização de salvamento arqueológico, não apenas nos sítios já detectados, mas também, em toda a área que seria inundada pelo lago da represa” (VERGNE, 2004).

Desta forma, a criação do Projeto Arqueológico de Xingó (PAX) se fez urgente. Por intermédio de um convênio assinado, em 1988, pela CHESF e pela UFS, o projeto tinha o intuito de resgatar todo o material arqueológico encontrado na área que seria diretamente afetada pela construção da supracitada hidrelétrica, na divisa dos estados de Alagoas, Sergipe e Bahia.

Entre os anos de 1988 e 1994, o PAX identificou 56 sítios arqueológicos nesta área. Dentre esse montante de sítios, Vergne (2004, p. 07) afirma que “foram 41 assentamentos pré-históricos a céu aberto que foram sondados e escavados e 15 sítios de registro rupestre”. Milhares de artefatos foram

recolhidos, entre cerâmica, lítico, material ósseo humano e animal, estruturas de fogueiras, entre outros materiais arqueológicos.

O Projeto Arqueológico de Xingó-PAX, no ano de 1995, contando não apenas com o apoio da CHESF, mas também com o da PETROBRAS, “visando uma maior compreensão da organização social e da vida cotidiana dos grupos humanos pré-históricos estabelecidos no Baixo São Francisco” (VERGNE, 2004, p. 12), definiu novas áreas de atuação e pesquisa. Novos sítios arqueológicos, 214 ao todo, foram localizados a jusante da UHE-Xingó, no platô do canyon do baixo rio São Francisco, assim como em seus afluentes, situados a montante da referida UHE-Xingó, onde foram descobertos mais 218 sítios de gravuras e pinturas rupestres.

Alguns sítios arqueológicos da região do baixo São Francisco, em especial aqueles localizados na área arqueológica de Xingó (figura 1), como por exemplo, os sítios Justino, São José II, Jerimum, entre outros, foram estudados por diversos pesquisadores, tais quais Fagundes (2007, 2010); Mello, Silva e Fogaça (2007); Carvalho (2006); Dantas e Andrade Lima (2006); Oliveira *et al* (2005); Vergne (2004) e Luna (2001).

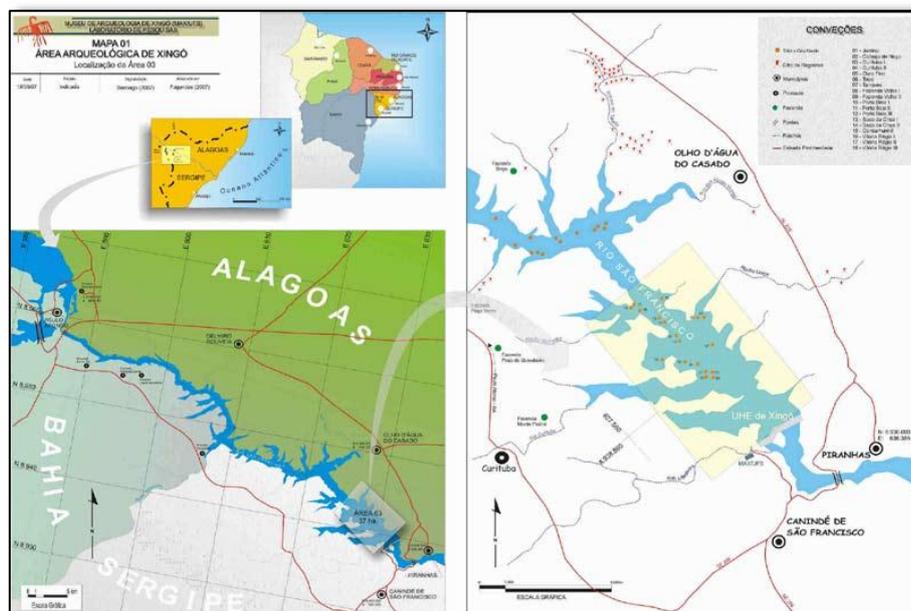


Figura 1. Mapa da área arqueológica de Xingó. Fonte: FAGUNDES, 2010, p. 03.

Para melhor compreensão do espaço habitado pelos grupos humanos, a área arqueológica de Xingó foi dividida em áreas numeradas (FAGUNDES, 2010). Objeto de nosso interesse, a área 03 é composta por 16 sítios arqueológicos, dos quais o único completamente escavado foi o Justino (figura 2). Já os demais passaram por sondagens.

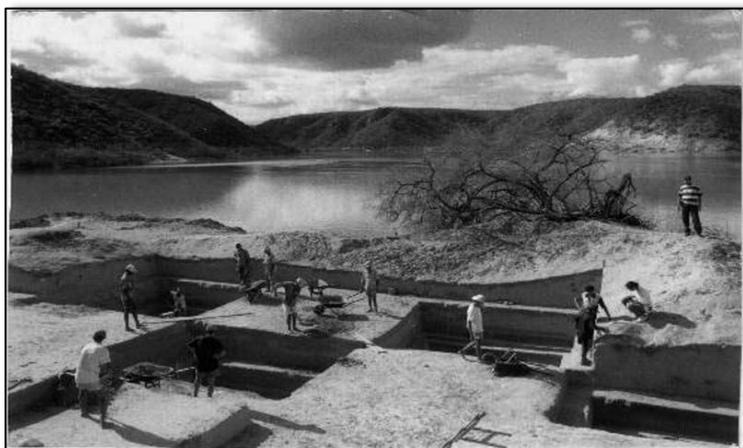


Figura 2. Vista do sítio Justino durante os trabalhos arqueológicos. Fonte: Acervo do Museu de Arqueologia de Xingó/MAX.

Apesar do grande potencial, as pesquisas arqueológicas nesta região ainda são escassas, se comparadas a outras áreas no nordeste. O parco conhecimento que possuímos a respeito das populações que habitaram os sertões, deve-se tanto à baixa frequência de pesquisas arqueológicas nos sertões, quanto à grande diversidade de línguas, mobilidade e belicosidade de alguns grupos indígenas que habitavam estes locais. Há também o isolamento destes e o contato posterior com as frentes de colonização. Porém, um dos principais motivos, de acordo com Medeiros (2002, p. 11), é o fato de que “alguns grupos foram exterminados antes que houvesse qualquer registro de sua existência”.

O que podemos afirmar, a partir da descoberta de todos estes sítios arqueológicos na região do baixo São Francisco, é que desde tempos pré-históricos – pelo menos 10.000 anos –, as margens deste rio vêm sendo habitadas por grupos humanos. Um dos registros mais antigos da presença do homem nessa região é proveniente do sítio Justino (8.950 anos BP), atestando a presença de grupos caçadores-coletores que viviam nos terraços fluviais do rio São Francisco. Estima-se que tais grupos “devem ter chegado ao vale desde o planalto goiano, das cabeceiras do alto São Francisco e pela ampla rede de afluentes que desembocam no grande rio nordestino no SO da Bahia”, no início do holoceno, período extremamente seco, por volta de 10.000 anos BP (MARTIN, 1997, p. 08).

Reconhecidamente essa região também possui uma ocupação histórica antiga, que remonta ao século XVI, e exercendo o papel de aglutinador do movimento de expansão colonial oriundo de Pernambuco e da Bahia (ALVES, 1997).

Na historiografia, o rio São Francisco foi o cenário de encontro dos principais personagens da história colonial da região nordeste: o bandeirante, o jesuíta, o vaqueiro e o indígena. Tal encontro, como assinalou Alves (1997), foi marcado por lutas, disputas territoriais, aprisionamento e evangelização dos indígenas, como bem nos mostra o trecho que segue:

No avanço para o sertão defrontaram os índios, em que sobressaíam os Cariris, antigos dominadores do litoral, então acuados entre o São Francisco e a Ibiapaba. A sua resistência foi terrível, talvez a mais persistente que os povoadores encontraram em todo o país; mas atacados no rio São Francisco, no Jaguaribe, no Parnaíba, por gente de São Paulo, da Bahia, de Pernambuco, da Paraíba, do Ceará, foram uns mortos, outros reduzidos a aldeamentos, outros agregados a fazendas, fundindo-se e confundindo-se com os colonizadores alienígenas (CASPISTRANO DE ABREU, 1853-1927, p. 41).

O bandeirante vinha na busca dos minerais preciosos e do apresamento de indígenas. O jesuíta buscava o gentio para lhe salvar a alma, reunindo-o em missões. Já o vaqueiro demanda às margens do São Francisco buscando pastagem para o gado.

A região do baixo São Francisco, especificamente, foi um importante cenário durante a ocupação holandesa no nordeste (1630-1661). Foi na vigência do domínio holandês que “Maurício de Nassau fundou o Forte Maurício onde surgiu a atual cidade de Penedo (AL). A região foi explorada e ocupada pelos agentes da Companhia das Índias Ocidentais” (ALVES, 1997, p.08).

3.1.1. Contexto ambiental e paleoambiental de Xingó

A área arqueológica de Xingó, localizada na região do baixo São Francisco, está inserida no Domínio dos Maciços Remobilizados do Baixo Planalto Pré-litorâneo, mais precisamente na unidade geomorfológica denominada Pediplano Sertanejo, ou de Pediplano do Baixo São Francisco, que ocupa toda a bacia de drenagem do São Francisco na área. Essa unidade é constituída por uma grande superfície aplanada por processos de pediplanação, com cotas entre 200 e 250m

de altitude, seguido lentamente em direção à calha do rio. Sua superfície está constituída por litologias diferentes, que remontam ao proterozóico do Domínio Canindé-Marancó.

O rio São Francisco possui uma bacia de drenagem com 600.000 km², sendo a principal do semiárido nordestino. Corre, em sua maioria, sobre rochas do pré-cambriano do Brasil central, atravessando a zona de vegetação do cerrado e da caatinga (SOUZA *et al.*, 2005). Na região do baixo rio São Francisco, este corre por um canyon muito estreito, compreendido no trecho entre Paulo Afonso e Xingó (cerca de 60 km).

Nessa superfície modificada pelo rio surge um canyon escavado no embasamento cristalino (os terrenos cristalinos perfazem cerca de 57% da área da bacia do São Francisco), com desnível que varia entre 100 e 150 m do topo da superfície aplainada. É bastante estreito, cerca de 100 a 300 m de largura, apresentando paredes íngremes, com declividades superiores a 45°. Além disso, destaca-se a presença de extensas ravinas⁷ formadas por afluentes temporários em ambas as margens, que cooperam para a formação, principalmente na foz dos afluentes do rio São Francisco, dos terraços, devido à deposição de sedimentos tanto de origem aluvinar⁸ quanto coluvinar⁹ (CHESF/ENGE-RIO, 1993; DOMINGUEZ E BRICHTA, 1997; VERGNE, 2004; FAGUNDES, 2007).

De acordo com Vergne (2004, p. 50), os depósitos coluvionares localizam-se em ambas as margens do rio São Francisco. Já os depósitos aluvionares vão constituir os sedimentos das planícies aluviais (ROSSATO *et al.*, 2003 *apud* FAGUNDES, 2007, p. 134). Tais depósitos ocorrem ao longo do curso do rio São Francisco e de seus afluentes. Esses terraços arenosos são constituídos por solos de granulometria que varia entre fina e média. Sua altura média varia entre 15 a 225 m acima do nível do rio.

⁷ “Depressão do terreno originada pelo trabalho erosivo da água de rolamento” (LEINZ E LEONARDOS, 1970, p.154).

⁸ “Alúvio constitui em um depósito de origem fluvial ou lacustre, formados por cascalhos, areia, siltes e argilas das planícies de inundação e do sopé dos montes e das escarpas” (LEINZ E LEONARDOS, 1970, p. 10).

⁹ Colúvio constitui em um depósito de sedimentos transportados pela ação gravitacional, localizado nas encostas dos morros. Formados por detritos minerais de granulometria heterogênea e podendo possuir, assim, minerais estranhos a rocha subjacente (LEINZ E LEONARDOS, 1970).

Vergne (2004, p. 50), afirma também que “tais terraços são, via de regra, estreitos e posicionados na junção do rio principal e os pequenos afluentes, com exceção do terraço de Pão de Açúcar (município alagoano), que apresenta dimensões amplas”. Esses terraços foram constituídos de forma bastante irregular, pois em grande parte da trajetória pelo canyon o rio encontra-se enclausurado em paredes íngremes, não apresentando superfície de inundação (DOMINGUEZ E BRICHTA, 1997 *apud* FAGUNDES, 2007, p. 135).

Os terraços possuíam surpreendente capacidade de suprir as necessidades básicas dos grupos que neles habitaram (AB’SABER, 1997). Podiam representar, no passado, verdadeiros refúgios para os grupos pré-históricos. Nos terraços, a abundância na oferta de alimentos provenientes do rio São Francisco, além de água, matéria prima para a confecção do instrumental lítico, solos siltico-argilosos para a confecção da cerâmica e proteção contra ataques de invasores, haja vista ser possível chegar até esses terraços apenas de barco (VERGNE, 2004). Isso justifica a afirmação, feita por Martin (1999, p. 130), de que nos abrigos sob rochas mais afastados do rio, há pouco ou nenhum indício de ocupação prolongada. Somando-se a estes fatos, o clima também deve ter influenciado sobremaneira, pois o clima extremamente seco foi uma característica da região por um longo período, entre 8.000 e 6.000 anos B.P.

Fagundes (2007, p. 140) afirma que, em relação aos terraços fluviais, sua formação é anterior a ocupação humana em Xingó. Análises realizadas pelos professores do Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia/UFBA, José M. Landim Dominguez e Arno Brichta (1997) também demonstraram que não houve mudança significativa nos aspectos geomorfológicos destes compartimentos desde o final do pleistoceno até os dias atuais (DOMINGUEZ E BRICHTA, 1997 *apud* FAGUNDES, 2007). De acordo com Ab’Saber:

Podemos afirmar, que os primeiros grupos humanos tardios, posteriores ao fim do pleistoceno, sedentarizaram-se nos terraços aluviais arenosiltico – argilosos da área de Paulo Afonso/ Xingó/Piranhas, baseado em um suporte arqueológico múltiplo. Um largo rio perene: águas límpidas, fluxos movimentados de corredeiras, em uma situação ideal para peixes lênticos. Espaço de vivência não inteiramente atraentes para grupos competidores ou inimigos. Tudo, enfim, convergindo para criar condições satisfatórias para grupos humanos que ali chegassem, em se apoiando no suporte arqueológico dos estreitos e inclinados terraços, situados na base de íngremes paredes rochosas (AB’SABER, 1993, p. 08).

O clima também pode ter influenciado na ocupação das margens do rio São Francisco, haja vista a seca extrema possivelmente ter sido caracterizador da região pelo período que vai entre 8.000 e 6.000 anos B.P.

Os sistemas climáticos possuem elementos que direcionam as condições geoambientais da superfície terrestre, também responsável pelo tipo de cobertura vegetal que encontramos em uma dada região (LUNA, 2001). A região de Xingó, nossa área de pesquisa, apresenta precipitações de caráter anual médio, em torno de 413 a 907 mm. Segundo um relatório da CHESF/ENGE-RIO (1993), o município mais chuvoso da região do baixo São Francisco é Paulo Afonso-BA, sendo os menos chuvosos Canindé do São Francisco-SE e Piranhas-AL.

A temperatura é elevada durante todo o ano – cerca de 25°C, permitindo alto índice de evaporação no decurso do ano, aproximadamente 1.200mm. De acordo com a classificação de Koppen, o clima enquadra-se no BSh. Os climas do tipo B são caracterizados por as evaporações serem superiores as precipitações. Em Xingó, as precipitações chegam a 600mm anuais. Portanto, a área possui um clima seco.

O regime pluviométrico na região é do tipo mediterrâneo, com alternância de períodos seco (primavera-verão) e outro chuvoso (outono-inverno). Nessa região, em média, são 150 a 200 dias por ano sem chuva, correspondendo a um período de sete a oito meses de seca. Essa condição pluviométrica é condicionada, principalmente, pela ação constante dos alíseos do sudeste, cujas propriedades acarretam estabilidade, gerando tempos bons e secos, sem que haja influência direta da morfologia local. O clima é o condicionante físico principal para o estabelecimento dos recursos hídricos de superfície (CHESF/ENGE-RIO, 1993, p. 163). É essa a razão da intermitência dos riachos locais, além da ausência quase total de infiltração e a vegetação local que não exerce papel relevante na retenção de umidade. Esses são fatores que cooperam para a escassez de água na superfície. Portanto, “o rio São Francisco é o único que não depende do regime pluviométrico, recebendo pouca influência do clima local” (FAGUNDES, 2007, p. 137)

Informações paleoclimáticas para o São Francisco são escassas, provavelmente o melhor indicador paleoclimático da bacia seja o sistema

dunário¹⁰ do médio São Francisco (SOUZA *et al*, 2005). Em seu estudo sobre as paleodunas, Barreto *et al* (1999 *apud* FAGUNDES, 2007), indicam que, durante o pleistoceno, a caatinga já estava presente no sertão nordestino. Contudo, apenas por volta de 4.000 anos B.P., o clima semi-árido moldou, nesta vegetação, aspectos parecidos com o que vemos atualmente. Na área arqueológica de Xingó, a vegetação predominantemente encontrada é a caatinga, espécie vegetal típica do sertão nordestino. Ela apresenta grande variação fisionômica, principalmente quanto à densidade e ao porte das plantas. Mudanças em escala local, a poucas dezenas de metros, são facilmente reconhecíveis e geralmente ligadas a uma alteração ambiental claramente identificável, como é o caso do maior porte das plantas nos vales e do menor porte das que estão localizadas sobre lajedos e solos rasos, em consequência da maior e menor disponibilidade hídrica (AMORIM *et al*, 2005).

Cavalcanti (2005 *apud* FAGUNDES, 2007) destacou que a glaciação de Wurm, que perdurou cerca de 70.000 anos e cuja culminância ocorreu entre 25.000 e 17.000 anos A.P., foi a responsável pelas transformações no nordeste, sobretudo no que diz respeito ao clima semiárido. O mesmo autor afirma que, com o nível do mar mais baixo – cerca de 140 m –, houve uma redução da umidade circundante na atmosfera terrestre. No nordeste brasileiro, a vegetação adaptada à seca se expandiu, circundou e isolou as florestas, e finalmente configurou os enclaves de florestas úmidas do semiárido brasileiro.

3.1.2. O sítio Justino

O sítio do Justino, objeto de estudo nesta pesquisa, é uma necrópole encontrada em 1990, na fazenda Cabeça de Nêgo, município de Canindé do São Francisco, Sergipe. Suas coordenadas UTM são: 8.936.172, E 632.040 e N 8.950.000, E 603.000. Este sítio situa-se num terraço fluvial na confluência do riacho Curituba com o rio São Francisco, possuindo aproximadamente 1.500 m² e uma

¹⁰ Este sistema dunário, conhecido como dunas fósseis, encontra-se fixada por uma cobertura vegetal desenvolvida sob as condições climáticas vigentes. Suas formas originais foram modificadas por processos erosivos e/ou pedogenéticos, e em geral, estas dunas são tidas como indicadoras de paleoclimas mais secos que o atual (BARRETO E SUGUIO, 1995).

altitude média de 37 m (VERGNE, 1996) (Figura 3). Este terraço fluvial teve sua origem no acúmulo de sedimentos oriundos dos altiplanos da região semiárida de Sergipe, através do afluente intermitente, o riacho Curituba. Este terraço elevado foi área de deposição durante o Quaternário recente. As deposições somam-se às variações do nível do rio São Francisco, com a alternância do período de cheias, contribuindo para a sua formação.



Figura 3. Vista aérea do terraço fluvial no qual foi localizado o sítio Justino. Fonte: Acervo do Museu de Arqueologia de Xingó/MAX.

A área do sítio Justino, como citado anteriormente, pertencia à fazenda Cabeça de Nêgo e era utilizada como roça de feijão e milho em cuja superfície afloravam diversos fragmentos cerâmicos e líticos (VERGNE, 2004). O sítio sofreu grande desgaste com a ação antrópica, de animais, e também da água, pois quando havia alguma cheia no rio São Francisco, o terraço era inundado. Por essa causa, a borda deste terraço encontrava-se bastante erodida, o que acarretou em perda de informações arqueológicas, com a destruição de parte do cemitério (VERGNE, 2002).

O trabalho de salvamento arqueológico foi iniciado sob a supervisão do professor Igor Chmyz, então diretor do Centro de Pesquisas Arqueológicas da UFPR (Universidade Federal do Paraná). Segundo Vergne, Nascimento e Martin (1997), os procedimentos técnico-metodológicos adotados para a escavação dos sítios arqueológicos detectados foram prospecção vertical e horizontal; sondagens de 10x10 cm, apenas quando vestígios arqueológicos eram evidenciados, com o intuito de verificar as características das camadas arqueológicas. Sendo

confirmado o potencial arqueológico da área, sondagens de 1m², com profundidade máxima de 1 metro eram realizadas.

A área delimitada para a escavação no sítio foi de “23m de largura, por e por 55 m de comprimento, totalizando uma área de 1.265 m², atingindo a profundidade de 6, 40 m” (VERGNE, 2004, p. 67). A metodologia utilizada para escavar o sítio Justino foi por superfícies amplas, com quadrículas de 5x5 m e sub-quadrículas de 1x1m. “Após as aberturas das trincheiras paralelas e transversais, os esqueletos foram evidenciados nos primeiros níveis do sítio” (VERGNE, 2004, p. 72). Logo após a identificação dos enterramentos, a metodologia aplicada teve que ser alterada, passando-se a escavar segundo a metodologia de superfícies amplas.

Com a realização da escavação no sítio Justino até a rocha matriz, foi possível recuperar cerca de 55.000 peças arqueológicas, entre estruturas de fogueiras, enterramentos, material lítico e cerâmico (Figura 4).

Foram efetuadas 64 decapagens, nas quais a presença de esqueletos humanos foi evidenciada. Segundo Carvalho (2006), foram exumados 177 indivíduos, entre homens, mulheres, adultos e crianças. Em associação aos enterramentos, foram encontrados adornos, instrumentos musicais, líticos e cerâmicos. Os esqueletos foram parcialmente evidenciados e envoltos em casulos de gesso.

Vergne (2004, p. 74) afirma que “os indivíduos foram retirados em várias decapagens e removidos isoladamente, observando a sua posição e seu estado de conservação”. Também foram feitos desenhos e fotografias do material analisado. Esses enterramentos são remanescentes de ciclos funerários, caracterizados por rituais fúnebres compostos por diversos tipos de tratamentos e acompanhamentos concedidos aos mortos.



Figura 4. Evidenciação de um enterramento. Foto: Acervo do Museu de Arqueologia de Xingó/MAX.

As datações radiocarbônicas obtidas para este sítio foram as seguintes (CARVALHO, 2006, p.76) (tabela 1):

Profundidade	Material datado	Data obtida
410 centímetros	Carvão	8950 ± 70BP (Beta 86745)
310 centímetros	Carvão	5579 ± 70 BP (Beta 86744)
210 centímetros	Carvão	4790 ± 80 BP (Beta 86741)
140 centímetros	Carvão	3270 ± 135 BP (Lyon 5752)
110 centímetros	Carvão	2650 ± 160 BP (Bahia 1805)
90 centímetros	Carvão	2530 ± 170 BP (Bahia 1804)
70 centímetros	Carvão	1770 ± 60 BP (Lyon 5751)
40 centímetros	Carvão	1280 ± 45 BP (Lyon 5750)

Tabela 1. Datações radiocarbônicas obtidas para o sítio Justino. Fonte: CARVALHO, 2006.

As informações obtidas após as análises do material arqueológico em laboratório, somadas aos dados obtidos das datações absolutas, possibilitaram a identificação de quatro fases ocupacionais distintas para o sítio Justino. De acordo com Vergne (2002), três cemitérios (A, B e C) foram associados a grupos ceramistas, e o cemitério D, a grupos coletores-caçadores. Os cemitérios do período cerâmico e as sepulturas isoladas do período coletor-caçador ocupam

espaços diferentes no sítio arqueológico, tanto no nível vertical quanto no nível horizontal, possibilitando a observação da utilização do espaço durante os períodos em que foi ocupado. Segue uma descrição de cada fase do sítio Justino na intenção de compreender a dinâmica de ocupação deste sítio:

cemitério D: está localizado entre as camadas 43 e 52. Composto por cinco sepulturas e uma concentração de ossos, pertence a grupos coletores-caçadores. Concentra-se próximo a borda do sítio, no quadrante norte. Na camada 40, estratigraficamente acima do cemitério D, uma fogueira foi datada em 8.980 +/- 70 (Beta 86745) (VERGNE, 2004) Entre o cemitério D e o cemitério C, foi encontrada, na camada 39, uma concentração de ossos;

cemitério C: localizado entre as camadas 15 e 18, ocupa quase toda a área do sítio, entre os quadrantes norte e sul. Este cemitério inicia em um período de transição, conforme afirma Vergne (2004), há indícios de ocupação por grupos pré-ceramistas e grupos ceramistas. A distribuição dos indivíduos no cemitério se dá da seguinte maneira: na camada mais profunda deste conjunto funerário, foram evidenciadas quatro sepulturas; na camada subsequente, há um aumento no número de indivíduos, onze ao todo; em seguida, dezoito sepulturas e uma concentração óssea foram identificadas;

cemitério B: este conjunto está localizado entre as camadas 15 e 9 e é composto por um conjunto mais centrado no setor ocidental, entre a trincheira MZ-FL21/35 e os outros três conjuntos de pequeno porte, tanto no norte, entre as trincheiras FL 41/55 e 51/55 e uma no sul, entre as trincheiras EI-FL 11/20. Esse conjunto começa em 9 e 2 concentrações de ossos nas camadas 14 e 13. Continua aumentando ligeiramente, com 13 sepulturas e 3 concentrações ósseas. O aumento significativo de 39 sepulturas e 5 concentrações de osso. Este faz parte do período cerâmico. Duas fogueiras, uma na camada 13 foi datada em 3270 ± 135 A.P. (Lyon 5752), e outra na camada 10 foi datada de 2650 ± 160 A.P. (Bahia 1807) (VERGNE, 2002);

cemitério A: complexo funerário mais recente, situado entre as camadas 8 e 4. Possui dois subconjuntos principais localizado no setor leste. Essa fase inicia com 19 enterros, 08 cremações e 05 concentrações ósseas, entre as camadas 8 e 7, as camadas seguintes, 6-4 continuam com grande aumento, são 32 sepulturas e 08

concentrações ósseas. Todas essas sepulturas pertencem ao período cerâmico.

As sepulturas do conjunto A são mais dispersas que as do cemitério B e estão distribuídas no sítio de forma alongada e não circular. Três estruturas de fogueiras foram datadas neste conjunto: uma na camada 8, datada em 2538 ± 160 anos A.P. (Bahia 1804), que corresponde à base deste cemitério, outra na camada 6, datada em 1770 ± 60 anos A.P. (Lyon 5751) está estratigraficamente situada no meio do cemitério e a última, oriunda da camada 3, datada em 1280 ± 45 anos B.P. (Lyon 5750). Outros materiais arqueológicos evidenciados neste cemitério A, são líticos, cerâmicas, conchas, fogueiras e também manchas escuras no solo, associadas a restos faunísticos, que aumentam significativamente até a superfície do sítio (VERGNE, 2002).

Neste trabalho, a fase D não será estudada, devido à pequena quantidade de enterramentos. Vergne (2002) cita que as primeiras ocupações pré-cerâmicas apontam para a passagem rápida de grupos humanos nos terraços, um fato esperado devido à datação obtida para este conjunto de ocupações. Esses grupos foram provavelmente caçadores/pescadores/coletores que se moviam ao longo do rio São Francisco e enterravam seus mortos neste terraço.

Quanto aos aspectos biológicos dessa população, Carvalho (2006) afirma que dados osteométricos indicam uniformidade física com outras populações estudadas na região nordeste, com alguma variação individual e dimorfismo sexual marcado. No sítio Justino, a estatura dos indivíduos é de baixa a moderadamente baixa, segundo Carvalho (2006). Na ocupação mais recente – A, a altura média dos indivíduos foi 1,60m; no cemitério B, a média de altura entre os indivíduos femininos foi 1,55m, já entre os indivíduos masculinos foi 1,62m; no cemitério C, a média entre os indivíduos do sexo feminino é 1,56m, já entre os indivíduos do sexo masculino é 1,64m.

De acordo com Fagundes (2010), o sítio Justino tem fomentado uma série de discussões, sobretudo no tocante a sua “função”. Ou seja, seria um sítio exclusivamente utilizado como cemitério, levando em consideração os 177 enterramentos e a cultura material associada a eles; seria um sítio de “habitação” e cemitério, considerando a elevada frequência artefactual e outros remanescentes evidenciados em estruturas além dos enterramentos, concentrações e associações

observáveis no solo paleoetnográfico; acampamento temporário e cemitério; ou mesmo uma área de atividade específica dentro do espaço maior que seria o sítio base.

Porém, com a observação dos diversos elementos que compõe o sítio Justino, ficou-nos evidente que tal sítio, ao longo de seus oito milênios de ocupação humana de que temos registro até o momento, exerceu diversas funções, como afirma Fagundes (2010):

O sítio Justino apresenta um pouco de cada uma destas características supracitadas, ocupado e reocupado ao longo dos milênios como meio de adaptação cultural e funcional dadas as necessidades que o grupo (ou grupos), adquiria em função das próprias transformações decorrentes de diversas realidades: causas demográficas; manutenção do território; flutuações climáticas; acidentes geológicos; mudança na organização socioeconômica e tecnológica; reorganização política; entre outras. Assim, de acordo com este modelo, o sítio Justino acabou por adquirir distintas “funções” nas diferentes ocupações ocorridas em longa duração (FAGUNDES, 2010, p. 09).

Outra questão que surge em relação a este sítio arqueológico é a continuidade cultural e/ou biológica dos grupos que lá viveram. Informações já publicadas atestam a impossibilidade de se obter esta resposta, dada a insuficiência de dados bioantropológicos (VERGNE, 2004; CARVALHO, 2006). Contudo, Fagundes (2010, p. 09) “afirma que há similaridades no inventário tecnológico e mesmo na ritualidade observadas nos enterramentos que indicam certas recorrências”. Desse modo, uma hipótese de continuidade cultural pode ser levantada, mas, devido à ausência de dados mais concretos, não pode ser comprovada até o momento.

3.2. Contextualizando: a área arqueológica do vale do Ipojuca e o sítio Furna do Estrago

As pesquisas arqueológicas nesta área foram iniciadas pelo professor Marcos Albuquerque, da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, em fins da década de 60. Posteriormente, a equipe do NEA/UFPE (Núcleo de Estudos Arqueológicos da Universidade Federal de Pernambuco) deu continuidade aos estudos arqueológicos na área do Vale do Ipojuca, por meio do “Projeto Agreste”, coordenado pela professora Gabriela Martin e por Alice Aguiar. Nesse projeto,

foram realizadas inúmeras prospecções na área, que abrangeram os municípios pernambucanos de Brejo da Madre de Deus, Taquaritinga do Norte, Alagoinha, Pedra, Venturosa, Paranatama, Brejinho, São Bento do Una, Passira, São João do Tigre e Cacimba de Areia na Paraíba (AGUIAR, 1986).

O objetivo era a localização de sítios arqueológicos com pinturas rupestres e que fossem ligados à tradição agreste, além da realização de sondagens em alguns sítios selecionados e posterior escavação total dos mesmos (LUFT, 1990).

No ano de 1982, Jeannette Lima, pesquisadora da UNICAP (Universidade Católica de Pernambuco), através do Projeto “Pesquisas Arqueológicas no Município do Brejo da Madre de Deus”, retoma a pesquisa arqueológica nesse município com o objetivo de inventariar os sítios rupestres aí existentes, de realizar escavações e de incluir alguns sítios em roteiros de turismo cultural (CASTRO, 2009). O sítio Furna do Estrago (figura 5) foi escolhido para a realização de escavações sistemáticas, porque, de acordo com Lima (1985, p. 09), “a sondagem revelou, na superfície, fragmentos de crânios humanos queimados e, em níveis mais profundos, ossos humanos desarticulados e lascas de sílex, que indicam tratar-se de um cemitério indígena”. Esse sítio é um dos objetos de estudo desta pesquisa e será descrito mais adiante.

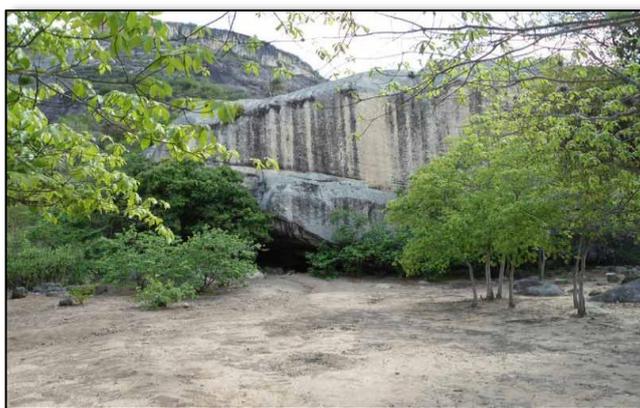


Figura 5. Vista da entrada do sítio Furna do Estrago. Foto Viviane Castro (2011).

Atualmente, novas pesquisas estão sendo realizadas no município do Brejo da Madre de Deus e, segundo Castro (2009), estão vinculadas ao projeto “O Patrimônio Arqueológico pré-histórico no Agreste pernambucano: fronteiras de valorização”, de Claristella Santos (2007). Cinquenta e três sítios arqueológicos já foram cadastrados no município do Brejo da Madre de Deus e em municípios

circunvizinhos. O inventário realizado por Santos (2007) indica que houve uma ampla ocupação desta área durante a pré-história.

Dentre o montante de sítios inventariados, apenas dois deles apresentavam vestígios de ossos humanos: o sítio Furna do Nego e o sítio Cachorro II, localizados em municípios próximos ao Brejo da Madre de Deus (CASTRO, 2009). Contudo, o sítio Furna do Estrago, devido ao ótimo estado de conservação do material ósseo humano, tem viabilizado inúmeras pesquisas científicas. Tendo sido encontrado vestígios de rituais funerários bastante elaborados, ele compõe, juntamente com o sítio Justino, os objetos de estudo desta dissertação.

O sítio Furna do Estrago está localizado na encosta norte da Serra da Boa Vista (figura 6), no município do Brejo da Madre de Deus, agreste pernambucano. Sua altitude é de 650m e dista cerca de 1 km da cidade do Brejo, sede municipal. As coordenadas UTM deste sítio são 787610E/ 9098454 N.

O abrigo sob-rocha onde está localizado o sítio Furna do Estrago possui 19m de abertura, 4,80m de altura máxima e uma profundidade máxima de 8,80m. É constituído de um único salão com 125 m² de área coberta, sendo 76m² disponíveis para escavação. Destes, apenas 15m² foram escavados. De acordo com Lima (1985), em alguns pontos, a escavação atingiu 130 cm de profundidade, mas foi interrompida devido à presença de grandes blocos de granito desabados do teto.

Tanto no entorno do sítio Furna do Estrago quanto no interior da Furna, há pinturas rupestres, nas quais podem-se encontrar pinturas de cor vermelha em diversos pontos do teto e nos paredões externos, como é o caso da Pedra do Letreiro, área contígua ao sítio. Atualmente estas pinturas encontram-se em estado avançado de degradação, em parte devido ao intemperismo, mas também em decorrência de fogueiras acesas dentro da furna.

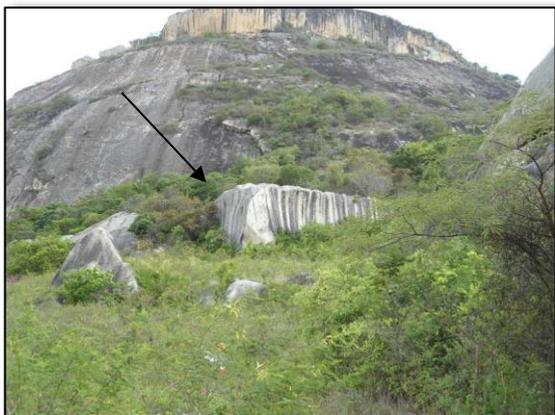


Figura 6. Assinalado com uma seta, observamos o sítio Furna do Estrago, que está localizado na encosta norte da Serra da Boa Vista. Foto: Viviane Castro (2011).

A escavação de forma sistemática neste sítio foi iniciada no ano de 1983, por Jeannette Lima, em conjunto com alunos e professores da UNICAP. Esta universidade é, ainda hoje, a fiel depositária de toda a coleção arqueológica proveniente deste sítio. Parte da coleção encontra-se também exposta no Museu de Arqueologia dessa Universidade, fundado por Jeannette Lima, e outra parte, no Museu da cidade do Brejo.

Algumas datações obtidas para o sítio Furna do Estrago foram realizadas em amostras de carvão recolhidas em diversos níveis estratigráficos do sítio, de acordo com Lima (1985). Tais amostras, submetida à análise C14 no Smithsonian Institution, em conjunto com a leitura da estratigrafia vertical da Furna, possibilitaram a distinção de quatro fases de ocupação distintas no sítio (tabela 2)

Profundidade	Material datado	Data obtida
130 centímetros	Carvão	11.060 ± 90 A.P.
Entre 95 e 105 centímetros	Carvão	9.150 ± 90 A.P.
Entre 80 e 90 centímetros	Carvão	8.495 ± 70 A.P.
Entre 25 e 30 centímetros	Carvão	1.040 ± 50 A.P.

Tabela 2. Datações radiocarbônicas obtidas para o sítio Furna do Estrago. Adaptada de LIMA (1985, p. 33).

Além destas datações, também foi possível a realização de datações absolutas nos esqueletos FE18 (1860+/- 50 B.P), pertencente ao nível antigo, FE45 (1610+/- 70 BP), proveniente do nível recente, e no esqueleto FE87.23

(1730+/- 70 BP), também pertencente ao nível recente. Estas três datações, conforme Lima (2001), demonstram que esse cemitério foi utilizado por aproximadamente 250 anos e confirmam a hipótese sobre a cronologia da ocupação do cemitério (2000 anos).

A primeira fase de ocupação, que foi observada por Lima (1985), possui a cronologia mais recuada, 11.060 ± 90 A.P, correspondente ao início do período Holoceno, cujos testemunhos arqueológicos, além do carvão, são algumas lascas de quartzo. Porém, esse material aflorou de uma pequena fresta entre blocos de rocha caídos do teto (LIMA, 1985), mostrando que a ocupação do sítio pode ser ainda mais antiga se novos vestígios de ocupação humana foram localizados sob estes blocos de rocha.

A ocupação seguinte possui datação que vai de 9.150 ± 90 A.P. a 8.495 ± 70 A.P., correspondente as camadas 5 e 6. Essa camada foi formada quase que exclusivamente por "cinzas de fogueiras continuamente alimentadas, que testemunham a utilização do abrigo como sítio habitação de um grupo de caçadores-coletores" (LIMA, 1985, p. 38). Lima (1985; 2001) considera este um horizonte de ocupação devido aos materiais associados às cinzas, bem como diversas espécies de moluscos terrestres, com predominância dos *Megalobulimus*, alguns com vestígios de utilização como instrumentos; ossos de pequenos animais como o *Galea spixii* (Preá), *Kerodon rupestris* (Mocó), Ordem *Primates* (Macacos), Ordem *Artiodactyla* (Veados), *Tupinambis teguixin* (Teju), *Iguana iguana* (Camaleão), *Dasyprocta sp.* (Cutia), Ordem *edentata* (Tatu), Ordem *Cheolonia* (Jabuti) e pequenas aves; o material lítico é composto basicamente por lascas de sílex; material corante e material vegetal, como a *Attalea* (Jussara), *Syagrus bactris* (Coquinhos), *Syagrus oleracea* (Catolé), entre outras espécies representativas da flora local.

Os grafismos rupestres também foram associados por Lima (1985) a essa ocupação na pedra do letreiro, situada na extremidade do paredão granítico que se desenvolve desde a Furna do Estrago, seguindo na direção noroeste, cobrindo uma distância de 67m. Nela, há pinturas de cor vermelha, com motivos figurativos, antropomorfos, zoomorfos e possivelmente fitomorfos (LIMA, 1985, p. 49). A Pedra do Letreiro e a Furna do Estrago formam um conjunto arqueológico

que, possivelmente, tem relação com a ocupação dos caçadores-coletores no referido sítio.

Na terceira fase de ocupação, situada cronologicamente entre 8.495 ± 70 A.P e 1.040 ± 50 A.P, há um longo intervalo de tempo onde os vestígios arqueológicos são os enterramentos humanos de uma população que utilizou o sítio Furna do Estrago como cemitério há aproximadamente 2.000 anos. Conforme Lima (1985), essa população deveria ter aldeamento próximo a Furna, cujas fossas funerárias estão presentes desde a camada 3 até a camada 8. Sua cronologia "estimada" está situada entre entre 1.000 e 2.000 anos A.P.

Essa necrópole é uma das mais significativas na região nordeste do Brasil, seja pela quantidade de indivíduos exumados, seja pela riqueza dos acompanhamentos funerários, ou mesmo das informações bioantropológicas obtidas. A seu respeito, foram desenvolvidos diversos estudos, como Mello & Alvim e Mendonça de Souza, (1983/84, 1984a ; 1984b, 1991, 1992); Lima (1984a, 1984b, 1985a, 1985b, 1988, 1992, 2001); Mello & Alvim (1991); Mendonça de Souza (1992); Carvalho, (1992, 1995); Lima e Mendonça de Souza (1994); Duarte (1994); Rodrigues (1997); Menezes (2006) e Castro (2009).

O cemitério indígena de 2.000 anos ocupa quase toda a área da Furna, utilizado por um grupo coletor-caçador bem adaptado às condições climáticas da região. Não há presença de material lítico ou cerâmico entre as ocupações do cemitério, mas há a presença de 02 tacapes. Do sítio Furna do Estrago, foram exumados 87 indivíduos do sexo feminino, masculino, adultos e crianças (Figura 10), em covas circulares. Esses enterramentos se distribuía desde 30 cm de profundidade até 1,40m.

Segundo Lima (2001), durante as escavações, foram observados conjuntos de sepulturas sobrepostas ou agrupadas. Dados estratigráficos, bem como o estado de conservação, auxiliaram na observação de três distintos níveis de sepulturas, divididos em:

Nível Antigo: foram identificadas 17 sepulturas, distribuídas de maneira mais ou menos paralela a entrada da Furna, porém concentrados na área central. Essa ocupação é composta por 13 adultos, entre eles, 06 masculinos, 01 feminino, 06

indivíduos com sexo indeterminado. Além disso, 04 crianças foram exumadas, incluindo 03 recém nascidos;

Nível Intermediário : formado por 38 sepulturas dispersas por toda a área do sítio. Podem-se observar grupos de covas superpostas, além de uma grande concentração de esqueletos de adultos e crianças na área central. Composta por 28 adultos, dos quais 10 são masculinos, 08 femininos e 09 com sexo indeterminado. Havia também 11 esqueletos infantis e 02 recém nascidos;

Nível Recente : foram identificados 19 enterramentos, distribuídos em grupos espaçados. Lima (2001) afirma que, para as sepulturas novas, foi evitada a área central, uma vez que estava ocupada pelas sepulturas do nível intermediário, o que sugere uma intencionalidade na escolha do espaço; isso supõe o conhecimento da localização das fossas funerárias anteriores, mostrando a continuidade no uso do cemitério por um mesmo grupo étnico. Nesse nível, havia 16 adultos, 07 masculinos, 03 femininos, 06 com o sexo não determinado. Além disso, 03 crianças e 01 recém nascido foram exumados.

A população sepultada na Furna do Estrago é morfologicamente homogênea, segundo Lima (2001), constituída por indivíduos braquicéfalos, não aparentados com outros grupos pré-históricos ou etnograficamente já estudados no Brasil. Sua estatura é de média à baixa. Os homens possuem entre 1,57m e 1,63m e as mulheres entre 1,49m e 1,59m (MELLO & ALVIM E SOUZA, 1984).

Lima (2001, p. 109) afirma que "a análise dos três níveis de sepulturas e sua correlação com sexo, idade, características genéticas ou morfológicas, permitiu verificar a semelhança entre muitos indivíduos alí sepultados". Lima e Mendonça de Souza (1994) demonstram a afinidade biológica entre os indivíduos FE19, FE1, FE7, FE8, FE6, FE3, FE4 e FE5, cujas sepulturas compunham o nível intermediário, bem como o esqueleto FE16, do nível antigo e o FE17, nível recente.

Estes últimos, de acordo com Lima (2001), foram sepultados muito próximos um do outro, fato que sugere que o enterramento teria respeitado uma espacialidade relacionada com o parentesco biológico. Além dessas informações, a análise do DNA mitocondrial de alguns desses indivíduos também sugere o

parentesco existente entre eles, o que reforça a hipótese de que esse sítio tenha sido continuamente utilizado por essa população.

CAPÍTULO IV.

METODOLOGIA DE ANÁLISE E RESULTADOS DOS DADOS MORTUÁRIOS CULTURAIS

4.1. Análise dos dados mortuários culturais: indicadores de gênero nas estruturas funerárias

A análise dos dados mortuários culturais provenientes dos sítios Furna do Estrago e Justino foi embasada em dados secundários, ou seja, a partir de estudos já realizados (LUNA, 2001; CARVALHO, QUEIROZ, VERGNE, 2002; VERNE, 2004; CARVALHO, 2006; DANTAS, 2006; MENEZES, 2006; CASTRO, 2009; SILVA, 2010).

A metodologia empregada para o estudo das sepulturas e dos elementos que a compõe fundamenta-se nas terminologias e classificações propostas por Binford (1971), O'Shea (1984), Saxe (1970), Tainter (1978), e, no que diz respeito às terminologias para descrição de enterramentos humanos, utilizamos as sugeridas por Silva (2005-2006).

De modo mais amplo, classificamos os dados mortuários culturais em duas variáveis: dados sobre o enterramento, que envolve o tipo de inumação, preparação e tratamento do corpo; acompanhamentos funerários. Levamos em consideração o sexo dos indivíduos e priorizamos o estudo individual dos enterramentos, visto que as relações de gênero podem ser manifestas de maneira bastante sutil no contexto funerário. Desse modo, pequenas diferenças ou recorrências podem ser mais bem visualizadas.

Os remanescentes materiais identificados no registro arqueológico, especialmente os identificados em ambientes funerários, podem fornecer informações com um elevado grau de confiabilidade a respeito dos grupos pré-históricos. Com o estudo das práticas funerárias é possível entrever elementos distintivos de *status*, economia, ideologia, diversas formas de identidade, inclusive de gênero. Esse fato só é possível porque essas categorias não permeiam apenas o campo ideal, elas são vividas cotidianamente e reproduzidas no

momento da morte, refletindo na forma como os ritos fúnebres serão conduzidos (MONTARDO, 1995). M. Carneiro da Cunha (1978) nos fala sobre isso:

(...) a morte que ceifa a esmo, que não escolhe sexo nem idade, opera um tipo de *corte* na sociedade em que são representadas todas as categorias de idade e de *status*, e isto se traduz em comportamento diferenciado no desenrolar das exéquias (CUNHA, 1978, p. 02).

Na realidade, o estudo dos mortos nos trará informações significativas sobre o modo de vida desses grupos. Dessa maneira, a arqueologia da morte tem se desenvolvido em busca das diferenças e similaridades presentes nos enterramentos. Com sua análise e interpretação, trazem à luz informações que transpõem o campo material. Para o estudo sistemático dos dados mortuários culturais, foram consultados diversos trabalhos anteriormente publicados, como anteriormente exposto.

As informações obtidas foram documentadas em formulários específicos, confeccionados para esse fim (Apêndice I). Nesses, foram incluídas as seguintes informações para cada indivíduo, de acordo com a sua cronologia:

dados sobre as sepulturas: tipo de deposição do corpo (primário, secundário, cremação); forma e dimensão da sepultura, profundidade, cobertura, preenchimento, envoltório do corpo (esteira, palha) e orientação cardinal; acompanhamentos funerários: tipo, quantidade e variedade.

Para O'Shea (1984 *apud* MONTARDO, 1995, p. 22-23), os atributos de sexo e idade são reconhecidos universalmente como traços caracterizadores primários, através dos quais as sociedades diferenciam os indivíduos. Dessa forma, é possível reconhecermos recorrências e discrepâncias nesses atributos, o que poderá nos indicar os papéis atribuídos aos gêneros nos grupos que habitaram os sítios Justino e Furna do Estrago.

O primeiro procedimento da análise foi dar um tratamento uniforme e sistemático aos dados dos dois sítios arqueológicos, selecionados por meio do banco de dados, baseados nos estudos anteriormente citados. Em seguida, identificamos, por meio da estatística descritiva, as recorrências e as diferenças presentes em todas as sepulturas dos dois sítios. Essas podem sugerir a existência de padrões ou de escolhas sociais na forma de tratar os mortos (CASTRO, 2009).

Assim, buscamos, por meio do estudo das sepulturas, identificar e analisar os papéis de gênero, realizando uma comparação entre os cemitérios do Justino e Furna do Estrago. Segundo Breternitz *et al* (1971 *apud* Silva, 2005-2006, p. 116), é necessário que, no estudo das sepulturas, haja a compreensão dos enterramentos, ou seja, a relação entre corpo/cova/acompanhamentos funerários, que nos fornecerão informações para a análise e interpretação das práticas funerárias.

A representação dos papéis de gênero está baseada, primordialmente, nas diferenças entre sexos. Dessa maneira, para que possamos propor elementos indicadores de papéis de gênero, é necessário que as diferenças possam ser encontradas na deposição funerária nos enterramentos analisados de cada sítio, entre indivíduos do sexo feminino e masculino.

Assim, a caracterização qualitativa e categórica dos elementos culturais disponíveis nos espaços funerários e sua análise quantitativa, com a exposição estatística dos dados, possibilita a identificação de elementos caracterizadores de feminilidade e masculinidade, que podem estar pautadas nas relações de gênero. Para Binford (1971), a sociedade reconhece simbolicamente questões de identificação do indivíduo no grupo mediante o ritual, ou seja, *status*, filiação, gênero e idade. No ritual funerário, há o reconhecimento perante o grupo da posição que o morto teve em vida. Um dos elementos presentes na sepultura que mais auxiliam na compreensão dessa identificação são os acompanhamentos funerários, pois

(...) eles são importantes reveladores de atividades econômicas, como também de autoridade e *status*, como afirma Binford (1971). Por sua vez, Tainter (1978) propõe observar se há ausência de determinado material relacionado à idade e ao sexo (CASTRO, 2009, p. 134).

Os acompanhamentos funerários utilizados neste estudo foram:
material cerâmico: utilizamos apenas vasilhames cerâmicos inteiros ou parcialmente reconstituídos. Além do tipo (vasilhame cerâmico ou cachimbo), forma do vasilhame (elipsóide horizontal, ovóide invertido ou esférica), quantidade e localização na sepultura (próxima ao crânio, da perna ou da pelve);
material lítico: de forma didática, o tipo de material lítico foi agrupado em três categorias: polidos/lascados, polidos e lascados. É importante ressaltar que esta

divisão é feita por sepultura, e, em alguns casos, havia mistura de elementos polidos e lascados numa mesma unidade sepulcral, em outras, havia apenas líticos polidos ou apenas lascados;

- material ósseo e de madeira: caracterizados como objetos encontrados na sepultura e que, possivelmente, fizeram parte do uso cotidiano dos indivíduos, como tacape de madeira e espátulas de osso. Da mesma maneira, buscamos os tipos e quantidades individualmente nos enterramentos;
- material faunístico: alguns indivíduos tiveram como acompanhamento animais sepultados próximos aos mesmos. Verificamos, quando possível, a espécie do animal e a quantidade presente na sepultura;
- material vegetal: secções de troncos de madeira, cordões, palha e trançado. Todos estes materiais foram catalogados, segundo sua presença ou ausência nos enterramentos;
- instrumento musical: instrumentos musicais, como flautas e apitos, confeccionados a partir de ossos de animais, serviram como acompanhamentos funerários. Nossa análise baseou-se no tipo de instrumento e sua quantidade;
- adornos: nessa categoria, interessam-nos o tipo e a quantidade de adornos. Esses estão distribuídos em (1) colar de contas de ossos de animal não identificado, (2) colar de conta de ossos de ave, (3) colar de contas de ossos de mamífero, (4) colar de contas de semente, (5) colar de contas de mineral, (6) colar de conta de concha, (7) colar de conta de dente, (8) tembetá, (9) bracelete, (10) tornozeleira.

A base de dados culturais original, já sofreu análise descritiva e foi utilizada como base para o teste de hipóteses em Castro (2009), o que impede o uso de estatística preditiva para teste de hipóteses neste trabalho.

4.2. Resultados: Sítio Justino

A análise destas variáveis teve como base, principalmente, as informações obtidas em Carvalho, Queiroz, Vergne (2002), Vergne (2004), Carvalho (2006) e Castro (2009). A partir deste estudo, foi elaborado um banco de dados, apresentado anexo, possibilitando análises posteriores.

4.2.1. Posição dos Indivíduos na Sepultura

Cada variável será apresentada individualmente, dada a grande variação de número amostral de uma informação a outra. Apenas 15 indivíduos do sexo feminino e 47 masculinos possuíam essa informação. As categorias dessa variável são “decúbito dorsal” (DD), “decúbito lateral direito” (DLD), “decúbito lateral esquerdo” (DLE) (figura 01) e “decúbito ventral” (DV).



Figura 1. Indivíduo 70, sexo feminino, decúbito lateral esquerdo, fletido. Fonte: Carvalho, 2006.

As frequências absolutas e relativas desta variável podem ser vistas na tabela 1:

Posição do corpo	Fem.		Masc.	
	Fr. Absoluta	Fr. relativa(%)	Fr. absoluta	Fr. relativa(%)
DD	3	14,29	15	31,91
DLD	5	35,71	19	40,42
DLE	7	50	10	21,28
DV	-	-	3	6,39
Total	15	100	47	100

Tabela 1. Frequências absolutas e relativas da posição de enterramento de 61 indivíduos de três ocupações do Sítio Justino. DD = decúbito dorsal; DLD = decúbito lateral direito; DLE = decúbito lateral esquerdo; abreviatura não especificada na legenda; DV = decúbito ventral.

4.2.2. Flexão do Corpo e Membros

A flexão do corpo, dos membros inferiores e superiores dos indivíduos estão descritas em quatro variáveis: “Flexão do Corpo”; “Posição do Membro Superior Esquerdo”; “Posição do Membro Superior Direito”; “Posição dos Membros Inferiores”. Essas quatro variáveis apresentam as mesmas categorias: “Estendido”; “Parcialmente estendido”; “Semi-fletido”; “Fletido” e “Fortemente fletido”. O número de indivíduos em cada variável está entre 38 e 55. As frequências absolutas de ocorrência para cada variável podem ser vistas na tabela 2, e as frequências relativas (em porcentagem) estão representadas na tabela 3. É importante notar que esse tipo de cálculo de frequência pode levar a conclusões erradas.

Por exemplo, apesar de nenhum indivíduo feminino ter sido encontrada com membros estendidos, isso pode ser resultado do pequeno tamanho amostral, e não de alguma característica cultural, uma vez que metade dos indivíduos da base de dados original (CARVALHO, 2006; CASTRO, 2009) não teve o sexo determinado, e o número de indivíduos femininos identificados é muito pequeno (de onze a catorze) em todas as variáveis.

A variável “Posição dos Pés” não foi descrita em tabela por possuir apenas nove pontos de dados (três indivíduos do sexo feminino e seis do masculino). Nessa categoria há variações da posição: pés cruzados; juntos ou paralelos. Dois indivíduos, um masculino e outro feminino, estavam com os pés na posição cruzados. Com os pés em posição paralela, foram identificados quatro indivíduos

(dois do sexo feminino e dois do sexo masculino). Na posição em que os pés se encontram juntos, três indivíduos masculinos e um feminino foram observados.

Posição	Flexão do corpo		Posição do membro superior esquerdo		Posição do membro superior direito		Posição dos membros inferiores	
	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.
Estendido	-	2	-	12	-	12	-	6
Parcialmente estendido	-	-	1	4	2	3	1	-
Semi-fletido	1	5	-	-	-	-	1	3
Fletido	9	16	6	11	5	13	8	15
Fortemente fletido	3	12	4	11	4	11	4	17
<i>Total</i>	<i>13</i>	<i>35</i>	<i>11</i>	<i>38</i>	<i>11</i>	<i>39</i>	<i>14</i>	<i>41</i>
Indivíduos	48		49		50		55	

Tabela 2. Frequências absolutas de posições de flexão do corpo, dos membros superior esquerdo e direito, e dos membros inferiores dos indivíduos das três ocupações do Sítio Justino.

Posição	Flexão do corpo		Posição do membro superior esquerdo		Posição do membro superior direito		Posição dos membros inferiores	
	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.
Estendido	-	5,71	-	31,58	-	30,77	-	14,64
Parcialmente estendido	-	-	9,09	10,52	18,18	7,69	7,14	-
Semi-fletido	7,69	14,29	-	-	-	-	7,14	7,32
Fletido	69,23	45,71	54,55	28,95	45,46	33,33	57,15	36,58
Fortemente fletido	23,08	34,29	36,36	28,95	36,36	28,24	28,57	41,46
<i>Total (%)</i>	<i>100</i>	<i>100</i>	<i>100</i>	<i>100</i>	<i>100</i>	<i>100</i>	<i>100</i>	<i>100</i>
Indivíduos	48		49		50		55	

Tabela 3. Frequências relativas (em %) de posições de flexão do corpo, dos membros superior esquerdo e direito, e dos membros inferiores dos indivíduos das três ocupações do Sítio Justino.

4.2.3. Posição do Crânio

A posição do crânio foi observada em 49 indivíduos, sendo 13 do sexo feminino e 36 do masculino. As categorias dessa variável são “Face voltada para o lado direito” (LD); “Face voltada para o lado esquerdo” (LE); “Face voltada para baixo” (VB) e “Face voltada para cima” (VC). As frequências absolutas e relativas podem ser vistas na tabela 4.

Posição do crânio	Fem.		Masc.	
	Fr. Absoluta	<i>Fr. relativa(%)</i>	Fr. absoluta	<i>Fr. relativa(%)</i>
LD	6	<i>41,67</i>	17	<i>47,23</i>
LE	5	<i>41,67</i>	12	<i>33,33</i>
VB	2	<i>16,66</i>	3	<i>8,33</i>
VC	-	-	4	<i>11,11</i>
Total	13	<i>100</i>	36	<i>100</i>

Tabela 4. Frequências absolutas e relativas da posição do crânio de 48 indivíduos das três ocupações do Sítio Justino. LD =face voltada para o lado direito; LE = face voltada para o lado esquerdo; VB = face voltada para baixo; VC = face voltada para cima.

4.2.4. Acompanhamentos Funerários e materiais associados ao enterramento

Nesse subconjunto de dados, há 13 variáveis relacionadas aos acompanhamentos funerários. Dessas, apenas 02 permitem algum tipo de quantificação por possuir mais de 20 indivíduos com informações. As variáveis não quantificáveis e o número de indivíduos femininos e masculinos representados em cada uma delas podem ser vistas na tabela 5.

Nome da Variável	Fem.	Masc.	Total
Adorno (Colar)	5	8	13
Adorno (Tembetá)	2	3	4
Adorno (Bracelete)	1	-	1
Adorno (Tornozeleira)	1	-	1
Vasilhame cerâmico	4	13	16
Localização do vasilhame	2	7	8
Cachimbo	1	1	2
Material faunístico	4	10	14
Material corante	-	4	4
Instrumento musical	1	2	3

Tabela 5. Variáveis não quantificáveis relacionadas aos acompanhamentos funerários.

Dois variáveis prestam-se à quantificação: “Material lítico” e “Quantidade de materiais líticos”. Estes dados foram examinados por Castro (2009), mas não foram quantificados por sexo. A variável “Material lítico” possui informação sobre o tipo de material, se lascado (presente em 25 sepulturas) ou lascado e polido (presentes em 47 sepulturas). As peças líticas polidas não foram identificadas isoladamente em nenhuma das sepulturas estudadas. Essa variável é representada por 16 indivíduos do sexo feminino e 55 masculinos.

A variável “quantidade de materiais líticos” fornece o número de artefatos líticos associados em todas as sepulturas, e representa dados sobre 16 indivíduos femininos e 56 masculinos. O baixo número de indivíduos femininos na sub amostra não permite quantificar por ocupação. Nas figuras 2, 3, 4 e 5, podemos observar as duas técnicas de confecção do material lítico.



Figuras 2 e 3: Exemplo de machados polidos encontrados no sítio Justino. Fonte: Acervo do Max.



Figuras 4 e 5: Exemplos de instrumentos líticos lascados. Fonte: Carvalho, 2006.

As frequências absolutas e relativas do tipo de material lítico associado aos enterramentos podem ser vistos na tabela 6.

Tipo de Material Lítico	Fem.		Masc.	
	Fr. absoluta	Fr. relativa(%)	Fr. absoluta	Fr. relativa(%)
Lascado	5	33,33	18	32,73
Lascado + Polido	10	66,67	37	67,27
Total	15	100	55	100

Tabela 6. Frequências absolutas e relativas dos tipos de materiais líticos associados às sepulturas de indivíduos femininos e masculinos nas três ocupações do Sítio Justino (N = 70).

Quanto ao número de artefatos líticos encontrados nos enterramentos, as quantidades variam de 02 a 13 por sepultura. Sepulturas femininas tinham, em média, 6,8 artefatos, com a moda de 7 por indivíduo. Entre os homens, a média é de 6,04 artefatos/sepultura, sendo a distribuição bimodal (isto é, com duas modas): 05 e 07 artefatos por indivíduos (tabela 7).

Quantidade de artefatos	Fem.		Masc.	
	Fr. Absoluta	Fr. relativa(%)	Fr. absoluta	Fr. relativa(%)
Dois	1	6,67	3	5,36
Três	-	-	6	10,72
Quatro	-	-	7	12,5
Cinco	2	13,33	10	17,86
Seis	3	20	8	14,29
Sete	5	33,33	10	17,86
Oito	2	13,33	2	3,57
Nove	1	6,67	5	8,93
Dez	-	-	1	1,78
Onze	-	-	2	3,57
Doze	1	6,67	1	1,78
Treze	-	-	1	1,78
Total	15	100	56	100

Tabela 7. Frequências absolutas e relativas da quantidade de artefatos líticos entre indivíduos femininos e masculinos sepultados nas três ocupações do Sítio Justino (N = 71).

As frequências relativas da abundância de materiais líticos podem ser vistas no gráfico 1:

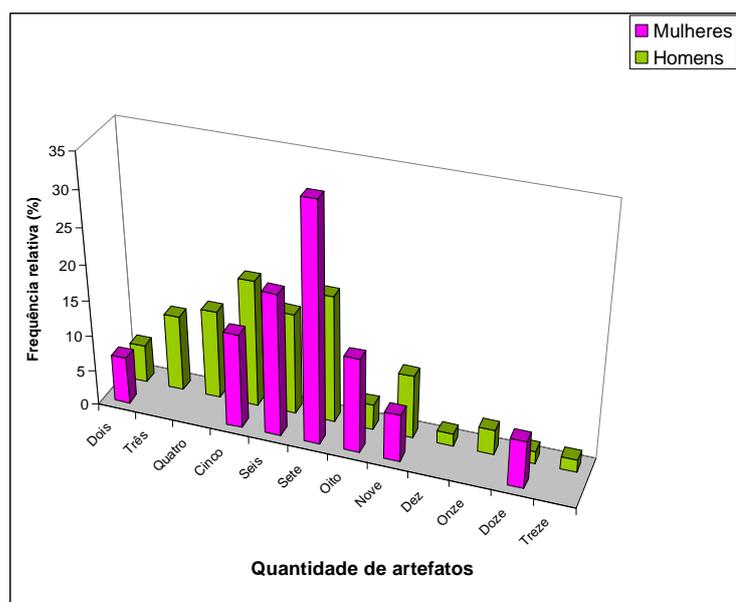


Gráfico 1. Frequências relativas (%) da quantidade de artefatos líticos em indivíduos femininos e masculinos das três ocupações do Sítio Justino (N = 71).

4.3. Síntese dos Resultados

A análise dos acompanhamentos funerários e das informações acerca dos enterramentos permitiu-nos observar alguns indicadores que apontam distinções nos papéis de gênero. Como veremos a seguir, tais resultados dialogam positivamente com os resultados obtidos por meio do estudo dos dados mortuários biológicos.

Dentre os itens que compõem os dados mortuários culturais, os vasilhames cerâmicos apresentaram-se como um importante indicador de gênero. Dos 16 indivíduos que possuíam vasilhames em sua sepultura, 04 eram femininos e 13 masculinos. A forma destes varia entre elipsóide horizontal, esférica e ovóide invertido. Contudo, não percebemos uma tendência entre indivíduos femininos ou masculinos e estas formas (figuras 6 e 7).

Em contraposição, a localização dos vasilhames na sepultura sugere uma divisão de gênero, pois 07 indivíduos masculinos possuem a descrição da localização deste acompanhamento: em apenas 01 caso o vasilhame foi associado à perna esquerda do indivíduo; em 02 casos os vasilhames estavam associados ao crânio, e em 04 sepulturas os vasilhames foram depositados sobre o crânio e ventre dos indivíduos.

Quanto aos indivíduos do sexo feminino, foram identificadas duas sepulturas – 116 e 142 –, que possuem descrição da localização do vasilhame cerâmico: no primeiro indivíduo, havia 02 vasilhames, um sobre o crânio e outro sobre a pelve; no segundo indivíduo, o vasilhame cerâmico encontrava-se do lado esquerdo do crânio.



Figura 6. Exemplo de Vasilhame associado aos enterramentos do sítio Justino. Foto: Flávio Moraes (2011).



Figura 7. Tipo de vasilhame encontrado no sítio Justino. Fonte: Carvalho, 2006.

Em quase todos os indivíduos (exceto nos enterramentos masculinos 109, cujo vasilhame se encontrava sobre o crânio e 132, cujo vasilhame se encontrava próximo à perna esquerda), que possuíam a descrição da localização do vasilhame cerâmico, foi encontrado material faunístico em associação a estes indivíduos. Alguns desses ossos de animais foram identificados por Queiroz e Chaix (1999), como o caso do animal associado ao enterramento 34 (figura 08), sexo masculino, em cuja sepultura foi encontrada possivelmente uma Harpia *harpyja*.



Figura 8. Indivíduo 34, sexo masculino. Fonte: Acervo do MAX.

Em outra sepultura, nº 119, indivíduo masculino, a espécie do animal enterrado também pôde ser identificada a partir de um esqueleto praticamente completo da espécie *Galictis cuja*, conhecido popularmente como “furão”. Nas

demais sepulturas, 33, 55.1, 116 e 118 (figura 9), a espécie dos animais não pôde ser identificada.



Figura 9. Indivíduo 118, sexo masculino.
Fonte: Acervo do Max.

Porém, entre as sepulturas que continham restos faunísticos, 15 no total (05 femininas e 10 masculinas), nem todas estavam associadas a vasilhames cerâmicos, como é o caso dos enterramentos 06 e 112, sexo feminino; 11, 45, 64.1 e 95, sexo masculino. Em geral, esses são fragmentos de ossos de aves e roedores.

Em nossa amostra, apenas 02 indivíduos possuem cachimbos como acompanhamento funerário: são os enterramentos 144 (sexo masculino) e 149 (sexo feminino).



Figura 10. Exemplo de cachimbo encontrado no sítio Justino. Fonte: Carvalho, 2006.

Com relação aos adornos (figuras 11, 12), pingentes de dentes de mamífero, bracelete e tornozeleira estão associados a indivíduos do sexo feminino. Quanto ao sexo masculino, há uma tendência maior a serem encontrados colares de contas de mineral, mas há o caso do enterramento 6, do sexo feminino, no qual há um colar deste tipo. Há também 02 tembetá (figura 14), cujo caso específico comentaremos mais adiante.

Os demais tipos de adornos, como o colar de contas de ossos de ave, foram encontrados com ambos os gêneros.



Figuras 11 e 12. Contas de colar associadas ao enterramento 116, sexo feminino. Foto: Flávio Moraes (2011).



Figura 13. Tembetá. Fonte: Acervo do MAX.

No cemitério do sítio Justino foram encontradas 03 flautas, duas pertencentes a indivíduos do sexo masculino (enterramentos 42.1 e 45), a outra que fazia parte do acompanhamento funerário de um indivíduo do sexo feminino (142), de acordo com Carvalho, Queiroz, Vergne (2002).

O material lítico é encontrado em abundância nas sepulturas do sítio Justino, e não há exclusividade no tipo de material lítico encontrado nas sepulturas masculinas e femininas. As mulheres possuíam 33,33% do material lítico lascado enquanto os homens apresentavam 32,73% destes. Na maioria das sepulturas, encontraram-se tanto instrumentos líticos lascados quanto polidos. Nesse caso, os indivíduos femininos apresentaram 66,67% e os masculinos, 67,27%.

Um caso específico deve ser comentado: no enterramento 116, do sexo feminino, foi encontrada uma ponta de lança, peça única dentre todas as ocupações do sítio Justino. Apesar deste caso em particular, o material lítico não foi utilizado neste trabalho como um indicador de gênero. Na verdade, observamos que a diferenciação se apresenta entre os indivíduos adultos, idosos e crianças. Com os primeiros foi encontrada uma maior quantidade e variedade de objetos em relação aos últimos. Assim sendo, o material lítico pode ser considerado um elemento caracterizador de idade no sítio Justino.

Alguns esqueletos, 03 no total, provenientes de enterramentos secundários, receberam tratamento nos ossos. Dois indivíduos do sexo masculino (enterramentos 83 e 105) tiveram as epífises proximais e distais dos ossos longos

cortadas e polidas (figura 14). Esse tratamento foi concedido a apenas 01 indivíduo do sexo feminino (enterramento 10).

Outro tipo de tratamento nos ossos é a pintura elaborada com ocre, na qual 02 indivíduos do sexo masculino (enterramentos 18 e 81), provenientes de enterramentos primários, tiveram os ossos pintados de vermelho. Talvez a pintura dos ossos com o ocre esteja associados ao gênero masculino, pois, além dos 02 casos citados em que os ossos dos indivíduos estão pintados de vermelho, apenas em enterramentos masculinos (sepulturas 33, 38, 72, 91) foi observada a presença de material corante (ocre em blocos).



Figura 14. Indivíduo 105, sexo masculino. Neste enterramento, ossos longos tiveram suas epífises polidas. Fonte: Carvalho, 2006.

Com relação às sepulturas secundárias, elas estão presentes em menor número que as primárias, sugerindo que apenas em situações especiais este tipo de enterramento fora realizado. Dezesete indivíduos masculinos e 05 femininos tiveram enterramento secundário. Quanto ao enterramento primário, foram 45 masculinos e 15 femininos.

A posição do corpo na sepultura nos indicou que exclusivamente indivíduos masculinos (6,39%) foram enterrados em Decúbito ventral (DV). As demais posições demonstram que há uma preferência ou tendência maior para um gênero ou outro, como o Decúbito dorsal (DD), das quais 14, 29% dos indivíduos do sexo feminino foram enterrados nessa posição. Já entre os indivíduos de sexo masculino, foram 31,91%, o que mostra que há uma preferência masculina por essa posição; o Decúbito lateral direito (DLD) esteve presente em 35,71% das

sepulturas femininas e em 40,42% das masculinas. Quanto à posição Decúbito lateral esquerdo (DLE), foi identificado em 50% das sepulturas femininas e em 21,28% das masculinas, demonstrando uma escolha desses indivíduos. Contudo, não há posição exclusiva para mulheres e homens.

Foram observadas também algumas recorrências em relação à idade dos indivíduos e a posição dos mesmos na sepultura: adultos são maioria nas posições DLD e DLE; DLD e DD para adolescentes; DD e DLD para crianças; e DD para idosos.

Compreendemos, portanto, a categoria “posição do corpo”, como sendo indicadora de relações baseadas não apenas no gênero, mas também na idade dos indivíduos.

A posição dos membros inferiores e superiores dos indivíduos, bem como dos pés e do crânio, nos forneceu dados relevantes para a pesquisa, apesar de da grande quantidade de indivíduos que não possuíam tais informações. Contudo, ainda assim, algumas tendências puderam ser observadas: quanto aos membros superiores e inferiores, mais de 30% dos indivíduos masculinos estavam com os membros superiores estendidos, e 14,64% dos mesmos apresentavam também os membros inferiores estendidos, e nenhum indivíduo feminino apresentou esse padrão; quanto à posição do crânio, para os indivíduos masculinos, a tendência maior é “Face voltada para o lado direito”, 47,23% dos indivíduos masculinos, a posição “Face voltada para cima”, apresenta-se exclusivamente masculina, 11,11%. Entre os indivíduos do sexo feminino, há maior tendência em optar pelas posições “Face voltada para baixo”, 16,66% e “Face voltada para o lado esquerdo”, 41,67%.

Quanto à flexão do corpo, mais uma vez, nossa amostra se apresentou homogênea, havendo tendência ora para o gênero masculino, na qual 14,29% desses estavam com o corpo semi-fletido, e 34,29% dos indivíduos masculinos tinham o corpo fortemente fletido. Comparando com o gênero feminino, teremos: 7,69% e 23,08%, respectivamente. A subvariável “corpo fletido”, indica-nos uma tendência para o gênero feminino: são 69,23% de indivíduos femininos e 45,71% de indivíduos masculinos. Tais resultados nos mostram tendências femininas e masculinas, que serão interpretadas ao fim desta pesquisa.

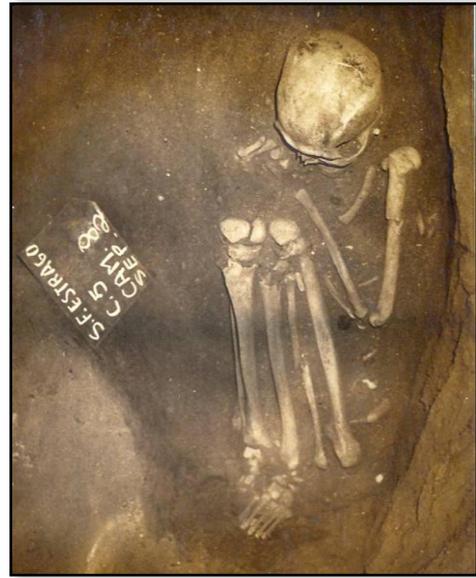
Por fim, a partir do estudo dos indicadores de gênero no sítio Justino, foi possível observar dois indivíduos femininos (enterramentos 116 e 142, ambos pertencem à ocupação B) que se destacam no contexto arqueológico de tal sítio, pois, apresentam exéquias diferenciadas, em grande parte semelhante ao tratamento funerário concedido aos indivíduos masculinos. Entre os acompanhamentos funerários, podemos citar itens como bracelete, tornozeleira, colar de contas de conchas, tembetá, ponta de lança, vasilhames cerâmicos associados ao crânio e a pelve e material faunístico. Constatamos ainda, que estas não possuem hipoplasia do esmalte, ou seja, não passaram por um período de deficiência alimentar, assim como grande parte das mulheres no sítio Justino, fato que iremos abordar no capítulo seguinte.

4.4. Resultados: Sítio Furna do Estrago

O estudo dessas variáveis teve como base as informações obtidas em Lima (1985; 2001) e Castro (2009). A partir destes, a elaboração de um banco de dados possibilitará análises posteriores.

4.4.1. Tipo de Enterramento, Estrutura dos Enterramentos e Posição dos Indivíduos

As sepulturas possuíam, em sua maioria, forma circular, de profundidade variável. Algumas mais profundas chegavam a 1m, outras, a apenas 40 ou 50 cm da superfície. Verificamos que 33 indivíduos de nossa amostra (09 indivíduos femininos e 24 masculinos), foram sepultados em covas como estas. Porém, há 02 casos em que ocorre variação deste padrão de sepulturas: os indivíduos FE15 e FE18, sexo masculino, tiveram suas covas estruturadas por blocos de rocha (figuras 15 e 16).



Figuras 15 e 16. Indivíduos FE15 e FE18, sexo masculino. Fossa funerária estruturada por blocos de rocha. Fonte: Acervo do Laboratório e Museu de Arqueologia da UNICAP.

Todos os indivíduos do sítio Furna do Estrago, incluindo os 35 indivíduos que compõe nossa amostra, foram inumados em sepulturas simples, ou seja, individuais. Verificamos que em 33 indivíduos (09 indivíduos femininos e 24 masculinos) há descrição do tipo de enterramento. Desse total, 31 indivíduos receberam enterramento primário, dos quais 09 indivíduos são do sexo feminino e 21, masculino. O enterramento secundário foi dedicado a apenas 02 indivíduos do sexo masculino – FE51 e FE87.18 (figura 17).



Figura 17. Indivíduo FE87.18, sexo masculino. Enterramento secundário.

Em todo o cemitério da Furna do Estrago, há apenas 03 casos de enterramentos secundários, 02 indivíduos do sexo masculino e 01 de sexo indeterminado. Dentre esses, destacamos o FE18, um homem idoso, pertencente à cronologia antiga de ocupação do sítio, onde no seu enterramento não há adornos nem envoltório.

Verificamos que os enterramentos secundários parecem estar ligados as diferenças etárias, pois, somente indivíduos adultos receberam este tipo de tratamento funerário. Propomos, então, com base nesse resultado e em estudos etnográficos (serão citados na discussão dos resultados), que o enterramento secundário tem relação com o mérito pessoal adquirido no exercício de determinadas atividades. Assim, exclusivamente adultos estavam aptos a recebê-lo. Há também o caso do indivíduo FE22. Dele foram encontrados apenas restos ósseos, pois sua sepultura fora perturbada por enterramentos posteriores. Por esse motivo, não pôde ser observado o tipo de enterramento recebido. Tal fato foi comum nas ocupações antiga e intermediária.

A posição do corpo foi identificada em 23 enterramentos. Desse montante, 22 indivíduos, sendo 06 do sexo feminino e 16 do sexo masculino, encontravam-se em decúbito lateral, com algumas variações na lateralidade. À exceção do indivíduo FE8, do sexo masculino, que foi encontrado em decúbito dorsal (DD), conforme podemos observar abaixo (figura 18):



Figura 18. Indivíduo FE8, sexo masculino, em decúbito dorsal.

Fonte: Acervo do Laboratório e Museu de Arqueologia da UNICAP.

As categorias utilizadas para essa variável são DL ('decúbito lateral', sem especificação de lateralidade), pois o indivíduo FE33, do sexo feminino, não

possuía essa descrição; DLD (‘decúbito lateral direito’), DLE (‘decúbito lateral esquerdo’) e DD (decúbito dorsal). Na figura 19, podemos ter uma visão geral das posições em que os indivíduos foram enterrados no sítio Furna do Estrago.



Figura 19. Visão geral dos indivíduos sepultados em decúbito lateral. Fonte: Acervo do Laboratório e Museu da UNICAP.

As frequências absolutas das formas de deposição para indivíduos masculinos e femininos podem ser vistas na tabela 8:

Posição do corpo	Fem.	Masc.	Total de Indivíduos
DL	1	-	1
DLD	3	7	10
DLE	2	9	11
DD	-	1	1
Total	6	17	23

Tabela 8. Frequências absolutas da posição de seis indivíduos do sexo feminino e 17 masculino nas sepulturas do sítio Furna do Estrago. DL= decúbito lateral (sem especificação de lateralidade); DLD= decúbito lateral direito; DLE= decúbito lateral esquerdo; DD=decúbito dorsal.

A flexão do corpo, dos membros superiores e inferiores foi identificada seguindo as categorias “estendido”, “semi estendido”, “fletido” e “fortemente fletido” (figura 20).



Figura 20. Indivíduos FE6 e FE7, sexo feminino. Membros fortemente fletidos. Fonte: Acervo do Laboratório e Museu de Arqueologia da UNICAP.

A variável “fletido” foi mais comum entre homens e mulheres adultos: 12 indivíduos masculinos apresentavam o braço direito fletido; 13 indivíduos masculinos tinham o braço esquerdo nessa posição; 08 indivíduos masculinos estavam com as pernas fletidas e 17 do mesmo sexo tinham o corpo fletido. Quanto aos indivíduos femininos, observamos 06 indivíduos com os membros superiores fletidos; 02 indivíduos com os membros inferiores fletidos e 06 com o corpo fletido.

A partir do exposto, observamos não haver diferenças entre indivíduos masculinos e femininos quanto ao tipo de flexão do corpo, apenas uma tendência maior para os indivíduos masculinos, que, neste caso, pode ser interpretada como consequência do viés masculino na amostra. As frequências absolutas para a flexão do corpo, do membro superior direito e esquerdo, e para os membros inferiores, podem ser vistas na tabela 9.

Posição	Flexão do corpo		Posição do membro superior esquerdo		Posição do membro superior direito		Posição dos membros inferiores	
	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.
Estendido	-	-	-	-	1	-	-	-
Parcialmente estendido	-	-	-	-	-	1	-	-
Semi-fletido	-	-	-	-	-	1	-	-
Fletido	6	17	6	13	6	12	2	8
Fortemente fletido	-	-	-	-	-	-	2	6
<i>Total</i>	<i>6</i>	<i>17</i>	<i>6</i>	<i>13</i>	<i>6</i>	<i>14</i>	<i>4</i>	<i>14</i>

Indivíduos	23	19	20	18
------------	----	----	----	----

Tabela 9. Frequências absolutas de posições de flexão do corpo, dos membros superior esquerdo e direito, e dos membros inferiores dos indivíduos sepultados no sítio Furna do Estrago.

A posição do crânio foi observada em 19 indivíduos (05 femininos e 14 masculinos) da nossa amostra. As categorias dessa variável são “Face voltada para o lado direito” (LD); “Face voltada para o lado esquerdo” (LE), “Face virada para baixo” (VB) e “Face virada para cima” (VC). As frequências absolutas podem ser vistas na tabela 10.

Posição do Crânio	Feminino	Masculino	Indivíduos
LD	2	6	8
LE	1	6	7
VB	2	1	3
VC	-	1	1
Total	5	14	19

Tabela 10. Posição do crânio em 19 indivíduos encontrados nos enterramentos do sítio Furna do Estrago. LD = lado direito; LE = lado esquerdo; VB = virada para baixo; VC = virada para cima.

Há uma tendência maior entre os indivíduos masculinos de serem enterrados com a face voltada para “LD” e “LE”, demonstrando intencionalidade na escolha dessa variável.

A posição das mãos e dos pés foi observada em 05 indivíduos apenas. Por esse motivo, iremos descrevê-las caso a caso.

Foram 03 as subvariáveis dessa categoria: “mãos na região do crânio”; “mãos na região torácica” e “mãos na face e joelho”. Apenas o indivíduo FE33, do sexo feminino, foi descrito com as mãos na região do crânio; 03 indivíduos – FE4, FE87.6 e FE87.8, todos do sexo masculino, estavam com as mãos sobre o tórax; e o indivíduo FE7, sexo feminino, foi observado com uma das mãos na face e a outra no joelho.

A pequena quantidade de informações sobre essa variável não permitiu que pudéssemos utilizá-la como indicador de papéis de gênero.

Quanto à posição dos pés, constam em nossa base de dados 05 indivíduos (01 feminino e 04 masculinos) que possuem tais informações, a saber: FE87.13, FE15, FE18, FE27, do sexo masculino e FE6, do sexo feminino. Para essa variável não há diferenças, pois todos os esqueletos apresentavam os pés na posição “juntos”. Da mesma forma que as duas últimas variáveis citadas, a quantidade de informações ausentes sobre essa variável impede que possamos utilizá-la como indicador de papéis de gênero.

4.4.2. Acompanhamentos Funerários e Materiais Associados ao Enterramento

Nessa categoria, os adornos estão em maior número: 38% dos 74 esqueletos humanos enterrados nos três níveis de enterramentos portavam adornos. As contas ósseas são as mais numerosas, com 431 elementos; em seguida, as contas de conchas 136; 85 pingentes de dentes de felinos; 54 contas de sementes; 20 contas de amazonita; 07 pingentes de silito argiloso e 04 colares de cordéis de caroá (*Neoglaziovia variegata*).

Em nossa amostra, verificamos que 29 indivíduos possuíam algum tipo de adorno, sendo 09 do sexo feminino e 20 masculinos. Os adornos foram classificados em dois tipos: colares (ou contas de colar, no qual o material que os unia foi degradado em alguns casos): suas variedades de forma e matéria prima podem ser observadas nas figuras 21, 22, 23 e 24; e pingentes.



Figura 21. Contas de colar cilíndricas, confeccionadas em ossos de ave, pertencentes ao indivíduo FE32, sexo feminino. Foto: Viviane Castro (2009).



Figura 22. Contas de colar, confeccionadas em conchas, indivíduo FE7, sexo feminino. Foto: Viviane Castro (2009).



Figura 23. Dentes caninos de felino utilizados como contas de colar, indivíduo FE2, sexo feminino. Foto: Viviane Castro (2009).

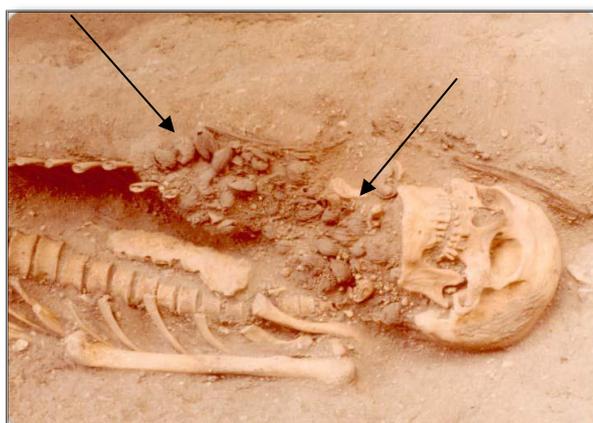


Figura 24. Indivíduo FE8, sexo masculino, portando colar de sementes de gindiroba (*Fivillea trilobata* L.). Fonte: Acervo de Lab. e Museu de Arqueologia da UNICAP.

Foi observado também um pingente de osso humano que fazia parte do enxoval funerário do indivíduo FE51, do sexo masculino.

Em algumas sepulturas havia mais de um adorno associado: podiam ser mais de um colar, ou colar e um pingente (figura 25 e 26). Em nenhuma sepultura encontrou-se mais de um pingente.



Figura 25. Pingente confeccionado a partir da calota craniana de pequeno primata, indivíduo FE14, sexo masculino. Foto: Viviane Castro (2009).

Figura 26. Pingente confeccionado a partir de um osso longo de mamífero, indivíduo FE5, sexo masculino. Foto: Viviane Castro (2009).

De acordo com Lima (1985, p. 69), as contas ósseas de colar são predominantemente cilíndricas com dimensões variando entre 40x15x11 mm e 6x4x4 mm. Além dessas, há também as aneladas, com dimensões entre 9x8x5 mm e 3x7x6 mm.

As informações referentes aos adornos podem ser vistas na tabela 11.

Variedade de adornos	Fem.	Masc.	Total de Indivíduos
Colares ou contas	8	15	23
Colares + pingente	-	4	4
Pingente	1	1	2
Total	9	20	29

Tabela 11. Frequências absolutas dos tipos de combinações de adornos encontrados nas sepulturas de 28 indivíduos no sítio Furna do Estrago.

O número de adornos por indivíduo foi registrado para 09 indivíduos femininos e 17 masculinos, totalizando 26 indivíduos. Mulheres apresentavam 01

ou 02 adornos, e homens, de 01 a 04. Os dados absolutos podem ser vistos na tabela 12.

Quantidade de adornos	Fem.	Masc.	Total de Indivíduos
Um	5	9	14
Dois	3	6	9
Três	1	1	1
Quatro	-	1	1
Total	9	17	26

Tabela 12. Quantidade de adornos encontrados em associação a 26 indivíduos sepultados no sítio Furna do Estrago.

Alguns dados mortuários culturais desse sítio não apresentam informações quantificáveis, como é o caso da variável “instrumento ósseo”. No sítio Furna do Estrago, foram encontradas 04 espátulas, cujas dimensões variam em torno de “133x10x7 mm a 121x22x18 mm e a 51x14x6 mm” (LIMA, 1985, p. 74). A autora sugere que as espátulas podem ter sido utilizadas, entre outras finalidades, como auxiliares nos trançados de fibras vegetais. Porém, em nossa amostra, que contém apenas indivíduos femininos e masculinos, registramos a ocorrência de tal artefato apenas na sepultura FE5, sexo masculino. Devido à baixa ocorrência dessa variável na amostra, não foi possível utilizá-la para verificar diferenças entre os gênero.

Instrumentos de madeira foram registrados em associação ao indivíduo FE45, sexo masculino. Tais instrumentos consistiram em 01 tacape e 01 fragmento de tronco de árvore, que serviu como apoio para seu crânio. Esse enterramento está representado nas figuras 27, 28 e 29.

Nesse cemitério também foram encontrados alguns artefatos classificados como “instrumento musical”. Foram 03 flautas ósseas, além de 01 provável apito. Contudo, 02 destas flautas estavam bastante fragmentadas, pois, de acordo com Lima (1985, p. 72), as flautas fragmentadas foram “reutilizadas pela ocupação que posteriormente ocupou a Furna”. A flauta que foi preservada está associada ao enterramento FE11 (figura 30 e 31), sexo masculino, conhecido como “o

flautista”. Vale ressaltar que no sítio Justino, um instrumento semelhante foi encontrado e também está associado a um indivíduo do sexo masculino.

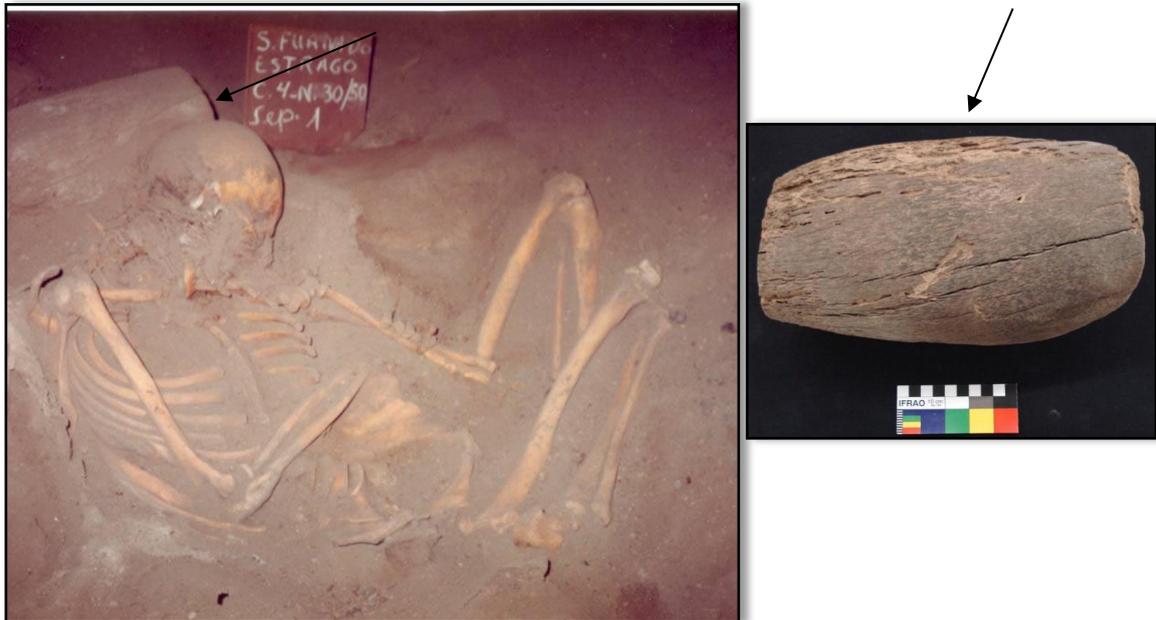


Figura 27. Indivíduo FE45, sexo masculino. O pedaço de madeira foi utilizado como apoio para o crânio. Fonte: Acervo do Laboratório e Museu de Arqueologia da UNICAP.

Figura 28. Secção de um tronco de palmeira, utilizado como apoio para o crânio do indivíduo FE45. Foto: Viviane Castro (2009).

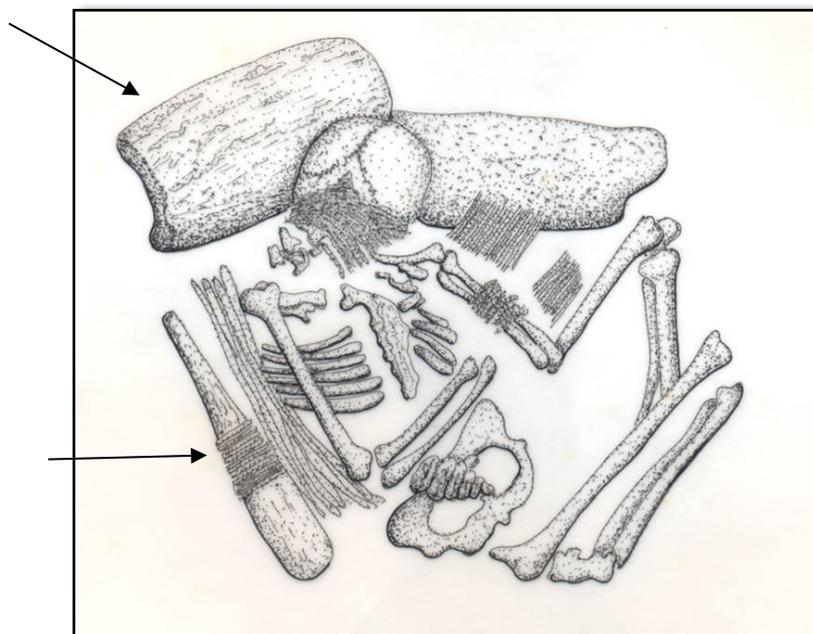


Figura 29. Desenho representando o indivíduo FE45. A seta acima indica a secção do tronco e madeira, utilizada para apoiar o crânio. Seta abaixo indica o tacape. Fonte: Acervo do Laboratório e Museu de Arqueologia da UNICAP.

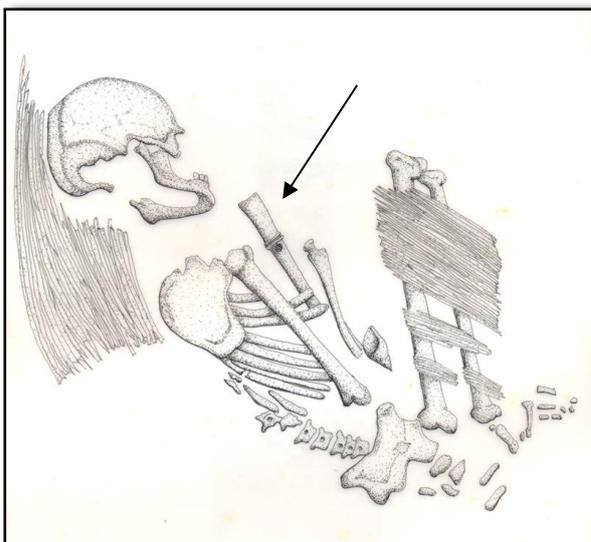


Figura 30. Indivíduo FE11, “o flautista”. Fonte: Acervo do Laboratório e Museu de Arqueologia da UNICAP.

Figura 31. Flauta em osso. Foto: Viviane Castro (2009).

O material faunístico foi encontrado em pequena quantidade, apenas 02 indivíduos. No enterramento FE87.6, sexo masculino, foi identificado 01 crânio de primata e conchas; no enterramento FE11, sexo masculino, além da flauta confeccionada em osso de animal, somente conchas estavam associadas a este. Tais elementos não permitiram inferir a respeito das relações de gênero nesse grupo.

O material corante, ocre em pedaços, foi observado em 04 sepulturas, sendo 02 femininas (FE2 e FE87.5) e 02 masculinas (FE15 e FE87.6). Verificamos a ausência de acompanhamentos funerários relacionados às atividades de subsistência, como material lítico e cerâmico, que não foram encontrados nos três níveis de enterramentos do sítio Furna do Estrago.

O envoltório funerário pode ser de 03 tipos: esteira, palha ou trançado, que podem estar isolados ou em conjunto com outros materiais. Nos indivíduos adultos, as esteiras e a palha foram utilizadas de forma separada e também em conjunto; nas crianças, foi constatado o uso predominante de esteiras, seguido da palha e do trançado. Em nosso estudo, o tipo de envoltório funerário foi identificado em 25 enterramentos, sendo 09 femininos e 16 masculinos. Os dados absolutos podem ser vistos na tabela 13.

Quantidade de adornos	Fem.	Masc.	Total de Indivíduos
-----------------------	------	-------	---------------------

Esteira	4	5	9
Palha	3	5	8
Esteira e palha	1	4	5
Palha e trançado	-	1	1
Esteira, palha e trançado	-	1	1
Total	8	16	24

Tabela 13. Envoltórios encontrados nas sepulturas de 24 indivíduos sepultados no sítio Furna do Estrago.

O trançado, provavelmente, foi destinado aos indivíduos de maior destaque no grupo, pois apenas indivíduos masculinos adultos possuíam tal material associado à sepultura. Já a palha e a esteira foram utilizadas nos enterramentos femininos e infantis.

É importante ressaltar que na classificação realizada por nós para a elaboração deste estudo, há diferenças funcionais entre “envoltório vegetal” e “material vegetal”. Apesar dos envoltórios terem sido confeccionados com material vegetal, sua função é de formar o pacote funerário, envolvendo o indivíduo e forrando o fundo da fossa funerária, diferente do material vegetal, que são as cordas feitas para atar mãos e pés dos indivíduos e utilizado nos trançados para cestas e bolsas.

Todo o material vegetal encontrado no sítio Furna do Estrago utilizado para a confecção de esteiras, bolsas e cestas foi identificado por Lima (1985), como sendo de palmeira (*Attalea*) e predominantemente de ouricuri (*Syagrus coronata*). Já os cordões foram confeccionados de fibras de caroá (*Neoglaziovia variegata* Mez.). O bom estado de alguns exemplares de material vegetal possibilitou a identificação de algumas técnicas de confecção, como observados nas figuras 32, 33, 34 e 35.



Figuras 32 e 33. Variedade de técnicas. Fotos: Viviane Castro (2009).



Figuras 34 e 35. Técnicas diversas. Fotos: Viviane Castro (2009).

4.5. Síntese dos Resultados

A análise dos acompanhamentos funerários e das informações acerca dos enterramentos permitiu-nos observar alguns possíveis indicadores de distinções de gênero.

Algumas variáveis foram associadas exclusivamente a indivíduos masculinos, como o enterramento secundário, o decúbito dorsal, instrumentos de madeira e osso, instrumento musical e pingente confeccionado a partir do osso humano. Percebemos que o *status* dos indivíduos infantis e femininos é

semelhante, diferindo dos homens, que, de acordo com este estudo, parecem possuir *status* diferenciado. Pesquisas bioarqueológicas já citadas no capítulo III desta dissertação sugerem que há, entre esses indivíduos, certo grau de parentesco, levando a pensar no estabelecimento de um grupo masculino hierárquico, que desfrutava de maior prestígio dentro de sua sociedade.

Outras variáveis apontam uma tendência masculina, como a “flexão do corpo”. Os homens estão, em sua maioria, com o corpo, membros superiores e inferiores fletidos. Já entre as mulheres, há maior variedade, como fletido, semi fletido e parcialmente fletido.

De acordo com as evidências arqueológicas, verificamos que as mulheres se enfeitavam com colares de diversos tipos de matéria-prima, como ossos, conchas e dentes. Já nos homens, predominam colares de contas ósseas cilíndricas ou aneladas, ocorrendo também, frequentemente, contas de concha no formato de pequenos discos.

Diante dos resultados, propomos que as relações de gênero não são estruturantes e centrais na cultura desses grupos, e que as relações baseadas na hierarquia de um grupo dominante e relações de parentesco parecem sobrepor-se a de gênero.

CAPÍTULO V.

METODOLOGIA DE ANÁLISE E RESULTADOS DOS DADOS MORTUÁRIOS BIOLÓGICOS

(...) a sociedade funciona não apenas apesar da morte e contra a morte, mas também que só existe enquanto organização, pela morte, com a morte e na morte (MORIN, 1970, p. 10).

Este capítulo objetiva apresentar a metodologia empregada para a análise dos dados biológicos utilizados nesta dissertação. Para tal estudo, nos baseamos na pesquisa desenvolvida por Carvalho (2006), além de uma análise macroscópica

sobre os remanescentes dentários do sítio Justino, realizada no Núcleo de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe-UFS e no Museu de Arqueologia de Xingó-MAX.

Apenas no sítio Justino foi realizada a análise dos maxilares e mandíbulas dos indivíduos, pois não foi possível realizar a análise do material ósseo e dentário proveniente do sítio Furna do Estrago, que se encontra nas dependências do Laboratório e Museu de Arqueologia da Universidade Católica de Pernambuco. Não nos foi permitido o acesso ao acervo ósseo, uma vez que o laboratório encontrava-se em processo de mudança.

Ao reunir estas informações, buscamos descobrir no resultado das patologias dentárias elementos indicadores de papéis de gênero diferenciados para homens e mulheres, visto que a prática cotidiana, em trabalhos artesanais, de subsistência e alimentação, repetida ao longo da vida de cada indivíduo, marcam essas diferenças nos seus corpos. Padrões de diferenciação nas lesões e patologias dentárias podem nos indicar os diversos arranjos de gênero que cada cultura constrói.

Antes de apresentarmos nossa pesquisa e seus resultados, fazem-se necessários alguns esclarecimentos: o sistema esquelético humano pode nos fornecer preciosas informações sobre o cotidiano de homens e mulheres, como citado anteriormente. Entretanto, a qualidade do material arqueológico, por vezes, limita a análise, impossibilitando estudos mais completos. Quando tentamos estudar os remanescentes ósseos do sítio Justino, em conjunto com a profa. Olívia Alexandre de Carvalho¹¹, constatamos que, devido ao estado de preservação do material, importantes análises, como osteopatologias e marcas de estresse ocupacional, não poderiam ser observadas. Por tal motivo, restringimos nossa pesquisa ao estudo das patologias dentárias.

Os estudos sobre paleopatologias dentárias são uma fonte de informação sobre paleodieta e paleossaúde dos indivíduos, além de possibilitarem observações sobre aspectos das relações de gênero.

¹¹Universidade Federal de Sergipe-UFS.

5.1. Análise dos dados mortuários biológicos: paleopatologias dentárias e os indicadores de gênero

O material arqueológico proveniente do sítio Justino faz parte do acervo bioantropológico do Museu de Arqueologia de Xingó/MAX, localizado no município de Canindé do São Francisco-SE. Já o material oriundo do sítio Furna do Estrago compõe o acervo do Laboratório e Museu de Arqueologia da Universidade Católica de Pernambuco.

A análise paleopatológica foi realizada em três etapas. A primeira delas correspondeu à pesquisa bibliográfica de todos os dados biológicos sobre esses grupos. A base de informação a respeito das patologias, determinação de sexo e idade teve como fonte a tese de Carvalho (2006) para o sítio Justino.

A segunda fase consistiu em separar o material para estudo, pois incluímos apenas as mandíbulas e maxilares dos indivíduos do sexo feminino e masculino, excluindo, portanto, os indivíduos de sexo indeterminado e os dentes avulsos, mesmo nos casos em que estes possuíam indicação do indivíduo ao qual eles pertenciam.

Por fim, a terceira fase que foi a análise dentária. Durante o ano de 2011, foram realizadas três visitas ao laboratório com tal finalidade. Parte do material foi examinado no Museu de Arqueologia de Xingó e outra parte no Laboratório de Arqueologia do Núcleo de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe-UFS, no campus de Laranjeiras. Todas as etapas foram realizadas sob a orientação da professora Olívia Carvalho.

As metodologias empregadas para a identificação das patologias dentárias serão descritas a seguir: os dentes das mandíbulas e maxilares dos esqueletos humanos foram limpos com pincel e escova, analisados macroscopicamente e posteriormente fotografados. O manual “*Standards for Data Collection from Human Skeletal Remains*” (BUIKSTRA, UBELAKER, 1994) foi consultado para o estudo de paleopatologias, como cárie, tártaro, abscesso e hipoplasia do esmalte. Outras metodologias também foram utilizadas nos casos de desgaste dentário, como veremos no decorrer do texto. Os resultados obtidos foram documentados

em formulários específicos, adaptados do manual acima citado. Este estudo buscou enquadrar-se nos seguintes referenciais metodológicos:

Desgaste dentário

O desgaste dentário é um termo genérico utilizado para designar a perda da superfície dentária, independente de sua etiologia, como afirmou Wasterlain (2006, p. 53-4). Mas o desgaste pode ser classificado em três tipos distintos, a saber: abrasão, atrição e erosão (POWEL, 1985; HILLSON, 1996), cujas diferenças podem ser percebidas na sua etiologia e nas marcas deixadas nas superfícies dentárias.

A abrasão dentária pode ter origem alimentar e/ou cultural e é ocasionada pelo contato dos dentes com corpos estranhos, como alimentos abrasivos e determinados hábitos culturais, como a preparação de pele de animais com os dentes (MERBS, 1983) e o uso de cachimbos. A abrasão dentária, de origem cultural (intencional ou ocupacional), descrita no capítulo II desta dissertação, é de grande relevância quando observada no registro arqueológico, pois resulta da utilização da boca como ferramenta no exercício de tarefas cotidianas, podendo indicar atribuições dentro do grupo e hábitos diferenciados para homens e mulheres, como mascar folha de coca ou fumar cachimbo, o que causa desgaste acentuado das superfícies oclusais dos dentes, deixando marcas características, e também, confeccionar cestas e esteiras de palha ou couro.

A atrição dentária é produzida por meio do contato direto dos dentes, entre dentes vizinhos ou opostos, durante a mastigação, ou como resultado de condições patológicas, como o bruxismo (ROBB *et al*, 1991, p. 595). Já a erosão é raramente encontrada em remanescentes dentários arqueológicos. Esta resulta de ataques químicos, que podem gerar a dissolução química do esmalte e da dentina por ácidos que não os produzidos pelas bactérias orais (BELL *et al*. 1998; MOYNIHAN, 2005 *apud* WASTERLAIN, 2006).

A metodologia empregada para a classificação do grau de desgaste dentário da superfície oclusal do dente foi adaptada do quadro de oito estágios do diagrama de Murphy (HILLSON, 1996). Silva (2003) afirma que, apesar de existirem quadros mais detalhados para a atrição em molares, dividindo sua

superfície oclusal em quadrantes, esse diagrama se adequa melhor ao tipo de análise que não tem como objetivo principal estudar o efeito da abrasão na dentição.

Esse diagrama indica estágios de desgaste para todos os de tipos dentes, adotamos, então, os seguintes graus de desgaste: 0-Ausente, 1-Leve, com atrição oclusal discreta, composto pelos três primeiros níveis de Murphy; 2-Moderado: quando há exposição da dentina, composto pelos níveis 4, 5 e 6 de Murphy; 3-Avançado: quando o canal pulpar fica exposto, composto pelos níveis 7 e 8 de Murphy.

Cárie dentária

As lesões cariosas estão associadas a atividades bacterianas destruidoras e na presença de açúcares na dieta. Outros fatores também podem predispor o indivíduo a esta lesão, é o caso de defeitos na superfície do esmalte e perfurações e fissuras nas dentições permanentes.

O inventário desse tipo de lesão foi realizado com base na sua presença ou ausência por cada indivíduo, sendo a localização das lesões identificada por um código numérico adotado por Silva (2003), adaptado do que foi desenvolvido por Moore & Cobertt (*apud* BUIKSTRA E UBELAKER, 1994): 1-Cárie na superfície oclusal: todos os sulcos, pontos, cúspides, exposição do dente e os sulcos vestibular e lingual dos molares; 2-Cárie na superfície interproximal: inclui as regiões cérvico-mesial e cérvico-distal (Figura 2); 3-Cárie na superfície livre: superfícies vestibular e lingual com seus sulcos; 4-Cárie cervical: originada na junção cimento-esmalte, exceto nas superfícies proximais; 5-Cárie radicular: abaixo da junção cimento-esmalte; 6-Cárie extensiva: o dente está destruído e a superfície original do mesmo não pode ser assinalada;

Abcesso dentário

O abcesso é um processo supurativo agudo ou crônico da região dentária periapical (SHAFER *et al.*, 1983). A metodologia empregada para inventariar esta lesão foi baseada em sua 0-Ausência e 1-Presença. Quando observada, indicamos se a lesão acometeu o maxilar ou a mandíbula e qual o dente afetado.

Tal metodologia foi empregada porque os abscessos periapicais são processos difíceis de serem identificados em material esquelético, que não deixam rastro, haja vista ser uma inflamação em que o pus pode sair por uma abertura na coroa do dente (criada por cárie ou trauma) (CLARKE, 1990 *apud* WASTERLAIN, 2006, p. 228).

Já o abscesso crônico, é caracterizado pela produção de grande quantidade de pus, formando, assim, uma cavidade óssea bem definida, denominada de seio ou fístula, através da qual este pus é conduzido para a pele ou para a mucosa oral (DIAS, TAYLES, 1997; HILLSON, 2000; WASTERLAIN, 2006), portanto, este tipo de abscesso deixa marcas nos maxilares e mandíbulas e pode ser facilmente observado no material ósseo arqueológico.

Perda dentária em vida

A perda dentária foi registrada segundo o código proposto no quadro de desenvolvimento dentário encontrado no *Standards* apresentado por Buikstra, Ubelaker (1994 *apud* SILVA, 2003). A perda dentária *antemortem* e *postmortem* foi assinalada da seguinte forma: 0-Ausente; 1-Presente, mas não em oclusão; 2- Presente, desenvolvimento completo, em oclusão; 3-Ausente, sem osso alveolar associado; 4-Ausente, com reabsorção alveolar ou completamente reabsorvido; 5-Ausente, sem reabsorção alveolar; 6-Ausente, congênito; 7- Presente, os danos tornam qualquer medida impossível, mas outras observações são registráveis; 8- Presente, mas não observável.

Dois tipos de quantificação foram efetuados para estabelecer a frequência de cada patologia ou processo dentário, de acordo com as necessidades e possibilidades: contagem por dente e contagem por indivíduo masculino e feminino, localização e posição (LUCKACS, 1989; POWELL, 1985 *apud* RODRIGUES, 1997).

5.1.1. Análise estatística descritiva

O trabalho estatístico foi realizado por Karin Von Schmalz Peixoto, que aplicou técnicas estatísticas visando descrever e sumarizar os dados empregados

nesta pesquisa¹². As bases de dados referentes aos sítios estudados foram descritas utilizando-se frequências de ocorrência absolutas e relativas (em porcentagem) de cada categoria dentro da variável categórica ou numérica. A moda¹³ foi a medida de tendência central usada para descrever a categoria de ocorrência mais frequente nas variáveis categóricas¹⁴, e a média foi usada para variáveis numéricas, quando possível. As frequências de ocorrência foram usadas para a confecção de tabelas de frequências e, quando o tamanho amostral permitiu, a informação foi ilustrada com um gráfico de frequências torta de ou barra.

Para a descrição de cada variável, a unidade de análise foi o indivíduo, com exceção das informações sobre a diversidade ou variedade de categorias, quando havia dados múltiplos para um único indivíduo. Nesse caso, o elemento em questão – patologia dentária, tipo de adorno, etc. – foi considerado a unidade de análise. Esse tipo de abordagem ajuda a representar a diversidade de elementos nos indivíduos, em vez de indicar apenas a abundância desses, o que forneceria menos informações acerca da situação desses indivíduos. Esse método de organização de dados é congruente com o sugerido por Shennan (1997) para análise de material arqueológico.

A alta proporção de dados inexistentes impediu que certas análises fossem realizadas, dado essas sub amostras não serem representativas da população. Por exemplo, a identificação do sexo nos indivíduos é indeterminada para uma alta proporção dos indivíduos. Isso impossibilita a determinação da real razão sexual dos enterramentos nos sítios, pois os indivíduos indeterminados podem levar esta razão para qualquer sexo. Por esse motivo, análises de comparação entre os sexos estão limitadas ao contraste, entre sexos, da abundância de categorias (diversidade) e da frequência de cada categoria em cada grupo (ocorrência).

A pequena quantidade de indivíduos femininos também impediu que uma análise de contraste entre sexos fosse feita para cada uma das ocupações de cada sítio para todas as variáveis, uma vez que as sub amostras seriam insuficientes

¹² Para a análise estatística, foi utilizado o programa *Minitab*.

¹³ A Moda é o valor ou atributo que ocorre com maior frequência na análise estatística.

¹⁴ Variáveis categóricas são qualitativas, como sexo, idade, classe social, cor dos olhos.

para determinar qualquer tendência. As variáveis com informação para menos de 20 indivíduos foram descritas e discutidas como casos individuais.

5.2. Resultados: Sítio Justino

Nesse sítio, foram encontrados 177 esqueletos. Dessa amostra, pode-se identificar o sexo de 88 indivíduos adultos – 23 do sexo feminino e 65 do sexo masculino. Em 49 indivíduos adultos não foi possível identificar o sexo. 32 são crianças e adolescentes. A faixa etária dos indivíduos utilizados nessa análise varia entre 20 e 59 anos, pois é nessa que se encontram os indivíduos masculinos e femininos. Apenas um caso não se enquadra nessa classe etária: trata-se de uma jovem com idade entre 16 e 19 (indivíduo nº 116).

Os dados aqui utilizados para o estudo das paleopatologias dentárias são provenientes da análise descrita anteriormente neste capítulo. A base de dados do Sítio Justino usada neste trabalho contém 26 variáveis, pertinentes a 88 indivíduos, sendo 23 variáveis categóricas. A maioria destas tem um número ainda menor de indivíduos, e algumas foram tratadas individualmente por não permitirem grupos categóricos.

Patologias dentárias foram identificadas em 57 indivíduos, sendo 13 pertencentes ao sexo feminino e 44 ao masculino. Esses indivíduos apresentavam de 01 a 03 tipos de patologias dentárias. Como podemos observar na figura 3, essas paleopatologias são abscessos, abrasões, cáries, hipoplasias, perdas dentária *ante mortem* e inflamações do periodonto.

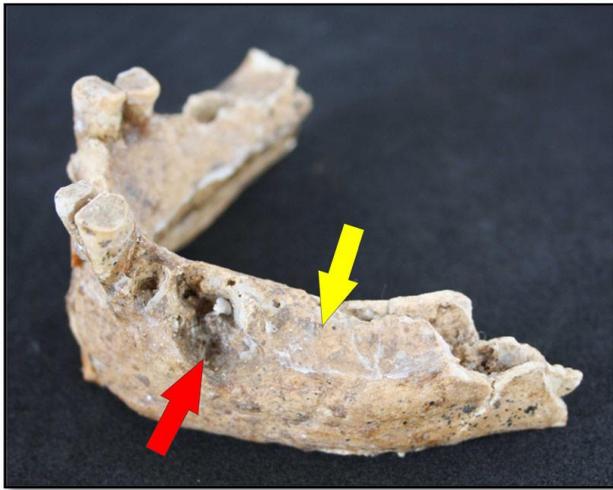


Figura 1. Indivíduo proveniente da sepultura 33, sexo masculino. Em certos casos, os indivíduos possuíam mais de um caso de lesão dentária. Como neste exemplo, em que se pode identificar o abscesso dentário, indicado pela seta vermelha, atingindo o canino inferior direito, que também sofreu perda dentária pós-morte. A seta amarela aponta reabsorção alveolar, ou seja, este indivíduo perdeu os dois dentes pré-molares e o 1º molar em vida. E abrasão dentária severa. Foto: Danúbia Moraes (2011).

Não foi possível observar patologias dentárias em 30 indivíduos, consequência do mal estado de preservação dos maxilares e mandíbulas (figura 4).



Figura 2. Indivíduo proveniente de sepultura 15, sexo masculino. Lado direito da mandíbula. Foto: Danúbia Moraes (2011).

A diversidade de lesões dentárias encontradas nos indivíduos foi de 01 a 03 tipos: 34 possuíam apenas 01 patologia dentária; 15 apresentavam 02; e 08 indivíduos apresentavam 03, independente do sexo do indivíduo ou da ocupação (gráfico 1).

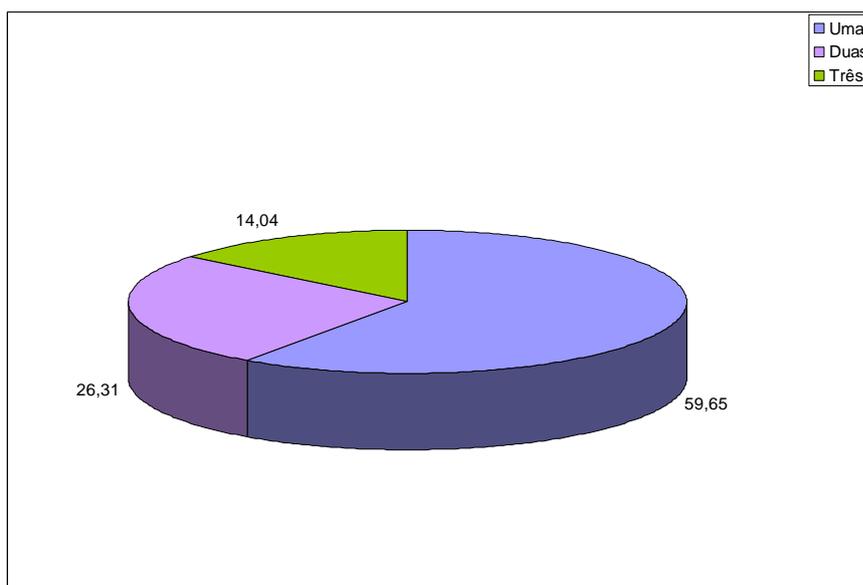


Gráfico 1: Frequências relativas (%) de ocorrência do número de tipos de patologias dentárias por indivíduo em 57 enterramentos encontrados no Sítio Justino (N=57).

Para contabilizar a ocorrência de cada tipo de patologia dentária, como alguns indivíduos apresentavam mais de uma patologia, foram consideradas 88 lesões, distribuídas como representados na tabela 1 e gráfico 2. Esses valores também agrupam os resultados das três ocupações estudadas (tabela 1).

Tipos de patologia dentária	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Abscesso	6	2,27
Abscesso apical	4	4,55
Abrasão	48	54,54
Cárie	4	4,55
Hipoplasia	14	15,91
Perda <i>ante mortem</i>	14	15,91
Periodontite	2	2,27
Total	88	100

Tabela 1: Frequências absolutas e relativas das patologias dentárias de 57 indivíduos encontrados em enterramentos no sítio Justino; alguns indivíduos apresentavam duas ou três patologias (N=88).

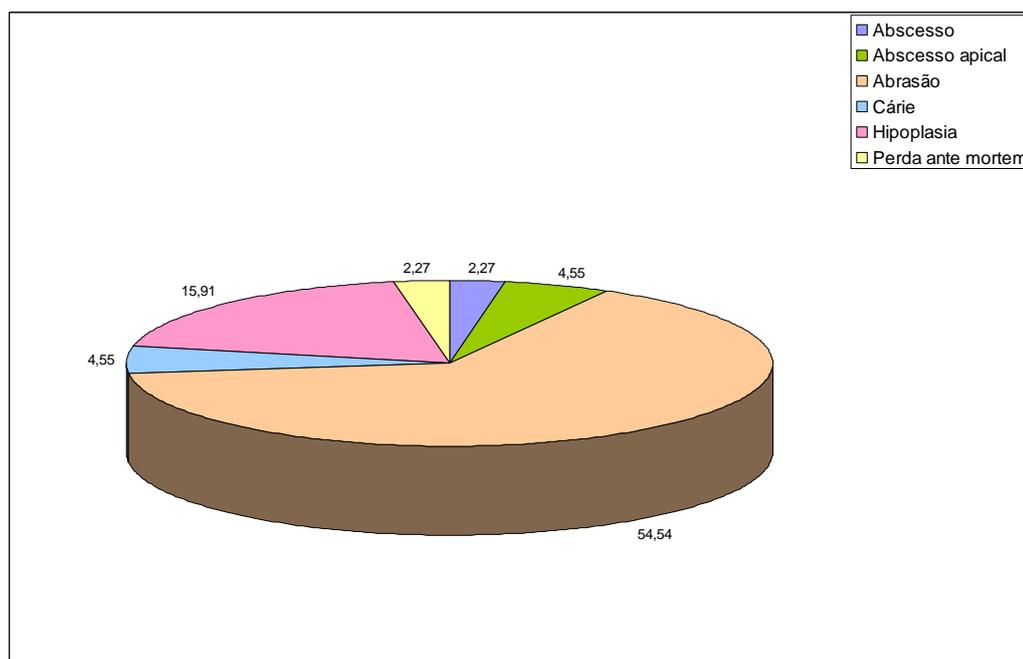


Gráfico 2: Frequências relativas (%) de 88 patologias dentárias encontradas em 57 indivíduos sepultados no Sítio Justino.

Considerando o sexo dos indivíduos conforme nosso objetivo, percebemos que dos 57 acometidos por patologias dentárias (13 do sexo feminino e 44 do sexo masculino), 03 indivíduos femininos apresentavam apenas 01 tipo de patologia dentária; 07 apresentavam 02 tipos; e 03 apresentavam 03 tipos. A maioria dos indivíduos masculinos, 31 indivíduos, apresentava apenas 01 tipo de patologia dentária; 08 tinham 02 tipos; e 05, 03 tipos. A diferença relativa na ocorrência do número de tipos de patologias dentárias entre os gêneros masculino e feminino pode ser vista no gráfico 3.

Foram contabilizadas 26 patologias dentárias no total de indivíduos do sexo feminino, e 62 nos 44 indivíduos do sexo masculino. As frequências absolutas e relativas dos tipos de patologias dentárias em homens e mulheres nas três ocupações do sítio Justino podem ser vistas na tabela 2.

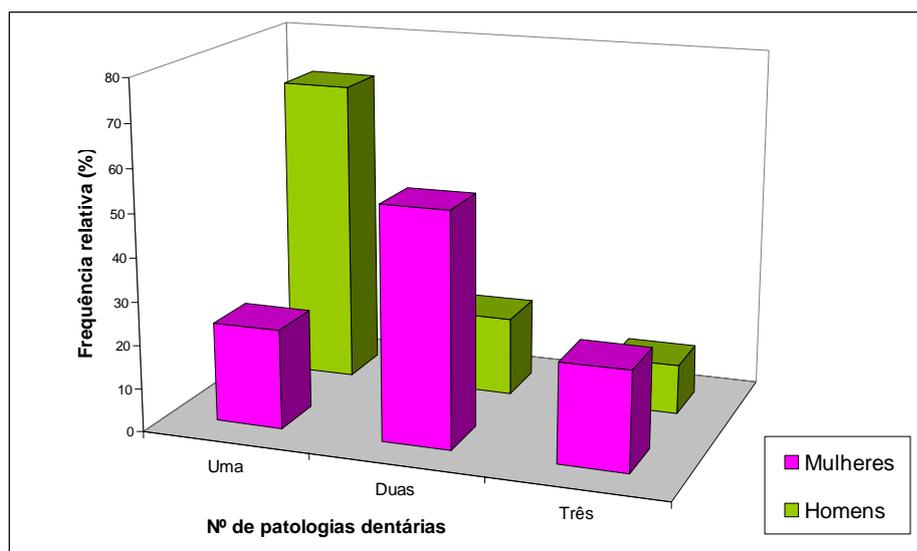


Gráfico 3: Frequências relativas (em %) da ocorrência de um, dois ou três tipos de patologias dentárias em indivíduos femininos (N=13) e indivíduos masculinos (N=44) sepultados nas três ocupações do Sítio Justino.

Tipos de patol. Dentária	Ind. Feminino		Ind. Masculino	
	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Abscesso	1	3,85	1	1,61
Abscesso apical	1	3,85	3	4,84
Abrasão	12	46,15	36	58,07
Cárie			4	6,45
Hipoplasia	8	30,76	6	9,68
Perda <i>ante mortem</i>	3	11,54	11	17,74
Periodontite	1	3,85	1	1,61
Total	26	100	62	100

Tabela 2: Frequências absolutas e relativas dos tipos de patologias dentárias em indivíduos femininos e masculinos sepultados no Sítio Justino.

No gráfico 4, podem ser vistas as diferenças relativas na frequência de ocorrência dos diversos tipos de patologias dentárias em indivíduos do sexo masculino e feminino.

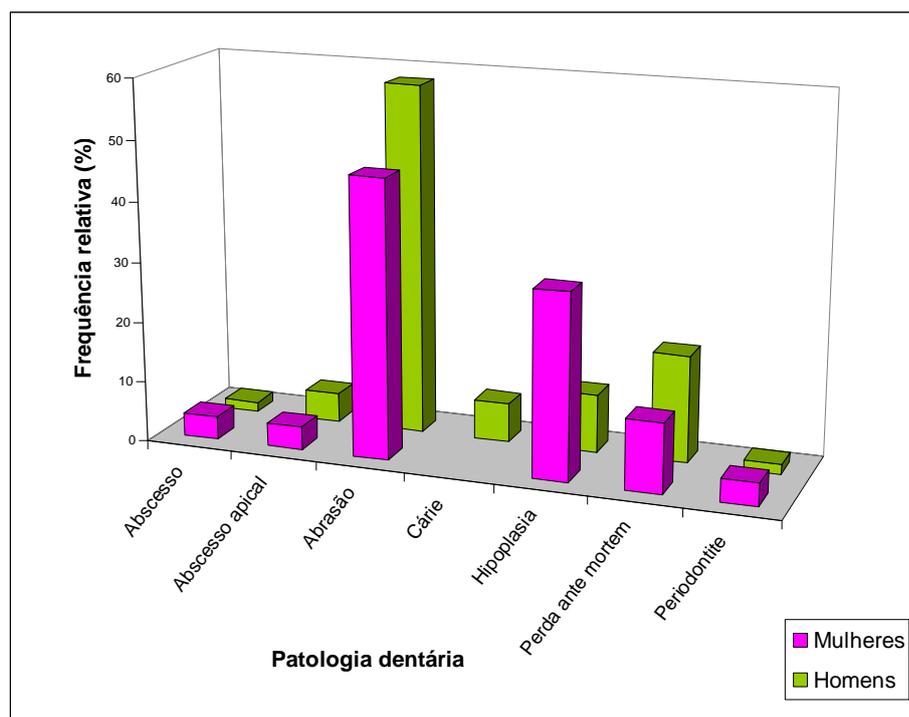


Gráfico 4. Frequências relativas de patologias dentárias em indivíduos femininos (N=13) e indivíduos masculinos (N=44) das três ocupações do Sítio Justino.

O sítio Justino apresenta quatro ocupações, datadas a partir de materiais retirados de fogueiras em estratos próximos aos dos enterramentos. Porém, conforme já explicitado, apenas as ocupações A, B e C fazem parte deste estudo. A ocupação mais recente é chamada Justino A, com datações de 2538 ± 160 anos e 1770 ± 60 anos. A ocupação Justino B tem datações de 3270 ± 135 e 2650 ± 160 anos e a ocupação Justino C foi datada em 5570 ± 70 e 4380 ± 70 anos.

Na ocupação Justino A, 29 indivíduos tiveram o sexo determinado, sendo 08 mulheres e 21 homens. Desses, 20 indivíduos apresentavam patologias dentárias, sendo 06 mulheres e 14 homens. 09 indivíduos possuíam apenas 01 tipo de patologia; 09 apresentavam 02 tipos, e 02 indivíduos apresentavam 03 tipos de patologias dentárias.

Na ocupação Justino B, o sexo foi determinado em 41 indivíduos, sendo 09 mulheres e 32 homens. Desses, 26 apresentavam patologias dentárias identificáveis, sendo apenas 03 mulheres. 18 indivíduos apresentavam apenas 01 tipo de patologia dentária; 04 apresentavam 02 tipos, e 04 apresentavam 03 tipos.

Na ocupação mais antiga – Justino C, o sexo foi determinado em 17 indivíduos, sendo 05 do sexo feminino e 12 do sexo masculino. 11 apresentavam patologias dentárias (04 femininos e 07 masculinos). 07 indivíduos apresentavam apenas 01 tipo de patologia dentária; 02 apresentavam 02 tipos e 02 apresentavam 03 tipos.

A diferença das frequências absolutas e relativas na diversidade de patologias dentárias em indivíduos de ambos os sexos nas três ocupações pode ser vista na tabela 3. Essa diferença é mais visível no gráfico 5.

Nº de tipos de patologias dentárias	Ocupações					
	Justino A		Justino B		Justino C	
	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Um	9	45	18	69,24	7	63,64
Dois	9	45	4	15,38	2	18,18
Três	2	10	4	15,38	2	18,18
<i>Totais</i>	<i>20</i>	<i>100</i>	<i>26</i>	<i>100</i>	<i>11</i>	<i>100</i>

Tabela 3: Frequências absolutas e relativas do número de tipos de patologias dentárias por indivíduo nas três ocupações do Sítio Justino (N = 57).

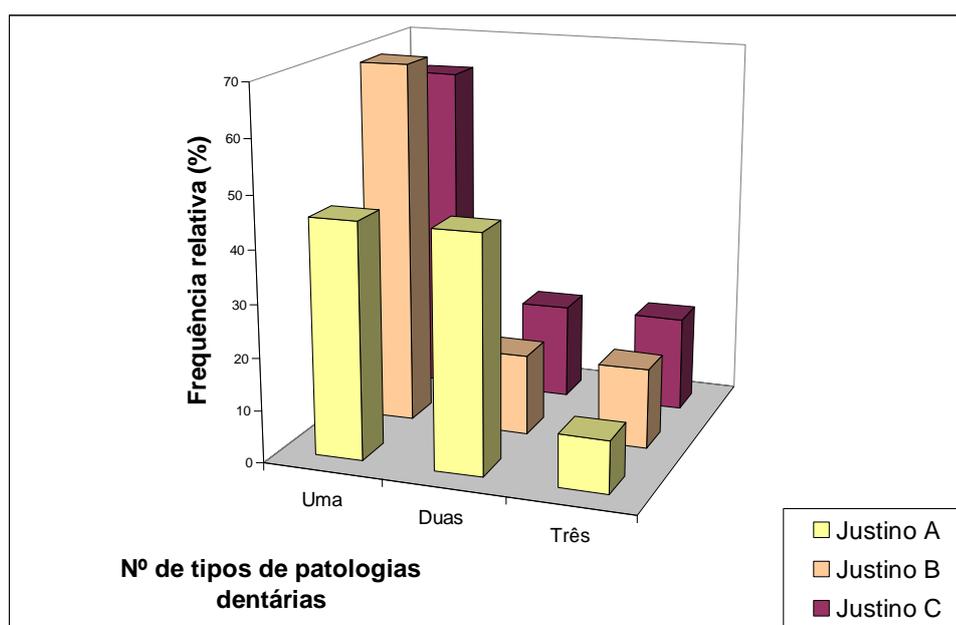


Gráfico 5: Frequências relativas do número de tipos de patologias dentárias por indivíduo nas três ocupações do Sítio Justino (N = 57).

Quanto à ocorrência de patologias dentárias, foram identificadas 33 lesões nos 20 indivíduos de ambos os sexos da ocupação Justino A, 38 nos 26 indivíduos de Justino B, e 17 nos 11 indivíduos da ocupação Justino C (tabela 4, gráfico 6).

Patologias dentárias	Ocupações					
	Justino A		Justino B		Justino C	
	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Abscesso	2	3,03	2	5,26	2	5,88
Desgaste	17	51,51	22	57,9	9	52,95
Cárie	2	6,07	2	5,26	-	-
Hipoplasia	5	15,15	6	15,79	3	17,65
Perda <i>ante mortem</i>	6	18,18	6	15,79	2	11,76
Periodontite	1	3,03	-	-	1	5,88
<i>Totais</i>	<i>33</i>	<i>100</i>	<i>38</i>	<i>100</i>	<i>17</i>	<i>100</i>

Tabela 4: Frequências absolutas e relativas de 88 patologias dentárias nos 57 indivíduos das três ocupações do Sítio Justino.

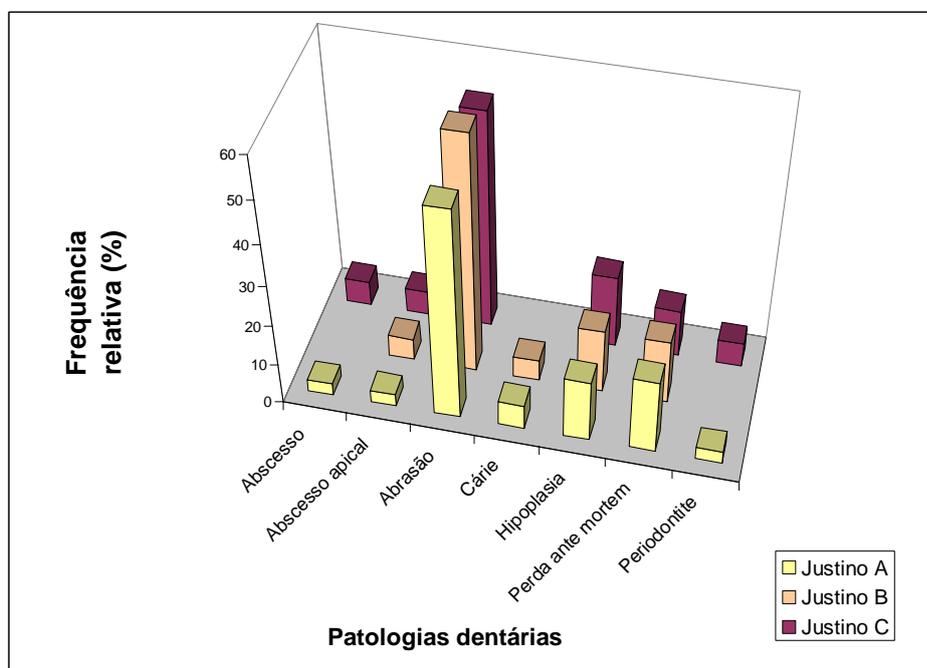


Gráfico 6: Frequências relativas da ocorrência de patologias dentárias nos indivíduos das três ocupações do Sítio Justino (N = 88).

4.2.1. Síntese dos resultados

A partir das patologias dentárias estudadas nos indivíduos do sítio Justino, foi possível verificar similaridades e diferenças no tipo de dieta e no estado de saúde oral entre os gêneros feminino e masculino.

A saúde bucal desses indivíduos apresenta um alto dano, em especial, devido aos casos de abrasão dentária, que pode ter acarretado a formação de abscessos e perda dentária em vida. Entre os indivíduos adultos, com sexo identificado, constatamos uma alta prevalência do tipo leve, moderada e severa nas três ocupações estudadas (A, B e C). Observamos também que 46,15% dos indivíduos do sexo feminino e 58,07% dos indivíduos do sexo masculino foram acometidos por essa lesão.

Na observação da relativa similaridade no percentual de abrasão dentária entre os gêneros feminino e masculino nos cemitérios do sítio Justino, consideramos que essa lesão é um indicador de relações de gênero. Podemos, ainda, vislumbrar uma complementaridade entre ambos na forma de preparar e comer os alimentos, por exemplo. É possível que compartilhassem não apenas o alimento abrasivo, mas também tarefas cotidianas, como as atividades artesanais (confecção de cestas ou esteiras de palha ou couro, e coleta de vegetais e grãos). Porém, não podemos afirmar que os gêneros feminino e masculino compartilhassem tal relação, pois o desgaste dentário foi estudado de um modo geral e não por tipos (atrição, erosão, abrasão).

A hipoplasia do esmalte também pode ser considerada um indicador de gênero, pois, devido ao seu caráter nutricional e às diferenças observadas entre mulheres e homens, sugerimos diferenciação alimentar entre os indivíduos infantis do sexo masculino e feminino. Nas ocupações estudadas (A, B e C), o percentual de hipoplasia do esmalte é relativamente alto e pode ser equiparado à perda dentária em vida: ocupação A, 15,15%; ocupação B, 15,79%; ocupação C, 17,65%. Em relação ao sexo, indivíduos masculinos apresentam 9,68% dos casos e femininos 30,76% (figuras 5 e 6).

O resultado obtido para a presença da hipoplasia do esmalte nos leva a refletir sobre a condição de desnutrição de um número considerável de mulheres

durante a infância no sítio Justino. Há uma possibilidade de que, em períodos de escassez alimentar, as crianças do sexo masculino tivessem privilégios alimentares frente às do sexo feminino.



Figura 3. Indivíduo 134, sexo feminino. Casos de hipoplasia nos incisivos centrais, que também pode ser percebida nos incisivos laterais (superior e inferior), caninos (superior e inferior), 1º e 2º molar (superior e inferior, lado direito). Foto: Danúbia Moraes (2011).

Figura 4. Indivíduo 49, sexo feminino. Presença de hipoplasia nos incisivos central e lateral superior esquerdo e no canino do mesmo lado. Foto: Danúbia Moraes (2011).



Outro indicador que pode corroborar com a ideia de privilégios alimentares é a presença da cárie dentária. Apenas nas ocupações mais recentes – A (6,07%) e B (5,26%) – foram registrados casos dessa lesão. A cárie é um indicador de alimentação rica em açúcares, sugerindo a existência de uma horticultura. Na ocupação C, considerada, por Vergne (2004), como pertencente a grupos que estavam em fase de transição, entre caçadores-coletores e ceramistas, não foi diagnosticada nenhuma lesão deste tipo.

Somente indivíduos do sexo masculino (6,45%) foram acometidos pela cárie, o que sugere, mais uma vez, assim como no caso da hipoplasia dentária,

divisão alimentar entre homens e mulheres. Portanto, consideramos, nesta pesquisa, a cárie como indicador de diferenças entre os gêneros.

A baixa frequência da cárie e o alto índice de abrasão dentária pode indicar um regime alimentar pobre em nutrientes cariogênicos e rico em elementos abrasivos. Mais que o tipo de alimentação, as patologias dentárias nos indicam privilégios alimentares para indivíduos do sexo masculino desde a infância, embora o percentual de abrasão indique que muitas das atividades cotidianas eram feitas em conjunto, por mulheres e homens, portanto, não indicando distinção entre os gêneros.

Para os abscessos dentários (figura 5) e perda dentária em vida, observamos a semelhança percentual entre mulheres e homens: 1,61% e 3,85%, consecutivamente. A perda dentária em vida foi observada em 11,54% dos indivíduos do sexo feminino e 17,74% entre os indivíduos do sexo masculino.



Figura 5. Indivíduo 123, sexo feminino. Mandíbula lado esquerdo, apresentando casos de abscessos dentários no 2º pré-molar e 1º molar. Além disso, apresenta abrasão severa da face oclusal dos dentes. Foto: Flávio Moraes (2011).

Os resultados obtidos até o momento corroboram nossa hipótese, entre outras, de que papéis distintos de cada gênero são passíveis de observação nas paleopatologias dentárias. Tais papéis de gênero apontam diferenças entre indivíduos masculinos e femininos, especialmente nas atividades de subsistência e alimentação.

CAPÍTULO VI.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O estudo dos remanescentes dentários e rituais funerários nos sítios Justino e Furna do Estrago nos forneceu importantes informações a respeito das relações sociais de gênero, visto que parte dos aspectos sociais do grupo pode variar tanto na maneira como as relações são exercidas quanto na importância atribuída pelo grupo a essas diferenças entre os gêneros.

As culturas criam seus próprios mecanismos para institucionalizar os papéis sociais próprios a homens e mulheres, seja na divisão do trabalho, no vestuário, nas maneiras, na atividade social ou religiosa. Margaret Mead (2009) explica-nos que homens e mulheres são socialmente diferenciados, seja em alguns dos aspectos citados acima ou em todos eles, e que cada gênero é impelido a conformar-se com o papel que lhe é atribuído.

Há diferentes formas sociais de “forçar” os indivíduos a seguirem as regras, como, por exemplo, os tabus. Em relatos etnográficos, podemos vislumbrar atitudes que refletem a imposição cultural nas relações de gênero, citaremos duas observações a caráter de exemplo. Antes, porém, é necessário comentar que os relatos etnográficos e etnohistóricos são utilizados aqui como base ilustrativa que nos permite inferir as relações de gênero na pré-história, mas que não serão tomados como uma analogia direta.

O primeiro relato etnográfico, descrito por Margaret Mead, trata dos Arapesh, povos habitantes da Nova Guiné. Discutindo a respeito da maior autoridade, tanto política quanto religiosa, dos homens, a autora observa:

É uma cultura em que homens e mulheres fazem coisas diferentes pelas mesmas razões; Em que não se espera que os homens respondam a uma série de motivações e as mulheres a outras; em que, se é dada maior autoridade ao homem é porque a autoridade é um mal necessário que alguém, e este alguém é o parceiro mais livre, deve exercer (MEAD, 2009, p. 41).

O segundo exemplo são as observações feitas por Malinowski, que estudou as relações de amor, casamento e vida tribal de homens e mulheres das ilhas Trobriand, também na Nova Guiné:

Os papéis atribuídos aos gêneros são bem observados, pois, o pavor e a vergonha, muito característica nos selvagens, de não fazer o que é

correto, ou pior ainda, de fazer algo que compete intrinsecamente ao outro sexo ou a outra classe social (MALINOWSKI, 1983, p. 47).

As relações de gênero, enquanto parte dos aspectos sociais dos grupos, também podem ser expressas no ritual funerário. Nesses contextos, os principais domínios da vida tribal – doméstico, econômico, legal, cerimonial e mágico – (MALINOWSKI, 1983) e todas as tramas sociais podem ser dissimulados ou mesmo evidenciados, como assinalou Max Gluckman (1937, p. 119 *apud* CUNHA, 1970, p. 42): “os costumes mortuários reconstituem relações alteradas por uma morte”.

Da mesma forma, Lévi-Strauss (1996 *apud* RIBEIRO, 2002), em relação aos Bororo, afirma que a representação que a sociedade faz da relação entre vivos e mortos é um modo de ocultar, embelezar ou justificar as relações existentes entre os vivos.

Nos sítios Justino e Furna do Estrago, o estudo dos dados mortuários biológicos e culturais nos indica que há diferenças e similaridades nos papéis atribuídos aos gêneros masculino e feminino. O primeiro elemento a ser destacado como indicador gênero são as paleopatologias dentárias.

A saúde bucal dos indivíduos sepultados no sítio Justino é bastante precária, pois, conforme afirma Carvalho (2006), é possível diagnosticar casos de abrasão dentária severa até mesmo em indivíduos com idade em torno dos 06 anos. Tais lesões acarretam perdas dentárias e lesões infecciosas. Em indivíduos adultos, essa lesão é o reflexo não apenas do tipo de alimentação abrasiva que consumiam, mas também de fatores ambientais, sociais e biológicos que tem grande influência sobre essas lesões, bem como a prática de atividades artesanais, confecção de cestas, esteiras de palha ou couro, por exemplo, que exigem a utilização dos dentes como ferramenta.

Ao constatarmos a relativa similaridade no percentual de abrasão dentária entre indivíduos femininos e masculinos no sítio Justino, passamos a considerar essa lesão como indicador de semelhanças entre mulheres e homens, haja vista não buscarmos, neste trabalho, apenas as diferenças, mas também similaridades, na compreensão da forma como os gêneros interagem socialmente. Portanto, é possível inferir que, entre os gêneros feminino e masculino, determinadas

atividades de manufatura eram compartilhadas, bem como alguns tipos de alimento, que juntos provocaram os casos de abrasão dentária identificados.

Dentro ainda da categoria “Dados mortuários biológicos”, a hipoplasia dentária também foi considerada um indicador de papéis de gênero, mostrando diferenças entre estes. Pois essa lesão pode ser consequência de eventos sistêmicos, traumáticos, ambientais ou genéticos ocorridos durante a infância, fase de desenvolvimento dos dentes, o que interfere na formação normal da matriz do esmalte, causando defeitos e irregularidades na sua superfície dentária (RIBAS E CZLUSNIAK, 2004).

O resultado obtido para a hipoplasia dentária nesta pesquisa indica um quadro de deficiência nutricional que acometeu, em maior proporção, os indivíduos do sexo feminino, entre os grupos sepultados no sítio Justino.

Considerando a etiologia nutricional da hipoplasia dentária, observamos que grande parte do seguimento social feminino e uma pequena parte do seguimento social masculino sofreram de carência nutricional, apresentando déficit das vitaminas A, C e D, cálcio e fósforo durante o período da infância. Infelizmente, de acordo com Carvalho (2006), não foi possível verificar a coexistência da hipoplasia dentária com indicadores ósseos de desnutrição, como a criba orbitálica, hiperostose porótica e linhas de harris.

A partir do exposto acerca das hipoplasias dentárias, levantamos a hipótese de que, durante os períodos em que havia alimentos, mas não o suficiente para todo o grupo, por motivos de seca, ou outros, os indivíduos infantis do sexo masculino foram privilegiados em detrimento dos indivíduos infantis e do sexo feminino. No entanto, a hipoplasia dentária percebida nos homens é reflexo de períodos de escassez total de comida, nos quais todo o grupo fora afetado. Assim, essa lesão pode nos indicar que nesse(s) grupo(s), os homens tinham *status* maior que as mulheres, haja vista os indivíduos adultos darem preferência a alimentar os meninos.

O resultado a seguir reforça nossa hipótese anterior sobre a divisão alimentar entre os gêneros masculino e feminino no sítio Justino. A cárie dentária indica alimentação rica em carboidratos e apenas indivíduos masculinos (6, 45%), foram identificados com essa patologia.

Allende (2008, p. 259), em seu estudo intitulado “*La antropología dental: su aplicación como indicador de dimensiones sociales y sexuales en poblaciones Tiwanaku y Chiribaya de Los Andes sur peruanos*”, obtém resultado semelhante no que se refere ao maior número de indivíduos masculinos acometidos por cáries do que os indivíduos femininos. A autora comparou dois grupos, Tiwanaku e Shiribaya, por meio das patologias dentárias e buscou diferenças entre os gêneros intrassítio e intersítio. Foi observado, de modo geral, que os tiwanaku sofreram continuamente e em maior grau de lesões cariosas, sendo as crianças o segmento social menos afetado, seguido pelas mulheres, e finalmente os homens, que apresentavam um maior número de cáries, concluindo que os homens possuíam uma dieta mais rica em carboidratos que a das mulheres.

No sítio Furna do Estrago, não foram utilizados dados sobre patologias dentárias¹⁵, contudo a categoria “dados mortuários culturais” nos auxiliou na construção deste pano de fundo das relações de gênero nesse sítio. Foram diversas variáveis estudadas, como destacado no capítulo IV desta dissertação, no entanto, apenas as elencadas a seguir nos permitiram fazer inferências a respeito das relações de gênero. Apesar de não terem sido encontrados materiais cerâmicos ou líticos, os demais acompanhamentos funerários foram estudados.

Os adornos encontrados nas sepulturas do sítio Furna do Estrago – contas de colar e pingentes – foram confeccionados utilizando todo o material disponível na região, como sementes, ossos e dentes de animais, conchas e também minerais, como a amazonita. Nem todos os indivíduos possuíam tais artefatos, sugerindo, assim, como no sítio Justino, que determinados indivíduos possuíam *status* mais elevado do que outros.

Tais observações a respeito do *status* dos indivíduos, e conseqüentemente das divisões de gênero, tem como base teórica a tese de Saxe (1970), *Social dimensions of mortuary practices*, e o artigo de Binford (1971), *Approaches to the social dimensions of the Mortuary practices*.

¹⁵ Não foi possível realizar a análise do material ósseo e dentário proveniente do sítio Furna do Estrago que se encontra nas dependências do Laboratório e Museu de Arqueologia da Universidade Católica de Pernambuco porque não foi permitido o acesso ao acervo ósseo, pois o laboratório encontra-se em processo de mudança.

Na variável “adornos”, identificamos que há uma perceptível divisão de gênero, pois apenas homens, com exceção de um indivíduo do sexo feminino, possuíam pingentes. Tais ornamentos eram confeccionados em ossos de animais, mais uma vez associados a indivíduos masculinos. Inversamente ao que ocorre no sítio Justino, nesse sítio, só homens possuíam colares confeccionados com dentes de animais e contas de conchas. As mulheres possuíam colares com contas de conchas e ossos, o único tipo de adorno exclusivo para as mulheres. Os demais ornamentos, como colar de contas de semente e contas de ossos de ave, surgem de forma homogênea no registro arqueológico.

Esse resultado implica na aceitação da diferença entre os gêneros, que se manifestou no ritual funerário e nos acompanhamentos do morto, e refletem, de certo modo, sua importância em vida.

As sementes utilizadas para a confecção de colares no sítio Furna do Estrago representam as espécies da flora local, como os colares confeccionados em sementes de gindiroba (*Fevillea trilobata*), e de pequi (*Caryocar coriaceum* Wittm.). As sementes de gindiroba também possibilitam uso medicinal: seu chá serve para aliviar dores. Talvez seu uso tivesse o significado mágico de afugentar a dor. Tal uso faz sentido, segundo Menezes (2006), pois os indivíduos desse sítio foram acometidos por lesões ósseas degenerativas e diversas fraturas.

Foi observado também um pingente de osso humano, parte do enxoval funerário do indivíduo FE51, sexo masculino. Em algumas culturas, é comum guardar uma relíquia de um parente, marido ou filho morto. Malinowski comenta sobre o uso de tais relíquias que “a excisão de ossos e seu uso subsequente como relíquias constituem um ato de devoção; destaca-los do corpo em estado de putrefação é um dever penoso e repugnante” (1983, p. 170).

Algumas passagens etnohistóricas nos informam sobre a utilização de adornos e acompanhamentos nos rituais funerários. J. de Léry, referindo-se aos Tupinambá, afirma:

Depois de aberta a cova, não comprida como as nossas, mas redonda e profunda como um tonel de vinho, curvam o corpo e amarram os braços em torno das pernas, enterrando-o quase de pé. Se o finado é pessoa de destaque sepultam-no na própria casa, envolvido na sua rede, juntamente com os seus colares, plumas e outros objetos de uso pessoal (LÉRY, 2007, p. 247).

Já entre os Kayapó, conforme afirma Ribeiro (2002, p. 25), a “variabilidade social nos enterramentos do grupo se traduz no que acompanha o morto em seu enterramento, bem como o modo como é sepultado”. Percebemos, então, que parece legítimo sugerir que os indivíduos que receberam exéquias diferenciadas, tanto mulheres quanto homens, poderiam ter uma situação privilegiada dentro do grupo, possivelmente pertencendo a uma “elite”. Contudo, no interior desses grupos privilegiados, também havia distinção entre mulheres e homens, e entre adultos e crianças, fato que verificamos nas sepulturas dos sítios estudados.

A cultura material, como afirma Ribeiro (2002, p. 23), é a “expressão ou manifestação dos conteúdos simbólicos que envolvem as ações práticas dos indivíduos e da sociedade”. Portanto, são imprescindíveis para a compreensão das culturas. Carregados de significado, os objetos sepultados fazem parte da sociedade, e, a partir deles, percebe-se que a organização social é expressa no modo como os indivíduos são inumados e nos objetos depositados como acompanhamentos funerários. Desse modo, ao caracterizar os elementos que fazem parte dos acompanhamentos funerários e a gestualidade funerária e ao observar sua recorrência ou exclusividade nas sepulturas de femininas e masculinas, foi possível a identificação de elementos indicadores de papéis de gênero.

No sítio Justino, identificamos que os vasilhames cerâmicos apresentam-se como indicadores de diferenças entre os gêneros feminino e masculino. Vergne (2004) afirma que materiais cerâmicos foram encontrados em abundância nesse sítio, e indica que há dois tipos deste material em associação com os enterramentos: *fragmentos* e *vasilhames completos*. Os fragmentos, ainda de acordo com Vergne (2004), possivelmente foram depositados já quebrados junto aos mortos, talvez como parte do ritual funerário, já que estavam presentes na maioria das sepulturas de adultos.

Verificamos, em Sene (2007, p. 250), outro caso de objetos quebrados por ocasião da morte dos indivíduos. Nele, uma mão de pilão, um tembetá e uma agulha de tecelagem foram depositadas fragmentadas juntamente com os corpos dos indivíduos, indicando que faziam parte de um ritual. Os vasilhames completos, pelo que a distribuição desses sugere, foram depositados em

enterramentos determinados, em grande parte de indivíduos do sexo masculino. Quanto às formas desses vasilhames, variam entre elipsóide horizontal, esférica e ovóide invertido, mas não há relação da forma com o gênero dos indivíduos.

Nesta dissertação, apenas os vasilhames completos fizeram parte da amostra. Debruçando-se sobre estes vasilhames, Dantas e Lima (2005) apontam para o uso anterior ao ritual funerário. Segundo os autores:

(...) a presença de fuligem nas peças é um forte indicador de processamento de alimentos, e neste caso a sua ocorrência de forma padronizada na superfície dos vasilhames do sítio Justino atesta não só que eles estiveram em contato com as chamas do fogo, mas que cozinharam alimentos, sempre da mesma maneira, independentemente de terem sido encontrados em contexto funerário (DANTAS E LIMA, 2005, p. 133).

Contudo, esses ressaltam que o contato com o fogo não foi diário, sistemático, tal como ocorre com vasilhames domésticos. Nesses, foram preparados alimentos para um número considerável de pessoas, possivelmente em festividades ou rituais:

(...) tendo em vista o porte dos vasilhames e o fato de que eles trabalharam, em sua maioria, no limite da sua capacidade, a julgar pelas marcas de cozimento próximas as suas bordas (DANTAS E LIMA, 2005, p. 140).

Dantas e Lima (2005) propõem que os vasilhames foram utilizados em festas, rituais, momentos específicos, mas com certa frequência, e apenas posteriormente foram utilizados nos rituais funerários.

Esses vasilhames estão associados a 16 indivíduos adultos, e foram utilizados não apenas como acompanhamento funerário em algumas sepulturas, mas também como estrutura funerária, na medida em que se encontravam depositados sobre o crânio de alguns indivíduos e em outros, sobre o crânio e pelve, fazendo com que a estrutura dessas sepulturas seja considerada “mista”. Ou seja, na área protegida pelo vasilhame cerâmico, o espaço é vazio, pois não foi preenchido com sedimento, já na área que entra em contato com o solo, o espaço é preenchido.

Dentre os 16 indivíduos citados, 03 eram do sexo feminino e 13 do sexo masculino. A localização desses vasilhames na sepultura em relação ao indivíduo sugere uma relação de diferenciação entre os gêneros feminino e masculino, dado

07 indivíduos masculinos possuem a descrição da localização desse acompanhamento: em apenas 01 caso o vasilhame foi associado à perna esquerda do indivíduo; em 02 casos, os vasilhames estavam associados ao crânio; em 04 sepulturas os vasilhames foram depositados sobre o crânio e pelve dos indivíduos.

Enterramento semelhante aos descritos foi mencionado por J. de Léry (2007), numa referência aos Tupinambá. Ele afirma que esses indígenas colocavam uma cuia sobre o rosto do morto e também possuíam fogueiras rituais. Infelizmente, o autor não menciona o sexo dos indivíduos enterrados dessa maneira.

Em associação a alguns dos indivíduos masculinos que possuíam a descrição da localização do vasilhame cerâmico, foram encontrados, no interior de tais recipientes, ossos de animais. Alguns desses ossos foram identificados por Queiroz e Chaix (1999), que afirmaram que “todos os ossos parecem ter sido postos dentro de um grande pote cerâmico, o qual teria sido revirado sobre o indivíduo enterrado” (SIMON *et al.* 1999, p. 53).

A relação desses indivíduos masculinos com os animais pode ser interpretada de diferentes formas, pois estes poderiam ser exímios caçadores e por este motivo foram dignos de receber tal oferenda, estes animais poderiam ser de estimação desses indivíduos, ou faziam parte de sua criação. Não poderemos alcançar o real significado, mas informações etnográficas nos informam acerca desta relação “humanos e animais”. Segundo as observações feitas por Malinowski (1983), entre os Trobriand, a criação de animais pertence aos homens. Porém, de acordo com Pohl (1991 *apud* Sene, 2007, p. 250), as mulheres possuíam forte relação com os animais, pois domesticava-lhes, da mesma maneira que “domesticavam” seus filhos.

Percebemos uma tendência nesse(s) grupo(s) do sítio Justino em associar ossos de aves e contas de colares elaboradas a partir desses com indivíduos masculinos. Não obstante, devemos ser cuidadosos com esse resultado, pois, em determinados enterramentos femininos, há alguns esqueletos de animais ainda não identificados.

O material lítico foi encontrado em abundância nas sepulturas do sítio Justino. Castro (2009) afirma que 79,7% das sepulturas apresentam este tipo de

acompanhamento. Esse material está composto de um conjunto de matérias-primas disponíveis na região, variando entre seixos e blocos, de acordo com Mello, Silva e Fogaça (2007).

Assim como Sene (2007) e Escórcio (2008) perceberam em suas pesquisas, o material lítico não indicava diferenças de gênero. No sítio Justino, observamos também que não há exclusividade no tipo de material lítico encontrado nas sepulturas masculinas e femininas. As mulheres possuíam 33,33% do material lítico lascado, enquanto que os homens apresentavam 32,73% destes. Na maioria das sepulturas, observou-se tanto material lítico lascado quanto polido. Nesse caso, as mulheres apresentaram 66,67% e os homens, 67, 27%.

Na verdade, como Castro (2009) observou, a diferenciação está entre os indivíduos adultos, idosos e as crianças. Com os primeiros, foi encontrada uma maior quantidade e variedade de objetos em relação aos últimos. O lítico pode ser um elemento caracterizador de idade no sítio Justino. Apenas um artefato lítico se diferenciou dos demais, foi uma ponta de lança, associada ao enterramento 116, do sexo feminino.

Os adornos no sítio Justino, segundo Vergne (2004) e Castro (2009), não foram utilizados de forma recorrente entre os indivíduos: apenas 12,1% do total de indivíduos – nesse caso, adultos, crianças, homens, mulheres e indivíduos com sexo indeterminado. Os indivíduos masculinos aparecem em associação com tembetá, adorno quase exclusivo masculino (exceção do indivíduo feminino já citado). Colar de contas de pedra, ossos de ave e de animais não identificados foram as matérias-primas utilizadas para a confecção dos seus adornos. Com os indivíduos do sexo feminino, colar feito com dentes de mamífero foi utilizado.

Assim como no sítio Justino, Escórcio e Gaspar (2010), em sua pesquisa, identificaram que adornos confeccionados com dentes de animais estavam associados a indivíduos do sexo feminino. Outros tipos de adornos, como colar de vértebra humana, bracelete e tornozeleira foram identificados apenas com indivíduos do sexo feminino. Os demais tipos de adornos, como o colar de contas de ossos de ave, estavam associados a ambos os gêneros.

Os tembetás encontrados no sítio Justino estão associados quase exclusivamente a indivíduos do sexo masculino, com exceção de um enterramento

feminino (116). Fontes etnohistóricas nos informam sobre o uso de adornos labiais, como o tembetá, em associação aos indivíduos masculinos. J. de Léry afirma:

Os rapazes têm por hábito furar o beijo inferior logo na infância (...), quando adultos, curumim-assú usam no furo do beijo uma pedra verde, espécie de falsa esmeralda, do tamanho de uma moeda do lado de fora e do lado de dentro presa por uma parte mais larga (LÉRY, 2007, p. 113).

Em ambos os sítios foram encontrados artefatos identificados como instrumentos musicais, mais especificamente uma flauta, associada ao enterramento FE11, sexo masculino, conhecido como “o flautista”. Próximo ao artefato foi encontrado um fragmento ósseo possivelmente utilizado como palheta, com diâmetro de 24x18mm e espessura variando entre 09 e 03mm (LIMA, 1985). As dimensões da flauta são as seguintes: comprimento: 327 mm; diâmetro das extremidades: 39x27 mm e 26x18 mm; perfuração: 15x11 mm; largura: 10mm (LIMA, 1985).

No sítio Justino, foram encontradas 03 flautas, 02 delas pertencentes a indivíduos do sexo masculino (enterramentos 42.1 e 45) e 01 parte do acompanhamento funerário do enterramento 142, do sexo feminino. J. de Léry (2007) comenta sobre a utilização deste objeto entre os Tupinambá, pois os mesmos utilizavam “flautas feitas de ossos dos braços e pernas dos inimigos devorados”, e os indivíduos tocavam-na para incitar o bando guerreiro em momentos de batalha.

Obviamente não estamos sugerindo o mesmo uso, mas apenas refletindo sobre o uso deste artefato, que também foi encontrado no sítio Furna do Estrago, estando associado ao indivíduo FE45, do sexo masculino. No sítio Furna do Estrago, instrumentos de madeira (tacape) e osso (espátulas) foram encontrados sempre em associação a indivíduos do sexo masculino.

Os tipos de enterramentos encontrados nos sítios Justino e Furna do Estrago foram primários e secundários. As inumações primárias foram destinadas à maior parte da população. Os enterramentos secundários, porém, apresentam-se em menor quantidade, fato que sugere que tais exéquias foram concedidas apenas a certos indivíduos, talvez importantes ou não, de alguma forma, para o grupo. Esse tipo de enterramento ocorre quando há uma segunda inumação, geralmente após os ossos estarem limpos das partes moles. O grupo

pode esperar o tempo necessário para que haja decomposição do corpo ou encarregar-se de limpar os ossos.

Em nossa amostra proveniente dos cemitérios da Furna do Estrago, apenas 02 indivíduos do sexo masculino receberam o enterramento secundário. Dentre esses, destacamos o FE18, indivíduo do sexo masculino, idoso, pertencente à cronologia antiga de ocupação do sítio e em seu enterramento não há adornos nem envoltório. Verificamos que os enterros secundários parecem, inicialmente, ter relação com o gênero e a idade dos indivíduos, pois crianças e mulheres não receberam esse tipo de tratamento funerário.

Sobre o tema, Cunha (1970, p. 36) observa que, entre os Krahó, “nem todos pareciam ter acesso ao enterro secundário, reservado provavelmente aos homens iniciados e as mulheres associadas aos ritos de iniciação ou a grupos masculinos”. Era o *status* diferenciado que determinava a necessidade ou não do enterro secundário. Esta citação, em contraste com os dados do sítio Justino, na qual 17 indivíduos masculinos e 05 femininos receberam enterramento secundário, levamos a refletir sobre a maior quantidade de indivíduos masculinos observada nos enterramentos secundários.

Com base nisso, propomos que o enterramento secundário tenha relação com o grupo de maior influência naquela sociedade e as mulheres que receberam esse tipo de enterramento, no sítio Justino, faziam parte do grupo influente dentro de sua cultura, seja pelo mérito, por questões ritualísticas ou mesmo pela associação com indivíduos masculinos.

Observamos também que, além do enterramento secundário, determinados indivíduos receberam tratamento nos ossos, ou seja, tiveram as epífises dos ossos longos cortadas e polidas. Foram os enterramentos 83 e 105, sexo masculino e enterramento 10, sexo feminino. Outro tipo de tratamento nos ossos é a pintura elaborada com ocre. Dois indivíduos do sexo masculino, enterramentos 18 e 81, provenientes de enterramentos secundários, tiveram ossos pintados de vermelho. Talvez o ocre e a pintura corporal estejam associados ao gênero masculino, pois, além dos 02 casos citados cujos ossos estão pintados de vermelho, apenas indivíduos masculinos – 04 ao todo – possuíam material corante (ocre em blocos) em suas sepulturas.

A posição do corpo dos indivíduos sepultados no sítio Justino nos indicou que exclusivamente indivíduos masculinos (6,39%) foram enterrados em Decúbito ventral (DV). As demais posições demonstram que há uma tendência maior para um gênero ou outro, como o Decúbito dorsal (DD), onde 14, 29% das mulheres foram enterradas nesta posição, já entre os homens, foram 31,91%; o Decúbito lateral direito (DLD) esteve presente em 35,71% das sepulturas femininas e em 40,42% das masculinas; já o Decúbito lateral esquerdo (DLE) foi identificado em 50% das sepulturas femininas e em 21,28% das masculinas, mas não há posição exclusiva para mulheres e homens.

Para além desses resultados, Castro (2009) apresentou um panorama que condiz com as respostas que obtivemos, pois, segundo a autora afirma, a recorrência da posição do corpo em relação à idade dos indivíduos se apresenta da seguinte forma: adultos são maioria nas posições DLD e DLE; DLD e DD para adolescentes; DD e DLD para crianças; e DD para idosos. Não há comentários sobre a posição DV. No sítio Furna do Estrago, de acordo com Castro (2009), a idade foi fator diferencial na posição do corpo no enterramento. Observou-se que a posição predominante para os adultos e adolescentes foi o decúbito lateral, tanto direito quanto esquerdo, não havendo relação da lateralidade com o sexo.

Quanto à flexão dos indivíduos na cova, verificamos certa homogeneidade entre os gêneros. Os únicos casos de exceção foi “estendido” – apenas homens estavam com o corpo, membros superiores e inferiores desta forma –, demonstrando uma preferência masculina para esta posição. Já em “parcialmente estendidos”, percebemos uma predominância maior das mulheres.

Castro (2009) afirma que, no sítio Furna do Estrago, nos indivíduos adultos, a esteira e a palha foram utilizadas separadamente e também em conjunto; nas crianças, foi constatado o uso predominante de esteiras, seguido da palha e do trançado. A autora também observou que a esteira e a palha foram utilizadas durante as três ocupações. Já o trançado teve um uso mais restrito: provavelmente estava associado a sepulturas de indivíduos com posição social mais destacada neste grupo. Já a palha e a esteira estavam associadas à maioria dos enterramentos, sendo, portanto, um elemento recorrente nas estruturas funerárias deste sítio (CASTRO, 2009, p. 146).

Entre os indivíduos masculinos, houve maior quantidade de tipos e combinações, como esteira e palha; esteira, palha e trançado; palha e trançado; esteira. Não verificamos a utilização somente de palha, como se percebeu em sepulturas femininas, cuja variedade é menor: apenas palha; esteira; esteira e palha, não sendo utilizados trançados.

Esse resultado, somado aos demais, sugere que pode haver uma divisão social entre homens e mulheres, pois a alguns foi destinado um funeral diferenciado, como o secundário e a utilização do trançado. A todas as mulheres e alguns homens (possivelmente com menor prestígio no grupo), foi destinado o enterro comum, sem diferenciações. Podemos supor, então, que a desigualdade não se encontrava apenas entre os gêneros masculino e feminino, mas que havia um seguimento privilegiado dentro do grupo.

O material vegetal encontrado no sítio Furna do Estrago, utilizado para a confecção de esteiras, bolsas e cestas, foi identificado por Lima (1985) como sendo de palmeira (*Attalea*) e predominantemente de ouricuri (*Syagrus coronata*), enquanto os cordões foram confeccionados de fibras de caroá (*Neoglaziovia variegata Mez.*). O bom estado em que alguns exemplares de material vegetal se encontravam possibilitou a identificação de algumas técnicas de confecção.

No sítio Justino, há dois indivíduos que se destacam em nossa amostra – os indivíduos 116 e 142. Esses possuem características similares e são do sexo feminino, com idade entre 15 e 19 anos. Essas fazem parte da mesma ocupação, cemitério B. Os padrões observados em seus enterramentos diferem dos observados nas demais sepulturas femininas e, apesar de manterem determinados elementos em comum, seu padrão se aproxima mais dos indivíduos masculinos. Ambos os indivíduos não foram acometidos pela hipoplasia dentária, e, portanto, não se enquadram no grupo de indivíduos femininos que supostamente teriam recebido menor quantidade de alimentos em detrimento dos indivíduos masculinos.

Em seus acompanhamentos funerários, foram identificados, entre outros adornos, um tembetá, que tanto etnograficamente, quanto no sítio Justino, está associado aos indivíduos masculinos. O indivíduo 142 é o único do sexo feminino, no sítio Justino, que possui um instrumento musical, mais especificamente uma

flauta. Ambos possuem vasilhames cerâmicos. Quanto à localização: no enterramento 116, os vasilhames estavam dispostos sobre o crânio e pelve, continham restos ósseos de animais; já no enterramento 142, o vasilhame fora depositado no lado esquerdo do crânio e não havia material faunístico associado. Nos dois enterramentos, o tipo de material lítico associado foi apenas lascado, sendo que ao enterramento 116, está associada a única ponta de lança encontrada no sítio Justino.

Além disso, estudos recentes, como Santana (2010), sugerem que o enterramento 116 tenha sofrido decapitação, pois seu crânio estava desarticulado com o pós-crânio e encontrava-se posicionado em decúbito lateral esquerdo ao lado do úmero direito.

Todas essas diferenças elencadas, decerto, tornam esses indivíduos diferenciados dentro do grupo. Esse resultado apresenta um panorama diferente do alvitrado por Vergne (2004), no qual propõe que as mulheres tenham elevado seu *status* no grupo com o passar da idade, posteriormente aos 35 anos.

Ao contrário dos elementos que compõem o ritual fúnebre, como posição e flexão do indivíduo, que em muitos casos, nos indicam uma divisão por idades, as relações de gênero são complexas e mutáveis. Cada grupo age segundo sua própria cultura, definindo os espaços de mulheres e homens na sociedade.

O contexto funerário, como portador de simbolismos da cultura que sepultou seus mortos naquele local, permite estudos e interpretações variadas. A perspectiva de gênero, assim, permitiu que identificássemos elementos que marcaram a desigualdade entre os gêneros no sítio Justino, mas há também elementos que indicam semelhanças.

6.1. Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi verificar nas estruturas funerárias indicadores de gênero que possibilitassem nossa interpretação acerca dos papéis exercidos por mulheres e homens sepultados nos sítios Justino e Furna do Estrago. Buscamos, assim, identificar elementos tanto da cultura material

funerária – carregada de significados, também simbolicamente sexualizada, quanto biológicos, representantes das diferenças ou igualdades entre os gêneros. Visando atingir o objetivo proposto e confirmar nossa hipótese, utilizamos uma metodologia sistemática e ordenada, agregando análises laboratoriais a dados secundários e formando, assim, um banco de dados que admitirá pesquisas futuras. Nossos resultados foram submetidos à análise estatística descritiva, o que permitiu observar recorrências e diferenças na cultura material nas características do enterramento e nas patologias dentárias entre os gêneros.

Concluimos que as relações de gênero se apresentam de maneira diferente nos dois sítios em estudo. No sítio Justino, percebemos, a partir da observação de patologias dentárias como hipoplasia e cárie e também da ritualidade funerária, diferenças entre mulheres e homens mais marcadas tanto na alimentação, quanto na materialidade funerária. Propomos que, no sítio Justino, há um grupo de indivíduos masculinos que receberam exéquias diferenciadas dos demais indivíduos, como mulheres, crianças e mesmo de outros indivíduos masculinos, sugerindo, assim, um *status* diferenciado para este grupo masculino.

Contudo, há dois indivíduos femininos que poderiam ser enquadrados neste grupo diferenciado: os indivíduos provenientes dos enterramentos 116 e 142. A relação dessas duas mulheres com os indivíduos masculinos “centrais” pode ter origens diversas (parentesco, ritual), a qual apenas em pesquisas futuras, centradas nesses dois indivíduos, poderemos abordar de forma mais intensa essas questões. Dessa forma, podemos sugerir que no sítio Justino as relações de gênero, de *status* e idade são estruturantes na sociedade.

Algumas variáveis, como “instrumentos líticos” e “hipoplasia dentária”, por exemplo, apontam para diferenciação não apenas de gênero, mas também na idade dos indivíduos.

No sítio Furna do Estrago, apesar de não possuímos informações acerca das patologias dentárias, as diferenças observadas nos dados mortuários culturais indicam que a relação principal ou estruturante entre esse(s) grupo(s) consiste na idade dos indivíduos, pois entre adultos e crianças há diferenças no tratamento funerário, com exceção dos enterramentos secundários, que não foram

relacionados a indivíduos infantis. Assim, há formas diferentes de inumar crianças recém-nascidas, adolescentes, adultos e idosos.

Considerando os resultados obtidos com o estudo de gênero nos sítios Justino e Furna do Estrago, podemos afirmar que o problema levantado nesta pesquisa acerca da existência de indicadores de gênero no contexto funerário, ao final deste trabalho, obteve uma resposta parcialmente afirmativa, pois foi possível perceber algumas diferenças e semelhanças nas relações entre os gêneros masculinos e femininos. Da mesma forma, a hipótese defendida durante esta pesquisa de que é possível vislumbrar papéis de gênero no estudo do contexto funerário, no estado de saúde-doença e no tipo de alimentação destes indivíduos, também foi parcialmente corroborada.

Algumas limitações se fizeram presentes em nossa pesquisa: a primeira foi o mau estado de preservação em que se encontram os esqueletos do sítio Justino, o que impossibilitou a observação de patologias ósseas, em especial as que acometem os indivíduos por má nutrição, para que pudéssemos fazer o paralelo com as hipoplasias dentárias. Por esse motivo, as patologias ósseas não fazem parte deste estudo; a identificação do sexo dos indivíduos, pois, devido ao já citado mau estado de conservação, grande porcentagem dos indivíduos possui o sexo indeterminado.

A questão cronológica no sítio Justino é uma questão delicada, já que as datas obtidas a partir de fogueiras correspondem ao pacote sedimentar em que estão situados os enterramentos, limitando, por vezes, o objetivo da pesquisa. Assim como Castro (2009) afirmou, a realização de novas datações permitiria estabelecer temporalmente as práticas funerárias entre áreas arqueológicas do nordeste e, além disso, possibilitaria o estudo intrassítio com maior segurança. E atualmente, na Universidade Federal de Sergipe-UFS, está sendo desenvolvido um projeto para datação por meio dos dentes.

O presente estudo, apesar de utilizar dados já descritos em Castro (2009), abre precedentes para estudos sobre a perspectiva da Arqueologia de gênero na região nordeste do Brasil, inclusive na análise de grupos que habitavam os sertões. Isso porque a maior parte dos estudos realizados no Brasil, até o

momento, abordou populações costeiras, habitantes de sambaquis, ou habitantes da Amazônia.

A riqueza cultural dos povos habitantes dos sertões, os Tapuia, como ficaram conhecidos no período de colonização, foi em grande parte apagada da História pelos invasores europeus. Relatos etnohistóricos dão-nos dimensão a dessa riqueza cultural, mas o observador europeu mantinha o olhar crítico de um homem de seu tempo.

Destarte, nos debruçando sobre o registro arqueológico, principalmente o funerário, que nos oferece maior quantidade de variáveis a serem estudadas, temos a possibilidade de vislumbrar ações cotidianas, as quais desvelam relações como entre mulheres/homens, crianças/adultos/idosos, que foram, nesta pesquisa, interpretadas sem vieses feministas, machistas ou sexistas. Na medida do possível, desvencilhamo-nos da perspectiva de gênero ocidental contemporânea para buscar no registro funerário arqueológico os papéis de gênero exercidos por indivíduos femininos e masculinos no período pré-histórico.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALBERTI, B. De género a cuerpo: una reconceptualización y sus implicaciones para la interpretación arqueológica. *In: Intersecciones en Antropología*, n. 2, p. 61-72. 2001.

ALLENDE, M. C. G. La antropología dental: Su aplicación como indicador de dimensiones sociales y sexuales en poblaciones Tiwanaku y Chiribaya de Los Andes sur peruanos. *In: MATEU, T. E.; MEDINA, M. J. L.; ORTEGA, A. N. (Eds.) Mujeres y Arqueología. Nuevas aportaciones desde el materialismo histórico.* Junta de Andalucía: Consejería de Cultura. 2008.

ARMELAGOS, G. J. Bioarchaeology as Anthropology. *In: American Anthropological association.* v. 13, janeiro, p. 27-40. 2003.

ARNOLD, B.; N. L. WICKER (Ed.) **Gender and the Archaeology of Death.** Walnut Creek: Alta Mira Press, 2001.

ARNOLD B. Gender and archaeological mortuary analysis. *In: NELSON, S. M. (Ed.). Handbook of Gender in Archaeology.* 2. ed. Walnut Creek: Altamira Press, p. 137-170. 2006.

BAHN, Paul G; RENFREW, Colin. **Arqueologia – Teoria, Metodos y Practica.** Akal Ediciones, 1993.

BARRETO, A. M. F. ; SUGUIO, K. Possível significado paleoclimático do sistema de dunas fósseis do médio rio São Francisco, Bahia. *In: V Congresso da Associação Brasileira de Estudos do Quaternário - ABEQUA,* Niteroi - RJ. Anais. Niterói - RJ : Editora da UFF, v. 1. p. 32-36. 1995.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo. Fatos e Mitos.** Difusão Européia de Livro: Paris, 1967.

BERROCAL, María, C. Feminismo, teoria y práctica de una arqueología científica. *In: Trabajos de Prehistoria*, 66, nº 2, julho/dezembro, p. 25-43. 2009.

BICHO, N. F. **Manual de Arqueologia Pré-Histórica**. Lisboa: Edições 70. 2006.

BINFORD, Lewis. Mortuary practices: their study and their potential. *In: BROWN, J. A. (Ed.). Approaches to the social dimensions of mortuary practices. **Memoirs of the American Archaeology Society**, n.25, Issue as American Antiquity*, 1971.

BRUMFIEL, Elizabeth M. Methods in feminist and gender archaeology: a feeling for difference – and likeness. *In: NELSON, S. M. (Ed.) **Handbook of gender in archaeology***. 2. ed. Walnut Creek: Altamira Press, p. 31-57. 2006.

BUIKSTRA, J. E.; COOK, D. C. Paleopathology: an American account. *In: **Annual Review of Anthropology***, v.9, p. 433 - 476. 1980.

BUIKSTRA, J, E; UBELAKER, D, H. **Standards for data collections from human skeletal remains**. Fayetteville, Arkansas: Arkansas Archaeological Survey Report, n. 44, 1994.

BUIKSTRA, J. E. BECK, L. A. **Bioarchaeology. The Contextual Analysis of Human Remains**. Oxford: Elsevier. 2006.

BURBANO, Miguel E. D. Patología dental de los antiguos residentes de alto del rey (El Tambo, Cauca) Suroeste de Colombia (CA 1200 – 1600 DC). pp. 94-126. *In: **Boletim de Antropologia***, Universidade de Antioquia, Colombia. Vol. 19, n. 36

CARVALHO, Olívia A. Espondiólise e variações morfológicas congênicas identificadas na população pré-histórica do sítio Furna do Estrago, Pernambuco. *In: **Symposium***, Recife, v. 34, n.2, p. 180 -195, jul./dez. 1992.

_____. **Análise das anomalias de desenvolvimento na população pré-histórica do sítio Furna do Estrago, Pernambuco, Brasil.** Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública/ Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro. 1995.

_____; QUEIROZ, Albérico N. de; VERGNER, Cleonice. A diagnose de sexo e idade dos esqueletos humanos em sepulturas com osso de animais do sítio Justino (Canindé de São Francisco, Sergipe, Brasil). *In: Revista Canindé*. n. 2, p. 275-281. 2002.

_____. **Contribution a L'archeologie bresilienne : etude Paleanthropologique de deux necropoles de la region de Xingo, etat de Sergipe, nord-est du Bresil.** These (Doctorat) - Faculte des Sciences, Département d'Anthropologie et d'Écologie, Universite de Geneve, Geneve. 2006.

CARVALHO, Vânia, C. **Gênero e Artefato. O sistema Doméstico na Perspectiva da Cultura Material-São Paulo, 1870-1920.** EDUSP: São Paulo. 2008.

CASTRO, Viviane, M. C. de. **Marcadores de identidades coletivas no contexto funerário pré-histórico no Nordeste do Brasil.** Tese de doutorado, UFPE. 2009

CLEROT, León F,R. **Trinta anos na Paraíba (memórias corográficas e outras memórias).** Rio de Janeiro, Pongetti, p. 97-153. 1969.

COLINO, Trinidad, N.; GONZÁLEZ, Fernando, M.; JIMÉNEZ-BROBEIL, Silvia.; et al. La población infantil de la Montilla Del Azuer: um estúdio bioarqueologico. *In: Complutum*, v. 21 (2): 69-102. 2010.

CONKEY, Margareth, W.; SPECTOR. Archaeology and the Study of Gender. *In: Advances in archaeological theory and method*, p. 1-29. 1984.

CONKEY, Margareth, W.; GERO, Joan. Tensions, Pluralities, and Engendering Archaeology: An Introduction to Women and Prehistory. *In: CONKEY, M; GERO,*

J. **Engendering Archaeology: Women and Prehistor.** Oxford: Basil Blackwell, p. 3-30. 1991.

CRASS, B. Gender and Mortuary Analysis: What Can Grave Goods Really Tell Us? *In*: ARNOLD, B.; N. L. WICKER (Ed.) **Gender and the Archaeology of Death.** Walnut Creek: Alta Mira Press, 2001.

CUNHA, Manuela, Carneiro da. **Os mortos e os outros.** São Paulo: Editora Hucitec. 1978.

CUVIER, G. **Recherches sur les Ossemens Fossiles.** Paris: Dufour. V. 4, 1820.

DANTAS, Vladimir; LIMA, Tania Andrade. **Pausa para um banquete: Análise de Marcas de Uso em Vasilhames Cerâmicos Pré-Históricos do Sítio Justino, Canindé do São Francisco, Sergipe.** Aracaju: Universidade Federal de Sergipe. 2005.

DE FRANCO, Clarissa. **A cara da morte: os sepultadores, o imaginário fúnebre e o universo onírico.** São Paulo: Editora Ideias & Letras. 2010.

DÍAZ-ANDREU, M. Gender Identity. *In*: DÍAZ-ANDREU, M. et al. **The Archaeology of identity.** New York: Routledge, p. 13 – 42. 2005.

ESCÓRCIO, E. M. **Pescadores-coletores do litoral do estado do Rio de Janeiro: um olhar sobre idade e gênero.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arqueologia, Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2008.

ESCÓRCIO, E. M; GASPAR, M. D. Um olhar sobre gênero: estudo de caso – sambaquieiros do RJ. *In*: **Revista de Arqueologia.** v. 23, n. 1, julho, p.72-87. 2010.

ESPER, J. F. **Ausförlliche Nachrichten von Neuentdeckten Zoolithen Unbekannter Vierfüssiger Thiere.** Nüremberg: Erben. 1774.

ESTÉVÃO, C. O ossuário da Gruta do Padre em Itaparica e algumas notícias sobre remanescentes indígenas no Nordeste. *In: Boletim do Museu Nacional.* v.14-15, (a. 1938-1941). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, p. 150-210. 1943.

FAGUNDES, M. **Sistema de assentamento e tecnologia lítica: organização tecnológica e variabilidade no registro arqueológico em Xingó, baixo São Francisco, Brasil.** Tese de doutorado apresentada ao Museu de Arqueologia e Etnologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2007.

FAHLANDER, F.; OESTIGAARD, T. **The Materiality of Death. Bodies, burials, beliefs.** BAR International Series 1968. 2008.

FERREIRA, L. F.; ARAUJO, A.; CONFALONIERI, U.; CHAME, M; RIBEIRO F. B. Encontro de ovos de ancilostomídeos em coprólitos humanos datados de 7.230 ± 80 anos, no Estado do Piauí, Brasil. *In: FERREIRA, L. F.; ARAÚJO, A.; CONFALONIERE, U. (orgs.). Paleoparasitologia no Brasil. Manguinhos, Rio de Janeiro,* p. 158. 1988.

GIBAJA, J. F.; MAJÓ, T.; CHAMBON, POPPE, R. J.; SUBIRÁ, M. E. Prácticas funerarias durante El Neolítico. Los enterramientos infantiles em El Noreste de la Península Ibérica. *In: Complutum,* v. 21. N. 2, p. 47-68. 2010.

GILCHRIST, R. **Gender and Archaeology. Contesting the past.** London: Routledge ed. 1999.

GONZALO, A. H. Sexo, Género y Poder. Breve reflexión sobre algunos conceptos manejados em la arqueologia Del gênero. *In: Complutum,* v. 18, p. 167-174. 2006.

GOODMAN, A. H.; ROSE, J. C.; ARMELAGOS, G. J. The Chronological Distribution of Enamel Hypoplasia from Prehistoric Dickson Mounds. *In: American Journal of Physical Anthropology*, v.65. p. 65:259-266. 1984.

GOSSE, L. Essai sur les deformations artificielles du crâne. *In: Annales de Hygiene Publique et Medecine Legale*, série 2. Paris: Bailliêre, v. 3, p. 317-393. 1855.

GRAUER, A. L.; STUART-MACADAM, P. (Ed.) **Sex and Gender in Paleopathological Perspective**. Cambridge: University Press. 1998.

GREER, G. **The Female Eunuch**. London: Paladin, 1971.

GROSSI, M. P. Identidade de gênero e sexualidade. *In: Antropologia em Primeira mão*. Florianópolis, p. 1-18. 1998.

GUIMARÃES, M. de F. Trajetória dos feminismos. *In: introdução a abordagem de gênero. In: CASTILLO-MARTÍN, M.; OLIVEIRA, S. de. (coord.). Marcadas a ferro: Violência contra a mulher, uma visão multidisciplinar*. Recife: Secretaria especial de políticas para as mulheres, p. 77-92. 2005.

HILLSON, S. **Dental Anthropology**. Cambridge: University Press. 1996.

HODDER, I. **Interpretación en Arqueología: Corrientes actuales**. Barcelona: Editora Crítica. 1988.

HOLLIMON, S., E.; CALIFORNIA, J. Conseqüências da divisão sexual do trabalho entre os nativos americanos: O Chumash da Califórnia e do Arikara das planícies do norte. *In: Exploring Gender Thought in Archaeology. Selected papers from the 1991 Boone conferece*. Ed. Cheryl Claassen, p. 81-88. 1992.

HOLLIMON, S. E. Sex and Gender in Bioarchaeological Research. Theory, Method, and Interpretation. *In: Social Bioarchaeology*. Agarwal & Glencross (ed.). Wiley-Blackwell. 2011.

HOOTOM, E. **The Indians of Pecos Pueblo: A Study of their Skeletal Remains**. New Haven: Yale University Press. 1930.

HRDLIRKA, A. **Special notes on some of the pathological conditions shown by the skeletal material of the ancient Peruvians**. Smithsonian Miscellaneous Collections, vol. 61, p. 57-69. 1908.

IBÁÑEZ, M. P. de M. Uma visão de La infancia desde La osteoarqueología: desde la Prehistoria reciente a la Edad media. *In: Complutum*, v. 21, n. 2, p. 135-154. 2010.

JARCHO, S. **Human Paleopathology**. New Haven: Yale University Press. 1966.

LARSEN, C; SERING L. Inferring iron deficiency anemia from human skeletal remains: The case of the Georgia Bight. *In: P Lambert (ed.): Bioarchaeological Studies in Life in the Age of Agriculture*. Tuscaloosa: University of Alabama Press, p. 116-133. 2000.

LEINZ, V.; LEONARDOS, O. H. **Glossário Geológico**. São Paulo: Editora Nacional. 1970.

LEOPOLDI, J. S. As relações de gênero entre os coletores-caçadores. *In: Sociedade e Cultura*, v. 7, n. 1, jan/jun, p. 61-73. 2004.

LÉRY, J. de. **Viagem à terra do Brasil**. Rio de Janeiro: Itatiaia editora. 2007.

LÉVI-STRAUSS, C. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: Editora Vozes Ltda.; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1976.

LIMA, J. M. D. de. Pesquisa arqueológica no município do Brejo da Madre de Deus - Pernambuco. *In: Symposium*, Recife, v. 26, n.1, p. 9-60. 1984a.

_____. Arqueologia do Brejo da Madre de Deus, Pernambuco. *In: Clio*, Recife, n.6, p.91-94, (Arqueológica, 1). 1984b.

_____. **Arqueologia da Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus - Pernambuco.** Dissertação (Mestrado em Antropologia Cultural), Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1985a.

_____. Arqueologia da Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus – PE. *In: Clio*, Recife, n.7, p.97-111, (Arqueológica, 2). 1985b.

_____. Arqueologia da Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus-Pernambuco. *In: Clio (Série arqueológica 2)*. Recife, v. 7. p. 07-112. 1988.

_____. Estudos Zôo e Fitoarqueológicos em Pernambuco. *In: Symposium*, Recife, v. 34, n.2, p. 146-179, jul./dez. 1992.

_____.; SOUZA, S. M. F. M. de. O uso do espaço no cemitério pré-histórico da Furna do Estrago: aspectos demográficos e sócio-culturais. *In: III Congresso da Associação Latino-americana de Antropologia Biológica/ II Congresso da Sociedade Brasileira de Paleopatologia (Programa e Resumos)*. Rio de Janeiro, 1994.

_____. **El sitio arqueológico Furna do Estrago – Brasil: Em uma perspectiva antropológica y social.** Tesis (Doctorado en Antropología) – Facultad de Filosofía y Letras, Universidad Nacional Autónoma de México, México, 2001.

LUNA, S. C. **As populações ceramistas pré-históricas do Baixo São Francisco – Brasil.** Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós- Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

Malinowski, B. **A Vida Sexual dos Selvagens**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1983.

MARTÍ, R. F. **La arqueologia Del género: Espacios de mujeres, mujeres com espacios**. Alicante: Espagrafic. Cuadernos de trabajos de investigación, nº 6. 2003.

MARTIN, G. O povoamento pré-histórico do vale do São Francisco. *In: Cadernos de arqueologia*. n. 13, 1997.

MARTIN, G. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. 3ª Edição. Recife: Editora Universitária – UFPE, 1999.

MATEU, T. E. Desde una propuesta arqueológica, feminista y materialista. *In: Complutum*, 2007, Vol. 18: 201-208. 2006.

MEAD, M. **Sexo e temperamento em três primitivas sociedades**. 3ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva. 2009.

MEDEIROS, R. P. Povos Indígenas do Sertão Nordestino no Período Colonial: descobrimentos, alianças, resistências e encobrimento. *In: Revista FUMDHAMentos*, São Raimundo Nonato (PI), v. 1, p. 07-52, 2002.

MELLO & ALVIM, M. C. O grupo pré-histórico da Furna do Estrago e suas relações biológicas com outras populações pré-históricas e atuais do Brasil. *In: Clio (Série arqueológica)*. Recife, v. 4. p.79-83. 1991.

MELLO & ALVIM, M. C.; SOUZA, S. M. F. M. de. Os esqueletos humanos da Furna do Estrago - Pernambuco, Brasil – Nota prévia. *In: Arquivos do Museu de História Natural*, Belo Horizonte, v. 8-9, p. 349-363. 1983/1984.

_____. Os esqueletos humanos da Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, Pernambuco, Brasil – Nota Prévia. *In: Revista Symposium*, Recife, v.26, n.1. p. 61-86. 1984a.

_____. Os esqueletos humanos na Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, Pernambuco. *In: Revista Clio (Série Arqueológica)*. Recife, n.6, p.95-97, 1984b.

MELLO, A. C.; SILVA, R. N.; FOGAÇA, E. **Sonhos em Pedra: Um Estudo de Cadeias Operatórias de Xingó**. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2007.

MENEZES, Ana Valéria A. **Estudo dos macro-restos vegetais do sítio arqueológico Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, Pernambuco, Brasil**. 2006. 100f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

MIGUEL, Ana de. Feminismos. *In: AMORÓS, Célia (coord). 10 Palabras clave sobre La mujer*, Pamplona: Edv, 1995. pp. 217-235.

MILLETT, Kate. **Sexual Politics**. Londres: Virago Press, 1977.

MOLINA PETIT, Cristina. 1994. Dialéctica feminista de La ilustración. *In: Anthropos*, Madrid: 1994. PP. 105-164.

MONTARDO, Deise. **Práticas funerárias das populações pré-coloniais e suas evidências arqueológicas (Reflexões iniciais)**. Dissertação (Mestrado em História)- Pontífica Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Portugal: Europa-América, 1988.

MOTTA, Antônio. **À flôr da pedra: formas tumulares e processos sociais nos cemitérios Brasileiros**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana. 2008.

NICHOLSON, Linda. Interpreting Gender. *In: The Play of Reason: From the Modern to the Postmodern*. Cornell University, 1999. p. 53-76.

OAKLEY, Ann. **La mujer discriminada: biología y sociedad**. Madri: Tribuna Feminista. Ed. Debate. 1977.

ORTNER, Donald, J. Theoretical and methodological issues in paleopathology. *In: D. Ortner and A. Aufderheide (eds.); Human Paleopathology: Current Syntheses and Future Options*. Washington, DC: Smithsonian Institution Press, pp. 5-11. 1991.

ORTNER, D. J. **Identification of pathological conditions in human skeletal remains**. Ed. Academic Press, 2003.

OTT, C. F. Contribuição à arqueologia bahiana. *In: Boletim do Museu Nacional. Série Antropológica*, n. 5. Rio de Janeiro, p. 1-73. 1944.

PALES, L. **Paleopathologie et Pathologie Comparative**. Pads: Masson et Cie. 1930.

PEDRO, J. M. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *In: Revista de História*. São Paulo: 2005. V. 24, n. 1, pp. 77-98.

PERAILE, I. I. Arqueología de la muerte y el estudio de la sociedad: Una visión desde el género en la Cultura Ibérica. *In: Complutum*, v. 18, pp. 247-261. 2007.

PEREIRA, B.C.; ALVIM, M.C. de M. **Manual para estudos craniométricos e cranioscópicos**. Santa Maria: Imprensa universitária – UFSM, 1979.

PEREZ-PEREZ, Alejandro; LALUEZA, Carles. Indicadores de estrés nutricional y patológico en series de época romana en Catalunya. *In: MUNIBE (Antropologia - Arkeologia)*. n. 8, p. 145-151. 1992.

PERROT, Michelle. **Une Histoire des Femmes est-elle Possible?** Paris: Rivage, 1984.

PESEZ, JEAN-MARIE. História da cultura material. *In: A História Nova*. Jacques Le Goff, Roger Chartier, Jacques Revel (Organizadores). 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

PINTO, Estevão. **Etnologia brasileira (Fulniô: os últimos tapuias)**. Brasiliana, n. 285. São Paulo: Ed. Nacional. 1956.

POWEL, M. The Analysis of Dental Wear and Caries for Dietary Reconstruction. *In: ROBERT, G; JAMES, H. M. (Eds). The Analyses of Prehistoric Diets*. p. 307-328. Orlando: Academic Press. 1985.

RAGO, Margareth. Descobrimo Historicamente o Gênero. *In: Cadernos Pagu* (11): 89-98; 1998.

RENFREW, Colin. BAHN, Paul. **Arqueología - Teorias, Metodos y Practica**. Akal Ediciones. 1993.

RIBAS, Andrea de O.; CZLUSNIAK, Gislaine, D. Anomalia do Esmalte Dental: Etiologia, Diagnóstico e Tratamento. *In: UEPG Ci. Biol. Saúde*, Ponta Grossa, v.10, n. 1, mar, p. 23-36.2004.

RIBEIRO, Marily, S. **Arqueologia das práticas mortuárias: uma abordagem historiográfica**. São Paulo: Alameda Editora, 2007.

RIBEIRO, Liliane B. **Limpando ossos e expulsando mortos: Estudo comparativo da rituais funerários em culturas indígenas brasileiras através de uma revisão bibliográfica.** Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em Antropologia Social, Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2002.

RODRIGUES, Claudia. D. **Perfil dento-patológico nos remanescentes esqueléticos de dois sítios pré-históricos brasileiros: o cemitério da Furna do Estrago (PE) e o sambaqui de Cabeçuda (SC).** Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública/ Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 1997.

RODRIGUES, Cláudia, D. Paleopatologia, arqueologia e reconstrução da pré-história. *In: X reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, livro de resumos. Recife, 1999.

RUBIN, Gayle. The Traffic in Women: Notes on the Political Economy of sex. *In: REITER, Rayana, R. (ed.). Toward an Anthropology of Women.* New York: Monthly Review Press, 1975. p. 157-210.

RUFFER, M. Remarks on the histology and pathological anatomy of Egyptian mummies. *In: Cairo Scientific Journal* 4:1-5. 1910.

SANTANA, Sara, B. **Populações Pré-históricas: Limites e abrangências por meio das patologias dentárias.** Monografia apresentada ao Curso de Arqueologia Bacharelado da Universidade Federal de Sergipe. 2010.

SANTOS, Claristella A. Relatório do projeto **“O patrimônio arqueológico pré-histórico no Agreste pernambucano: fronteiras de valorização”.** Recife, 117p. 2007.

SANTOS, José Osmar dos; MUNITA, Casimiro Sepúlveda. **Estudos Arqueométricos de Sítios Arqueológicos do Baixo São Francisco**. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2005.

SAXE, Arthur. **Social dimensions of mortuary practices**. Tese de doutorado, apresenta a University of Michigan: Ann Arbor, 1970.

SCHAAN, Denise, P. Investigando gênero e organização social no espaço ritual e funerário Marajoara. *In: CONGRESSO DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA*, 21-25 set. São Paulo. *Anais...* São Paulo: Sociedade de Arqueologia Brasileira, 2003.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma Categoria Útil de Análise Histórica. *In: Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, 16(2): 5-22, julho/dezembro de 1990.

SEGUNDO, Takeshi K., FERREIRA, Efigênia F. e, COSTA, José E. da. A doença periodontal na comunidade negra dos Arturo's, Contagem, Minas Gerais, Brasil. pp 596-603. *In: Cadernos de Saúde pública*, Rio de Janeiro. Março-abril 2004.

SENE, Gláucia, A, M. **Indicadores de gênero na pré-história brasileira: contexto funerário, simbolismo e diferenciação social. O sítio arqueológico Gruta do Gentio II, Unaí, Minas Gerais**. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SILVA, Andersen Liryo da. **Saúde bucal em indivíduos sepultados no sítio arqueológico "Igreja da Sé", Salvador**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós graduação do Núcleo de Estudos de Saúde Coletiva da UFRJ. 2003.

SILVA, Sérgio F. S. M. da. **Arqueologia das práticas mortuárias em sítios pré-históricos do litoral do estado de São Paulo**. Tese (Doutorado em Arqueologia)

Museu de Arqueologia e Etnologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

SILVA, Sérgio F. S. M. da. Arqueologia das Práticas Funerárias: Resumo de uma estratégia. *In: Revista Canindé*. n. 10, Universidade Federal de Sergipe/MAX, 2007.

SILVA, Jaciara, A. **Diversidade de adornos encontrados nas sepulturas do sítio Justino e sua relação com a Arqueotanatologia**. Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Arqueologia do Núcleo de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe, 2010.

SIMON, Christian; CARVALHO, Olívia A.; QUEIROZ, Albérico N.; CHAIX, Louis. **Enterramentos na necrópole do Justino – Xingó**. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe/Petrobras/CHESF, 1999.

SOFAER, J. Gender, bioarchaeology and human ontogeny. *In: GOWLAND, R.; KNUSEL, C. (eds.) The Social Archaeology of Funerary Remains*. Oxford, UK: Oxbow Books, 155-167. 2006.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana, M. A Emergência da Pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. *In: Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, n° 54, p. 281-300, 2007.

SOUZA, S. M. F. M. de. Traumatismos vertebrais como indicadores de atividade física na população da Furna do Estrago, Pernambuco. *In: ARAÚJO, Adauto. J.G.; FERREIRA, L. F. (Orgs.) Paleopatologia e Paleoepidemiologia: estudos multidisciplinares*. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública/ Fundação Oswaldo Cruz, p. 123-139.(Panorama ENSP, 4). 1992.

SOUZA, S. M. F. M. de; MELLO & ALVIM, M. A população pré-histórica da Forna do Estrago: adaptação humana ao Agreste pernambucano. *In: Revista Symposium*, Recife, v. 34, n.2, p. 123-145, jul./dez. 1992a.

_____; CARVALHO, D. M.; LESSA, A. Paleoepidemiology: is there a case to answer? *In: Memórias do Instituto Oswaldo Cruz* 98 (Supl.): 21-27. 2003.

_____. Bioarqueologia e Antropologia Forense. *In: Anais I Encontro de Arqueologia de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande, p. 89-113, maio 2009.

STEINBOCK, R. *Paleopathological Diagnosis and Interpretation*. Springfield, IL: Thomas. 1976.

STOLLER, Robert J. *Sex and Gender*. New York: Science House, 1968.

STOLKE, Verena. A Mulher é Puro Conto. *In: Revista de estudos feministas*, Florianópolis, 12(2): 264 – maio/agosto. 2004.

TAINTER, Joseph A. Mortuary practices and their study of prehistoric society. *In: SCHIFFER, M. B. Advances in Archaeological Method and Theory*, 1, 1978.

TRIGGER, B.G. *História do pensamento arqueológico*. Editora Odisseus. São Paulo, 2004.

VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978.

VERGNER, M. C. de S. Enterramentos em dois sítios arqueológicos em Xingó. *In: Cadernos de Arqueologia*. Documento 7, 1997.

_____. Estruturas funerárias do Sítio Justino: distribuição no espaço e no tempo. *In: Canindé*, Aracaju, n.2, p. 251-273,dez. 2002.

_____. **Arqueologia do Baixo São Francisco: estruturas funerárias do sítio Justino – região de Xingó, Canindé do São Francisco, Sergipe.** 2004. 362f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

WASTERLAIN, Rosa, S. N. Males da Boca. **Estudo da patologia oral numa amostra das Coleções Osteológicas Identificadas do Museu Antropológico da Universidade de Coimbra (finais do séc. XIX/inícios do séc. XX).** Tese de Doutorado apresentada a Faculdade de Ciência e Tecnologia, Departamento de Antropologia, da Universidade de Coimbra, 2006.

WESOLOWSKI, V.; SOUZA, S. M. F. M. de; REINHARD, K.; CECCANTINI, G. Grânulos de amido e fitólitos em cálculos dentários humanos: contribuição ao estudo do modo de vida e subsistência de grupos sambaquianos do litoral sul do Brasil. *In: Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* 17: 191-210. 2007.

WILLIAMS, H. Human paleopathology, with some original observations on symmetrical osteoporosis of the skull. *In: Archives of Pathology* 7:839-902. 1929.

WOLPOFF, M, H. Interstitial Wear. *In: Phys Anthropol*, v. 57, p. 205-228. 1972 .

APÊNDICES

Apêndice I: Indivíduos de Sexo Definido Sepultados no Sítio Justino (15 páginas).

Apêndice II: Indivíduos de Sexo Definido Sepultados no Sítio Furna do Estrago (07 páginas).

Legenda para as tabelas:

DD: Decúbito Dorsal

DLD: Decúbito Lateral Direito

DLE: Decúbito Lateral Esquerdo

DL: Decúbito Lateral

LE: Lado Esquerdo

LD: Lado Direito

DV: Decúbito Ventral

VC: Voltado para Cima

VB: Voltado para Baixo

APÊNDICE I: INDIVÍDUOS DE SEXO DETERMINADO SEPULTADOS NO SÍTIO JUSTINO

Cronologia	nº da sepultura	Sexo	Idade	Patologia dentária	Tipo de enterramento	Posição do indivíduo na Cova
JUSTA	1	M	Adulto	Não observado	Primário	DLE
JUSTA	3	F	Adulto	Não observado	Secundário	Indeterminado
JUSTA	5	M	Adulto	Não observado	Primário	DLD
JUSTA	6	F	40-49	Abrasão/Hipoplasia	Primário	DLE
JUSTA	9	M	30-39	Abrasão/Hipoplasia	Primário	DLD
JUSTA	10	F	30-39	Abrasão/Hipoplasia	Secundário	Indeterminado
JUSTA	11	M	Adulto	Não observado	Secundário	Indeterminado
JUSTA	13	M	30-39	Abrasão	Primário	DLE
JUSTA	15	M	18-29	Abrasão	Secundário	Indeterminado
JUSTA	16	M	40-49	Não observado	Primário	DLD
JUSTA	19	M	Adulto	Não observado	Secundário	Indeterminado
JUSTA	21	F	40-49	Abrasão/Hipoplasia/Perda ante mortem	Primário	DLD
JUSTA	24	M	50-59	Perda ante morte	Secundário	Indeterminado
JUSTA	27	F	30-39	Abrasão/Hipoplasia	Secundário	Indeterminado
JUSTA	28	M	30-39	Abcesso/Abrasão	Primário	PV
JUSTA	33	M	40-49	Cárie/ Abcesso Apical/Abrasão	Primário	DD
JUSTA	34	M	40-49	Abrasão/Perda ante mortem	Primário	DD
JUSTA	35	M	30-39	Abrasão	Secundário	Indeterminado
JUSTA	36	M	Adulto	Não observado	Primário	PV
JUSTA	40	F	Adulto	Não observado	Primário	DLD
JUSTA	43	F	50-59	Abrasão/Perda ante mortem	Primário	DLE
JUSTA	45	M	18-29	Abrasão/Periodontite	Primário	DD
JUSTA	49	M	18-29	Abrasão	Primário	DLD
JUSTA	50	F	40-49	Abrasão	Primário	DLE
JUSTA	61	M	Adulto	Cárie	Secundário	Indeterminado
JUSTA	63	M	50-59	Não observado	Secundário	Indeterminado
JUSTA	64.1	M	Adulto	Perda ante morte	Secundário	Indeterminado
JUSTA	64.2	M	Adulto	Perda ante mortem/Abrasão	Secundário	Indeterminado
JUSTA	90	M	40-49	Abrasão	Primário	DD
JUSTB	18	M	40-49	Abrasão	Primário	PV
JUSTB	38	M	30-30	Abrasão	Primário	DLE
JUSTB	42.1	M	Adulto	Abrasão/Hipoplasia	Secundário	Indeterminado

Flexão do Corpo	Posição do membro superior Esquerdo	Posição do membro superior Direito	Posição dos membros inferiores
Fortemente Fletido	Fletido	Fletido	Fortemente Fletidas
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
Fortmente Fletido	Fortmente Fletido	Fortmente Fletido	Fortemente Fletidas
Fortmente Fletido	Fortmente Fletido	Fortmente Fletido	Fletidas
Fletido	Fletido	Fletido	Fletidas
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
Fortemente Fletido	Fletido	Fletido	Fletida
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
Fortemente Fletido	Fortemente Fletido	Fortemente Fletido	Fortemente Fletidas
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
Fortemente Fletido	Fletido	Fletido	Fortemente Fletidas
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
Fletido	Fletido	Fletido	Fletido
Estendido	Estendidos	Estendidos	Estendidas
Estendido	Estendido	Estendido	Estendido
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
Fortemente Fletido	Fletido	Fletido	Fortemente Fletidas
Fletido	Fletido	Parcialmente Estendido	Fletidas
Fletido	Indeterminado	Indeterminado	Fletidas
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
Fortemente Fletido	Fortemente Fletido	Fortemente Fletido	Fortemente Fletidas
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
Indeterminado	Estendido	Fletido	Fletidas
Fortemente Fletido	Fortemente Fletido	Fortemente Fletido	Fortemente Fletidos
Semi Fletido	Parcialmente estendido	Parcialmente estendido	Fletidos
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado

Posição do crânio	Posição dos pés	Adorno	Qtd. de adornos	Instrumento Musical	Vasilhame cerâmico
LD	Indeterminado				
Indeterminado	Indeterminado				
Indeterminado	Indeterminado	Colar de conta de ossos	1		
VB	Indeterminado	Colar de contas de pedra	2		
LD	Indeterminado				
Indeterminado	Indeterminado				
Indeterminado	Indeterminado				
LE	Indeterminado				
Indeterminado	Indeterminado				
Indeterminado	Indeterminado				
Indeterminado	Indeterminado				
LD	Indeterminado				
Indeterminado	Indeterminado				
Indeterminado	Indeterminado				
VB	Indeterminado				
VC	Cruzados				Elipsóide Horizontal
VC	Paralelos	Tembetá	1		Elipsóide Horizontal
Indeterminado	Indeterminado	Colar de contas de ossos de ave	1		
VB	Indeterminado				
LD	Juntos				
Indeterminado	Indeterminado	Colar de contas de ossos de ave	1		
Indeterminado	Indeterminado			Flauta de osso	
LD	Indeterminado				
VB	Indeterminado				Elipsóide Horizontal
Indeterminado	Indeterminado				
Indeterminado	Indeterminado				
Indeterminado	Indeterminado				
LE	Indeterminado				
VB	Juntos				
LE	Indeterminado				
Indeterminado	Indeterminado			Flauta de Osso	

Qtd. de Vasilhame cerâmico	Localização do vasilhame cerâmico	Material Faunístico
		Ossos de animal não identificado
		Ossos de ave não identificada
2	Crânio e Cintura Pélvica	Ossos de animal não identificado
2	Crânio e Cintura Pélvica	Ossos de ave (falcão)
1		Ossos de animal não identificado
1		
		Fragmento de osso (trabalhado) de um animal indeterminado
1		

Qtd. de Material Faunístico	Material Corante	Material Lítico	Qtd. de Material Lítico	Tratamento dos Ossos
		Lascado e Polido	7	
		Lascado	2	
		Lascado e Polido	7	
1		Não observado		
		Lascado e Polido	8	
		Não observado		Cortados e Polidos
1		Não observado		
		Lascado e Polido	6	
		Lascado e Polido	6	
		Lascado e Polido	5	
		Não observado		
		Não observado		
1	Ocre em pedaço	Lascado e Polido	7	
		Lascado e Polido	10	
		Lascado e Polido	9	
		Lascado e Polido	7	
		Lascado e Polido	9	
		Não observado		
1		Lascado	2	
		Lascado	5	
		Lascado e Polido	12	
		Lascado	3	
		Lascado	3	
		Lascado	2	
		Lascado	2	
		Lascado e Polido	4	
		Lascado e Polido	5	Pintados de Vermelho
	Ocre em pedaços	Lascado e Polido	7	
		Não observado		

Cronologia	nº da sepultura	Sexo	Idade	Patologia dentária	Tipo de enterramento	Posição do indivíduo na Cova
JUSTB	44	M	Adulto	Perda dentária ante morte	Primário	DLD
JUSTB	46	F	Adulto	Não observado	Primário	DLD
JUSTB	51	F	Adulto	Não observado	Primário	DLD
JUSTB	52	F	Adulto	Não observado	Primário	DLE
JUSTB	54	M	30-39	Abrasão	Primário	DLD
JUSTB	55.1	M	Adulto	Perda dentária ante morte	Primário	DLD
JUSTB	66	M	40-49	Abrasão	Primário	DLE
JUSTB	67	M	Adulto	Não observado	Primário	DLD
JUSTB	69	F	40-49	Não observado	Secundário	Indeterminado
JUSTB	70	F	18-29	Abrasão	Primário	DLE
JUSTB	72	M	Adulto	Não observado	Primário	DLD
JUSTB	73	M	Adulto	Não observado	Primário	DLD
JUSTB	76	M	30-39	Abrasão	Primário	DLE
JUSTB	81	M	18-29	Abrasão	Primário	DLE
JUSTB	85	M	18-29	Hipoplasia	Primário	DLD
JUSTB	86	M	30-39	Abrasão	Primário	DLD
JUSTB	87	M	30-39	Abrasão	Primário	DD
JUSTB	91	M	Adulto	Não observado	Primário	DLD
JUSTB	93	M	18-29	Abrasão	Primário	DLD
JUSTB	95	M	40-49	Abrasão/Perda ante morte	Primário	DLE
JUSTB	98	M	Adulto	Abrasão	Secundário	Indeterminado
JUSTB	99	M	30-39	Não observado	Secundário	Indeterminado
JUSTB	103	F	Adulto	Não observado	Secundário	Indeterminado
JUSTB	109	M	50-59	Não observado	Primário	DD
JUSTB	111	M	30-39	Abrasão	Primário	DLD
JUSTB	112	F	30-39	Abrasão/Hipoplasia	Primário	DD
JUSTB	113.1	M	30-39	Abrasão	Primário	DLD
JUSTB	114	F	18-29	Abrasão/Hipoplasia	Primário	DLD
JUSTB	116	F	15-19	Não observado	Primário	DD
JUSTB	118	M	50-59	Abrasão/Abcesso apical/Perda ante morte	Primário	DD
JUSTB	119	M	30-39	Abcesso Apical/Perda ante morte/Hipoplasia	Primário	DD
JUSTB	131	M	Adulto	Não observado	Primário	DD
JUSTB	142	F	15-20	Abrasão dentária	Primário	DD

Flexão do Corpo	Posição do membro superior Esquerdo	Posição do membro superior Direito	Posição dos membros inferiores
Fletido	Fletido	Fletido	Fletidos
Fletido	Indeterminado	Indeterminado	Fletidos
Semi Fletido	Indeterminado	Indeterminado	Fletidos
Fletido	Fortemente Fletido	Fortemente Fletido	Fortemente Fletidos
Semi Fletido	Fletido	Estendido	Fletidos
Semi Fletido	Estendido	Estendido	Fletidos
Fletido	Fletido	Fletido	Fortemente Fletidos
Fletido	Fortemente Fletido	Fortemente Fletido	Fortemente Fletidos
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
Fletido	Fletido	Fletido	Fletidos
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	Semi Fletidos
Fortemente Fletido	Fortemente Fletido	Fortemente Fletido	Fortemente Fletidos
Semi Fletido	Estendido	Indeterminado	Fortemente Fletidos
Fletido	Fortemente Fletido	Fortemente Fletido	Fortemente Fletidos
Fletido	Fortemente Fletido	Fortemente Fletido	Fortemente Fletidos
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
Fortemente Fletido	Indeterminado	Indeterminado	Fortemente Fletidos
Fortemente Fletido	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
Fortemente Fletido	Fortemente Fletido	Fortemente Fletido	Fortemente Fletidos
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
Indeterminado	Parcialmente estendido	Parcialmente estendido	Semi Fletidos
Fletido	Fortemente Fletido	Fortemente Fletido	Fortemente Fletidos
Indeterminado	Parcialmente estendido	Parcialmente estendido	Parcialmente estendidos
Fletido	Indeterminado	Estendido	Fletidos
Fletido	Fletido	Fletido	Fletidos
Indeterminado	Estendido	Estendido	Estendidos
Fletido	Fletido	Fletido	Fletidos
Fletido	Fletido	Estendido	Fletidos
Não informado	Parcialmente estendido	Fletido	Estendidos
Não informado	Fletido	Fletido	Fletidos

Posição do Crânio	Posição dos pés	Adorno	Qtd. de adornos	Instrumento Musical	Vasilhame cerâmico
LD	Indeterminado				
LE	Indeterminado				
LD	Indeterminado				
LE	Indeterminado				
LD	Indeterminado				
LD	Juntos				Elipsóide Horizontal
LE	Indeterminado				
LD	Indeterminado				
Indeterminado	Indeterminado				
LE	Indeterminado				
LD	Indeterminado				
LE	Indeterminado				
Indeterminado	Indeterminado				
LE	Indeterminado				
Indeterminado	Indeterminado				
LD	Indeterminado				
Indeterminado	Indeterminado				
LE	Indeterminado				
LE	Indeterminado				
Indeterminado	Indeterminado				
Indeterminado	Indeterminado				
Indeterminado	Indeterminado	Colar de conta de ossos	1		
Indeterminado	Indeterminado				
LD	Paralelos	Tembetá	1		Elipsóide Horizontal
LD	Indeterminado	Colar de Conta de Ossos	1		
LD	Paralelos	Colar de Conta de Dentes de Mamífero	1		
LD	Indeterminado				
LD	Indeterminado	Colar de Conta de Ossos	1		
Indeterminado	Paralelos	tembetá,bracelete,tornozeleira	3		Elipsóide Horizontal
VC	Indeterminado		1	Flauta de osso	Elipsóide Horizontal/Esférica
LD	Indeterminado				Elipsóide Horizontal
LD	Indeterminado	Tembetá	1		Esférica
LD	Indeterminado	Tembetá	1	Flauta de osso	Elipsóide Horizontal

Qtd. de Vasilhame cerâmico	Localização do vasilhame cerâmico	Material Faunístico
1	Crânio	Ossos de animal não identificado (mamífero)
		Ossos de animal não identificado (mamífero)
		Ossos de animal não identificado
1	Crânio	
		Crânio de animal não identificado próximo ao crânio
2	Crânio e Cintura Pélvica	Ossos de animal não identificado
2	Crânio e Cintura Pélvica	Úmero fragmentado animal de pequeno porte (roedor)

2	Crânio e Cintura Pélvica	Esqueleto de mustelídeo (<i>Galactis cuja</i>) e ave indeterminada
1	Não informado	Ossos de ave
1	Lado esquerdo do Crânio	

Qtd. de Material Faunístico	Material Corante	Material Lítico	Qtd. de Material Lítico	Tratamento dos Ossos
		Lascado e Polido	7	
		Lascado	5	
		Lascado	6	
		Não observado		
		Lascado e Polido	9	
1		Não observado		
		Lascado e Polido	6	
		Lascado	3	
		Lascado	6	
		Lascado e Polido	5	
	Ocre em pedaços	Lascado	4	
		Lascado e Polido	6	
		Lascado e Polido	13	
		Lascado e Polido	6	Pintados de Vermelho
		Lascado e Polido	6	
		Lascado e Polido	7	
		Lascado	5	
	Ocre em pedaços	Lascado	3	
		Lascado e Polido	11	
		Lascado	4	
		Não observado		
		Lascado	3	
		Lascado	7	
		Lascado	5	
		Lascado e Polido	3	
		Lascado e Polido	7	
		Lascado e Polido	6	
		Lascado e Polido	7	
		Lascado		
		Lascado e Polido	5	
		Lascado e Polido	5	
		Lascado e Polido	9	
		Lascado		

Cronologia	n° da sepultura	Sexo	Idade	Patologia dentária	Tipo de enterramento	Posição do indivíduo na Cova
JUSTB	132	M	30-39	Abrasão	Primário	DD
JUSTB	137	M	Adulto	Não observado	Primário	DD
JUSTB	139	M	18-29	Abrasão/Hipoplasia/Cárie	Primário	DLD
JUSTB	141	M	Adulto	Não observado	Primário	DD
JUSTB	152	M	30-39	Abrasão	Primário	DD
JUSTB	156	M	40-49	Cárie/Abrasão/Perda ante mortem	Primário	DD
JUSTC	78.1	M	40-49	Perda ante mortem	Indeterminado	DLE
JUSTC	78.2	F	40-49	Perda ante mortem	Indeterminado	Indeterminado
JUSTC	78.3	M	Adulto	Não observado	Indeterminado	Indeterminado
JUSTC	83	M	18-29	Abrasão/Hipoplasia	Secundário	Indeterminado
JUSTC	96	M	50-59	Abrasão	Secundário	Indeterminado
JUSTC	97	M	Adulto	Não observado	Secundário	Indeterminado
JUSTC	105	M	Adulto	Não observado	Secundário	Indeterminado
JUSTC	107	M	50-59	Abrasão	Secundário	Indeterminado
JUSTC	108	M	18-29	Abrasão	Primário	DLE
JUSTC	122.1	M	18-29	Abrasão	Primário	DD
JUSTC	123	F	50-59	Abrasão/Periodontite/Abcesso Apical	Primário	DLE
JUSTC	126	F	Adulto	Não observado	Primário	DD
JUSTC	127	M	30-39	Abrasão	Primário	DLD
JUSTC	128	M	Adulto	Não observado	Primário	DLD
JUSTC	134	F	18-29	Abrasão/Hipoplasia/Abcesso	Primário	DLE
JUSTC	144	M	Adulto	Não observado	Primário	DLE
JUSTC	149	F	18-29	Abrasão/Hipoplasia	Secundário	Indeterminado

Flexão do Corpo	Posição do membro superior Esquerdo	Posição do membro superior Direito	Posição dos membros inferiores
Indeterminado	Estendido	Estendido	Estendidos
Indeterminado	Estendido	Estendido	Estendido
Fletido	Estendido	Parcialmente estendido	Semi Fletidos
Fortemente Fletido	Estendido	Estendido	Fortemente Fletidos
Indeterminado	Estendido	Estendido	Indeterminado
Indeterminado	Parcialmente estendido	Estendido	Estendidos
Semi Fletido	Estendidos	Estendidos	Fletidos
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
Fletido	Fletido	Fletido	Fletidos
Fletido	Estendido	Fletido	Fletidos
Fletido	Fletido	Fletido	Fletidos
Fletido	Fortemente Fletido	Fortemente Fletido	Fortemente Fletidos
Fletido		Fletido	Fletidos
Fletido	Fortemente Fletido	Fortemente Fletido	Fortemente Fletido
Fletido	Fletido	Fletido	Semi Fletidos
Fortemente Fletido	Fortemente Fletido	Fortemente Fletido	Fortemente Fletidos
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado

Posição do crânio	Posição dos pés	Adorno	Qtd. de adornos	Instrumento Musical	Vasilhame cerâmico
Indeterminado	Indeterminado				Elipsóide horizontal
VC	Indeterminado	Colar de contas de pedra	1		Vasilha Alisada
LD	Indeterminado				
Indeterminado	Indeterminado				
LD	Indeterminado				
LD	Indeterminado				Ovóide invertido
LE	Juntos				
Indeterminado	Indeterminado				
Indeterminado	Indeterminado				
Indeterminado	Indeterminado				
Indeterminado	Indeterminado				
Indeterminado	Indeterminado				
Indeterminado	Indeterminado				
Indeterminado	Indeterminado				
LE	Indeterminado				
Indeterminado	Indeterminado				Elipsóide Horizontal
LE	Indeterminado				
Indeterminado	Indeterminado				
LE	Indeterminado				Ovóide Invertido
Indeterminado	Indeterminado				
LE	Cruzados				

LE	Indeterminado				Cachimbo
					Vasilha alisada/cachimbo

Qtd. de Vasilhame cerâmico	Localização do vasilhame cerâmico	Material Faunístico
2	Perna esquerda	
1		
1		
1		
		Ossos de animal não identificado
1		
1		
1 e 1		

Qtd. de Material Faunístico	Material Corante	Material Lítico	Qtd. de Material Lítico	Tratamento dos Ossos
		Lascado e Polido	5	
		Lascado	5	
		Lascado	4	
		Lascado	5	
		Lascado e Polido	9	
		Lascado e Polido	12	
		Lascado e Polido	8	
		Não observado		
		Não observado		
		Lascado	4	Cortado e Polido
		Não observado	4	
		Lascado	4	
		Lascado e Polido	6	
		Lascado e Polido	6	Cortado e Polido
		Lascado e Polido	7	
		Lascado e Polido	9	
		Lascado e Polido	8	
		Lascado e Polido	7	
		Lascado e Polido	7	
		Lascado e Polido	11	
		Lascado e Polido	8	
		Lascado e Polido	7	
		Lascado e Polido	7	

APÊNDICE II: INDIVÍDUOS DE SEXO DEFINIDO SEPULTADOS NO SÍTIO FURNA DO ESTRAGO

Cronologia	nº da sepultura	Sexo	Idade	Paleopatologias dentárias
Recente	FE17	M	Adulto/Jovem	Abcesso/Periodontite
Recente	FE28	M	Adulto	Cálculo/Periodontite
Recente	FE32	F	Adulto/Jovem	Não observado
Recente	FE33	F	Adulto/Jovem	Abcesso/Periodontite
Recente	FE45	M	25-35	Cárie/Cálculo/Abcesso/Periodontite
Recente	FE51	M	17-25	Cárie/Cálculo/Periodontite/Hipoplasia/Abcesso
Recente	FE87.1	M	Adulto	Não observado
Recente	FE87.5	F	Adulto	Não observado
Recente	FE87.6	M	Adulto/Jovem	Não observado
Recente	FE87.11	M	Adulto/Jovem	Não observado
Recente	FE87.13	M	Adulto/Jovem	Não observado
Recente	FE87.23	M	Adulto/Jovem	Não observado
Intermediária	FE1	M	Adulto/Jovem	Cálculo/Periodontite/Abcesso
Intermediária	FE3	F	Adulto/Jovem	Cárie
Intermediária	FE4	M	Adulto/Jovem	Periodontite/Abcesso/Hipoplasia/Cárie/ Cálculo/Abrasão
Intermediária	FE5	M	Adulto	Não observado
Intermediária	FE6	F	Adulto	Não observado
Intermediária	FE7	F	40	Periodontite/Hipoplasia/Abcesso
Intermediária	FE8	M	Adulto/Jovem	Desgaste
Intermediária	FE10	F	Adulto	Não observado
Intermediária	FE11	M	Adulto	Abcesso
Intermediária	FE13	M	Adulto	Não observado
Intermediária	FE14	M	Adulto	Periodontite/Abcesso/Cálculo/Cárie
Intermediária	FE19	F	35	Cálculo/Periodontite/Abcesso
Intermediária	FE22	M	Idoso	Não observado
Intermediária	FE42	F	Adulto	Não observado
Intermediária	FE87.4	M	Adulto/Jovem	Não observado
Intermediária	FE87.8	M	Adulto	Não observado
Intermediária	87.18	M	Adulto	Não observado
Antiga	FE15	M	Adulto	Não observado
Antiga	FE16	M	Adulto	Abcesso/Periodontite
Antiga	FE18	M	Idoso	Não observado

Cronologia	n° da sepultura	Sexo	Idade	Paleopatologias dentárias
Antiga	FE20	F	Adulto/Jovem	Abrasão
Antiga	FE21	M	Adulto	Cálculo/Periodontite/Abcesso
Antiga	FE27	M	40	Não observado

Tipo de Estrutura funerária	Tipo de enterramento	Posição do indivíduo na Cova	Flexão do Corpo
Simple	Primário	Indeterminado	Indeterminado
Simple	Primário	Indeterminado	Indeterminado
Simple	Primário	Indeterminado	Indeterminado
Simple	Primário	DL	Fletido
Simple	Primário	DLE	Fletido
Simple	Secundário	Indeterminado	Indeterminado
Simple	Primário	DLE	Fletido
Simple	Primário	DLE	Fletido
Simple	Primário	DLE	Fletido
Simple	Primário	DLE	Fletido
Simple	Primário	DLE	Fletido
Simple	Primário	DLD	Fletido
Simple	Primário	DLE	Fletido
Simple	Primário	DLE	Fletido
Simple	Primário	DLD	Fletido
Simple	Primário	DLD	Fletido
Simple	Primário	DLD	Fletido
Simple	Primário	DLD	Fletido
Simple	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
Simple	Primário	DLE	Fletido
Simple	Primário	Indeterminado	Indeterminado
Simple	Primário	DLD	Fletido
Simple	Primário	Indeterminado	Indeterminado
Simple	Restos ósseos	Indeterminado	Indeterminado
Simple	Primário	Indeterminado	Indeterminado
Simple	Primário	DLD	Fletido
Simple	Primário	DLE	Fletido
Simple	Secundário	Indeterminado	Indeterminado
Blocos de Rocha	Primário	DLE	Fletido
Indeterminado	Primário	Indeterminado	Indeterminado
Blocos de Rocha	Primário	DLD	Fletido
Tipo de Estrutura funerária	Tipo de enterramento	Posição do indivíduo na Cova	Flexão do Corpo
Simple	Primário	DLD	Indeterminado
Simple	Primário	Indeterminado	Indeterminado
Simple	Primário	DLD	Fletido

Posição do membro superior Esquerdo	Posição do membro superior Direito	Posição das mãos
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
Fletido	Fletido	Região da cabeça
Indeterminado	Semi Fletido	Indeterminado
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
Fletido	Fletido	Indeterminado
Indeterminado	Estendido	Indeterminado
Fletido	Fletido	Região do tórax
Fletido	Parcialmente Estendido	Indeterminado
Fletido	Fletido	Indeterminado
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
Fletido	Fletido	Indeterminado
Fletido	Fletido	Indeterminado
Fletido	Fletido	Região Torácica
Fletido	Fletido	Indeterminado
Fletido	Fletido	Indeterminado
Fletido	Fletido	Região face e joelho
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
Fletido	Fletido	Indeterminado
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
Fletido	Fletido	Indeterminado
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
Fletido	Fletido	Indeterminado
Fletido	Fletido	Região do tórax
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
Fletido	Fletido	Indeterminado
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
Fletido	Fletido	Indeterminado
Posição do membro superior Esquerdo	Posição do membro superior Direito	Posição das mãos
Fletido	Fletido	Indeterminado
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado

Posição da cabeça	Posição dos membros inferiores	Posição dos pés	Adorno
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	Colar de Contas de Pedra
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	Colar de Contas de Ossos de Ave
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	
LE	Fletidos	Indeterminado	Colar de Contas de Osso
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	Pingente de Osso Humano
Indeterminado	Fletidos	Indeterminado	Colar de Contas de Ossos de Ave
LE	Indeterminado	Indeterminado	Colar de Contas de Osso
VB	Fortemente Fletidos	Indeterminado	Colar de Contas de Osso
LE	Fortemente Fletidos	Indeterminado	Colar de Contas de Osso
LE	Fletidos	Juntos	Colar de Contas de Pedra/ C. de Contas de Conchas/C. de contas de osso/ C. de Contas de dentes
LD	Fletidos	Indeterminado	Colar de Contas de Ossos de Ave/ Colar de Contas de Conchas
LD	Fletidos	Indeterminado	Colar de Contas de Ossos de Ave
VB	Fortemente Fletidos	Indeterminado	Colar de Contas de Ossos
LD	Indeterminado	Indeterminado	Colar de Conta de Ossos de Ave/Pingente de Osso
LD	Fortemente Fletidos	Indeterminado	Colar de Costas de Pedra/ Pingente Osso de Mamífero
LD	Fortemente Fletidos	Juntos	Colar de Contas de Concha
LD	Fletidos	Indeterminado	Colar de Contas de Pedra/ Colar de Contas de Conchas e Ossos
VC	Indeterminado	Indeterminado	Colar de Contas de Sementes
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	
LE	Fortemente Fletidos	Indeterminado	Colar de Contas de Osso
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	
LD	Indeterminado	Indeterminado	Colar de Contas de Conchas/Pingente de Osso
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	Colar de Sementes
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	Colar de contas de Conchas/Pingente de Osso de Primata
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	Contas de Colar de Ossos de Ave
Indeterminado	Fletidos	Indeterminado	Colar de Contas de Ossos de Ave
LE	Fletidos	Indeterminado	Colar de Contas de Semente/ Colar de Contas de Ossos de Ave
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	Colar de Contas de Pedra/ Colar de Contas de Concha/ Colar de Contas de Osso
LE	Fletidos	Juntos	Colar de Contas de Pedra
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	
LD	Fortemente Fletidos	Juntos	
Posição da cabeça	Posição dos membros inferiores	Posição dos pés	Adorno
VB	Indeterminado	Indeterminado	Pingente de Pedra
Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	Colar de Contas de Osso
Indeterminado	Fortemente Fletidos	Juntos	

Qtd. de adornos	Instrumento de Osso/Madeira	Material Faunístico	Qtd. de Material Faunístico
1			
2			
1	Tacape		
1			
1			
1			
1		Crânio de Primatas/Concha	5
1			
4			
2			
1			
1			
2			
2	Espátula de Osso de Mamífero		
1			
2			
1			
1	Flauta de osso de ave	Conchas	
2			
2			
2			
1			
1			
2			
3			
1			
Qtd. de adornos	Instrumento de Osso/Madeira	Material Faunístico	Qtd. de Material Faunístico
1			
1			

Material Corante	Envoltório	Material Vegetal
	Esteira	
	Palha	
	Palha	Fibra, Palha e Corda
	Esteira	Cordéis de Caruá e Tronco de Maderia
	Esteira	
Ocre em pedaço	Esteira	
Ocre em pedaço	Esteira, Palha e Trançado	Palha e Trançado
	Esteira	
	Palha	
	Palha e Trançados	Cordéis de Caruá
	Esteira e Palha	Madeira
	Esteira	Palha, Cordéis de Caruá
	Palha	Palha
		Palha
	Esteira e Palha	Palha
	Palha	
	Esteira e Palha	
	Esteira	
	Esteira e Palha	
	Palha	
	Esteira	
	Esteira e Palha	
Ocre em pedaço	Palha	Palha e Fibra Vegetal
Material Corante	Envoltório	Material Vegetal
	Esteira	
	Palha	

